



— •
literatura
livre

A metamorfose

FRANZ
KAFKA

Die Verwandlung (1915)

Tradução: Giovane Rodrigues

Edição bilingue:
PORTUGUÊS • ALEMÃO

Sesc

— •
literatura
livre

A metamorfose

Franz Kafka

Edição Bilingue

— •
literatura
livre

A metamorfose

Franz Kafka

Tradução:
Giovane Rodrigues

Edição Bilingue
Português-Alemão

sesc **mojo**^{org}

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

K118 Kafka, Franz (1883-1924)
A metamorfose / Franz Kafka. Tradução de Giovane Rodrigues. – São Paulo: Instituto Mojo, 2022. (Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI
Disponível em: <https://mojo.org.br>

Título Original: Die Verwandlung. Edição bilingue: Português - Alemão.

ISBN 978-65-89008-23-1

1. Literatura Alemã. 2. Conto. 3. Literatura Fantástica. 4. Realismo Mágico. Título. II. Série. III. Rodrigues, Giovane, Tradutor. IV. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre. VI. Franz Kafka.

CDU 821.112.2

CDD 830

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

A metamorfose

1	7
2	37
3	69
Die Verwandlung	105
I	107
II	137
III	169
Manifesto pela democratização do domínio público	201
Literatura Livre	202
Instituto Mojo	203
Ficha técnica	204

1

Certa manhã, ao acordar de sonhos inquietos, Gregor Samsa se viu em sua cama metamorfoseado num imenso inseto. Estava deitado sobre suas costas, que eram duras como uma carapaça. Ao levantar um pouco a cabeça, viu sua barriga marrom, côncava, toda dividida em arcos; ela se elevava tão alto que o cobertor mal podia cobri-la e deslizava quase por inteiro para o chão. Suas muitas pernas se agitavam desesperadas diante de seus olhos, e eram tão finas em comparação com o resto do seu corpo que dava pena vê-las.

“O que aconteceu comigo?”, ele pensou. Não era um sonho. Seu quarto, um quarto perfeitamente humano, embora pequeno demais, mantinha-se silencioso entre as quatro paredes bem conhecidas. Acima da mesa, sobre a qual se espalhava um mostruário de tecidos desempacotado — Samsa era caixeiro-viajante —, estava pendurada a figura que há pouco tempo ele havia recortado de uma revista ilustrada e posto em uma bela moldura dourada. Na imagem, via-se uma

mulher de chapéu e cachecol, ambos de pele felpuda, sentada com as costas eretas, oferecendo aos olhos do espectador um pesado aquecedor de mãos também de pele felpuda, dentro do qual escondia todo o seu antebraço.

Então o olhar de Gregor se voltou para a janela e o tempo fechado — ouviam-se as gotas de chuva baterem contra as folhas da janela — lhe causou uma forte melancolia. “E se eu dormisse mais um pouco e esquecesse toda essa loucura?”, pensou, mas isso era impossível, pois ele estava acostumado a dormir deitado sobre o seu lado direito; em seu atual estado, contudo, ele não conseguia se pôr nessa posição. Por mais força que fizesse ao tentar se acomodar sobre o seu lado direito, ele sempre balançava de volta, pondo-se de costas. Ele tentou fazer isso uma centena de vezes, fechando os olhos para não ter de ver as pernas inquietas, e só desistiu quando começou a sentir uma dor lateral leve e difusa, que nunca havia sentido antes.

“Ah, meu Deus”, ele pensou, “que profissão cansativa eu escolhi! Dia sim, dia não em viagem. É muito mais tenso trabalhar em casa do que na loja. Além disso, tenho de suportar esse flagelo que é viajar, as preocupações com as conexões dos trens, a comida ruim e em horários irregulares, o contato sempre inconstante com as pessoas, nunca duradouro, um contato que nunca se torna afetuoso. Que o diabo carregue

isso tudo!” Sentiu uma leve coceira na parte de cima da barriga. Sempre de costas, arrastou-se lentamente para mais perto da cabeceira da cama, para que pudesse levantar um pouco mais a cabeça. O lugar que coçava estava repleto de pontinhos brancos, algo que não entendeu bem; quis, então, tocar aquele lugar com uma das pernas, mas imediatamente a puxou de volta, pois foi inteiramente tomado por calafrios ao mais leve contato.

Ele deslizou para a posição em que estava antes. “Acordar assim tão cedo”, ele pensou, “atordoa a gente. As pessoas precisam dormir. Outros caixeiros-viajantes vivem como se estivessem em haréns. Pela manhã, quando eu volto à hospedaria para anotar as encomendas, esses senhores ainda estão tomando os seus cafés. Ah, se eu tentasse fazer isso com o chefe que tenho! Ia direto para o olho da rua. Bem, talvez isso fosse o melhor para mim. Se eu não tivesse de me conter por causa dos meus pais, teria pedido demissão há muito tempo. Entraria na sala do chefe e diria o que penso do fundo do coração. Ele teria de descer daquela mesa alta em que se senta! É mesmo algo muito estranho se colocar assim num pedestal e falar de cima para baixo com um empregado que, além de tudo, tem de se aproximar muito por causa da audição ruim que ele tem. Bem, mas ainda não é hora de abandonar todas as esperanças; assim que eu juntar o

dinheiro para quitar a dívida que meus pais têm com ele — isso deve levar ainda cinco ou seis anos —, faço isso com certeza. Aí terei feito um grande negócio. Mas, enquanto isso não acontece, preciso me levantar, pois meu trem sai às cinco”.

E olhou para cima, na direção do despertador que fazia seu tique-taque sobre o armário. “Pai do céu!”, ele pensou. Eram seis e meia, e os ponteiros avançavam calmamente; era até mesmo mais tarde que isso, quase quinze para as sete. Será que o despertador não havia tocado? Da cama, era possível ver que ele estava ajustado corretamente para tocar às quatro horas. Então ele certamente havia tocado. É claro, mas acaso seria possível ele não ter acordado com o barulho desse despertador, que chegava a fazer os móveis balançarem? Bem, ele sem dúvida havia tido um sono inquieto, mas talvez justamente por isso ainda mais pesado. Mas o que ele deveria fazer agora? O próximo trem saía às sete horas; para pegá-lo, precisaria se apressar absurdamente, o mostruário ainda não estava empacotado, e ele próprio não se sentia completamente descansado e disposto. E, mesmo que conseguisse pegar o trem das sete, seria impossível evitar a tempestade que o chefe faria, pois o auxiliar de escritório havia esperado pelo trem das cinco e já devia ter avisado o chefe a respeito da sua falta. Era um puxa-saco, sem dignidade nem discernimento. E se ele mandasse avisar que estava doente? Isso, porém,

seria extremamente embaraçoso e geraria suspeitas, já que Gregor não havia estado doente uma única vez durante os seus cinco anos de serviço. Certamente o chefe chegaria à sua casa acompanhado pelo médico da assistência de saúde, reclamaria com seus pais, chamando o filho de preguiçoso e não aceitaria nenhuma resposta, aproveitando-se da presença do médico, para quem, aliás, só existem pessoas saudáveis que não gostam de trabalhar. E, no presente caso, será que ele não teria razão? De fato, apesar da grande sonolência que sentia por ter dormido demais, Gregor se sentia bastante bem e, para dizer a verdade, estava faminto.

Ele refletia sobre todas essas coisas muito apressadamente, sem conseguir decidir se saía da cama — o despertador agora indicava quinze para as sete —, quando ouviu uma suave batida na porta que ficava ao lado da sua cabeceira. “Gregor”, chamaram — era a sua mãe —, “faltam quinze para as sete. Você não precisava sair?”. Que voz doce! Quando respondeu, Gregor se assustou ao ouvir o som de sua própria voz. Era, sem dúvida, a sua antiga voz, mas nela se misturava, vindo do fundo, um som esganiçado, dolorido, que não se podia abafar, e que dava às palavras certa clareza num primeiro momento, mas apenas para que seus ecos desfizessem essas mesmas palavras depois, de maneira que, para quem ouvia, não era possível saber se havia escutado corretamente. Gregor queria responder e explicar

tudo em detalhes, mas naquelas circunstâncias se limitou a dizer: “Sim, sim, obrigado, mãe, já estou me levantando”. Como havia uma porta entre eles, provavelmente não era possível notar a mudança na voz de Gregor do lado de fora, pois sua mãe se acalmou com a explicação e se afastou, arrastando os pés. Mas, através dessa curta conversa, os outros membros da família perceberam que, diferentemente do que esperavam, Gregor ainda estava em casa. Logo em seguida seu pai bateu de leve, mas com a mão fechada, em uma das portas laterais. “Gregor, Gregor”, ele chamou, “o que está acontecendo?”. E depois de um breve momento voltou a dizer, agora em tom mais grave: “Gregor! Gregor!”. Na outra porta lateral, sua irmã lamentava em voz baixa: “Gregor? Você está bem? Está precisando de alguma coisa?”. Voltando-se para os dois lados, Gregor respondeu: “Já estou pronto”, esforçando-se para eliminar o que houvesse de estranho em sua voz, pronunciando tudo com cuidado e fazendo uma longa pausa entre cada palavra. Então o pai voltou para o seu café da manhã, mas a irmã ainda sussurrava: “Gregor, abra, eu te imploro”. Mas Gregor sequer cogitava abrir e, em vez disso, agradecia o cuidadoso hábito, adquirido em suas viagens, de trancar todas as portas à noite, mesmo estando em casa.

A princípio, ele queria se levantar com tranquilidade, sem ser incomodado, vestir-se e tomar seu café da manhã

antes de qualquer outra coisa, e só então se preocupar com o resto, pois — isso ele percebia claramente — se ficasse deitado na cama perdido em meditações não chegaria a nenhuma conclusão razoável. Ele se lembrou de já ter sentido com certa frequência algumas dores leves enquanto estava deitado, produzidas talvez por ter dormido em uma posição desconfortável, mas que depois, quando se levantava, acabavam se mostrando apenas uma impressão errada, e estava ansioso para ver como essas impressões de hoje iriam gradualmente se dissipar. Aliás, ele não tinha a menor dúvida quanto ao fato de que a mudança em sua voz não era nada mais do que o prenúncio de um forte resfriado, uma doença funcional típica dos caixeiros-viajantes.

Livrar-se da coberta foi bastante fácil; bastou que ele se inchasse um pouco e ela caiu por si só. Mas continuar foi mais difícil, sobretudo porque ele era extraordinariamente largo. Normalmente, teria usado os braços e as mãos para se pôr em pé; mas, em vez disso, ele tinha apenas as muitas perninhas, que se agitavam sem parar em diferentes movimentos e que, além do mais, ele não conseguia controlar. Quando queria dobrar uma delas, então era justamente essa a que se estendia; e, quando finalmente conseguia fazer o que queria com essa perna, no meio tempo todas as outras se punham a trabalhar na mais penosa agitação, como se não

pertencessem ao corpo. “Não fique deitado na cama como um inútil”, disse Gregor a si mesmo.

Inicialmente, ele quis sair da cama com a parte inferior do corpo, mas essa parte — que, aliás, ele ainda não havia visto e que não podia sequer imaginar como seria — acabou se mostrando muito difícil de mover; tudo era mais lento assim; e quando, finalmente, juntando todas as suas forças e sem muito cuidado, ele se lançou para frente quase selvagemmente, acabou escolhendo a direção errada, bateu com força na pilastra inferior da cama, e a intensa dor que sentiu lhe ensinou que talvez fosse justamente a parte inferior do seu corpo a mais sensível naquele momento.

Então ele tentou começar tirando da cama a parte superior do corpo, e virou a cabeça cuidadosamente para a beirada. Isso foi bastante fácil e, apesar de sua largura e peso, o resto do corpo seguiu lentamente, por fim, na direção da cabeça. Mas quando finalmente estava com a cabeça suspensa para fora da cama, começou a ter medo de continuar a se mover assim, pois seria um milagre se não machucasse a cabeça caso caísse da cama dessa maneira. E, nesse momento, ele não podia de modo algum perder os sentidos; ele preferiria se manter deitado.

Depois de empregar os mesmos esforços, ele se viu suspirando na posição inicial e, mais uma vez, viu suas perninhas

lutarem umas contra as outras de modo ainda mais irritado, se é que isso era possível, sem ver qualquer possibilidade de, nesse estado de espírito, chegar a algum tipo de paz e ordem. Nesse momento, voltou a dizer a si mesmo que não lhe era possível se manter na cama e que a coisa mais razoável a fazer era sacrificar tudo, caso houvesse a mínima esperança de sair dali. Contudo, ao mesmo tempo, insistia em se lembrar de que a mais calma ponderação sempre é melhor que a decisão desesperada. Nesses momentos, fixava os olhos com o maior foco possível na janela, mas, para sua infelicidade, não era possível extrair muita confiança e alegria da visão enevoadada daquela manhã, que encobria até mesmo o outro lado de sua rua estreita. “Já são sete horas”, disse a si mesmo após ouvir soar mais uma vez o despertador, “já são sete horas e ainda essa neblina”. E por um curto instante ele ficou quieto, com a respiração pesada, esperando talvez que o completo silêncio devolvesse às coisas sua normalidade e sua realidade.

Mas então disse a si mesmo: “Antes de sete e quinze, sem falta, preciso ter deixado completamente a cama. Até porque, até lá, alguém da loja já terá vindo para perguntar por mim, pois eles abrem antes das sete”. E se pôs, então, a balançar o corpo inteiro de um lado ao outro, pendendo para fora da cama. Quando, fazendo isso, ele caísse, teria o cuidado de manter a cabeça ilesa, erguendo-a o máximo possível

durante a queda. As costas pareciam ser duras; provavelmente não aconteceria nada com elas se caísse sobre o tapete. Sua maior preocupação era tomar cuidado com o barulho que ele certamente faria e que provavelmente despertaria não tanto espanto, mas alguma preocupação atrás de todas as portas. Mas ele precisava arriscar.

Quando Gregor já estava com mais da metade do corpo para fora da cama — o novo método consistia mais em um jogo do que propriamente em esforço, já que tudo o que ele precisava fazer era se balançar aos solavancos —, ocorreu-lhe pensar quão simples tudo seria caso alguém viesse lhe ajudar. Duas pessoas fortes — ele pensou em seu pai e na empregada — seriam o suficiente; elas teriam de enfiar os braços debaixo de suas costas côncavas, o que as desprenderiam da cama, baixar o peso e então tomar muito cuidado para que ele pudesse estar inteiro sobre o assoalho, onde então, com sorte, as perninhas voltariam a si. Bem, mesmo desconsiderando completamente o fato de que as portas estavam trancadas, será que ele realmente deveria pedir ajuda? Ao pensar isso, não pôde deixar de conter uma risada, apesar da sua situação desesperadora.

Ele já estava tão avançado para fora da cama que, a cada balanço mais forte, ele mal conseguia se equilibrar e, em breve, precisaria finalmente se decidir, pois já eram

sete e dez — e então soou a campainha do apartamento. “É alguém da loja”, disse a si e ficou paralisado, enquanto suas perninhas, em compensação, dançavam ainda mais apressadas. Por um momento, tudo ficou em silêncio. “Eles não foram abrir”, Gregor falou para si mesmo, tomado por uma esperança despropositada. Mas, como era de se esperar, a empregada se encaminhou à porta com seus passos firmes e a abriu. Bastou que Gregor ouvisse o primeiro cumprimento do visitante para saber quem era — o gerente em pessoa. Por que Gregor havia sido condenado a trabalhar em uma firma em que a menor das faltas era imediatamente tratada com a maior das desconfianças? Será então que todos os empregados eram patifes? Não havia entre eles uma única pessoa leal e devotada, alguém que, por ter perdido algumas horas da manhã que deveriam ser dedicadas à loja, tivesse sido corroído pelo remorso e, justamente por isso, não estava em condições de sair da cama? Será que não bastava simplesmente mandar um aprendiz para ver o que se passava — isso se alguma interrogação desse tipo fosse necessária —, será mesmo que o gerente em pessoa precisava vir, sugerindo para uma pobre família que a investigação dessa situação suspeita só poderia ser confiada ao exame do gerente? E, mais em razão da excitação causada por essas considerações do que propriamente em razão de uma decisão, Gregor se

lançou com toda a força para fora da cama. A batida não foi silenciosa, mas também não causou um grande barulho. A queda foi um pouco amaciada pelo tapete, e as costas também eram mais elásticas do que Gregor havia imaginado, por isso o ruído produzido foi abafado e pouco chamativo. O único problema foi que ele não tomou cuidado suficiente com a cabeça e por isso ela sofreu um golpe; assim, tanto por dor quanto por raiva, ele a virou e passou a esfregá-la no tapete.

“Alguma coisa caiu lá dentro”, disse o gerente no cômodo à esquerda. Gregor tentou imaginar se algo semelhante ao que estava acontecendo com ele hoje também não teria alguma vez acontecido com o gerente; ao menos a possibilidade de algo assim deveria ser admitida. Mas, como se estivesse lhe dando uma resposta bruta a essa pergunta, o gerente agora dava passos decididos no cômodo ao lado, fazendo ranger suas botas. Do cômodo à direita, a irmã sussurrava para se comunicar com Gregor: “Gregor, o gerente está aqui”. “Eu sei”, respondeu Gregor para si; mas não ousava usar a voz numa altura que a irmã pudesse ouvir.

“Gregor”, o pai chamou do cômodo à esquerda, “o senhor gerente chegou e quer saber por que você não viajou no trem da manhã. Não sabemos o que dizer a ele. Aliás, ele quer falar pessoalmente com você. Abra a porta, então, por favor. Ele terá a bondade de desculpar a bagunça do

quarto”. “Bom dia, senhor Samsa”, intrometeu-se o gerente amigavelmente. “Ele não está bem”, disse a mãe ao gerente, enquanto o pai ainda conversava junto à porta, “ele não está bem, acredite em mim, senhor gerente. De que outro modo Gregor perderia um trem? O rapaz não tem outra coisa na cabeça que não seja a loja. Eu quase chego a ficar brava porque ele nunca sai à noite; ele já está há oito dias na cidade, mas ficou em casa todas as noites. Aí ele se senta à mesa conosco e lê o jornal em silêncio ou estuda os mapas de viagem. A distração dele é se ocupar com seus trabalhos de carpintaria. Ao longo de duas ou três noites, ele até mesmo chegou a fazer uma pequena moldura; o senhor vai ficar impressionado ao ver quão bonita ela é; está pendurada lá dentro, no quarto; logo mais o senhor vai ver, quando Gregor abrir. Aliás, estou muito contente que o senhor esteja aqui, senhor gerente; nós sozinhos não conseguimos fazer com que Gregor abrisse a porta; ele é tão teimoso; e com certeza não está bem, mesmo que ele tenha negado isso hoje de manhã”. “Já estou indo”, Gregor falou devagar e comedido, sem se mover, para não perder uma só palavra da conversa. “Bondosa senhora, tampouco eu poderia explicar de outra maneira o que está acontecendo”, disse o gerente, “espero que não seja nada sério. Ainda que eu deva dizer, por outro lado, que nós, do comércio — feliz ou infelizmente, como se

queira — com frequência precisamos simplesmente superar um leve mal-estar por consideração aos negócios”. “Então, será que o senhor gerente já pode entrar para falar com você?”, perguntou o pai impaciente, batendo mais uma vez à porta. “Não”, Gregor respondeu. No cômodo à esquerda se fez um silêncio constrangedor, enquanto no cômodo à direita a irmã começou a soluçar.

Por que é que sua irmã não se juntava aos outros? Provavelmente ela havia se levantado da cama somente agora e ainda não havia começado a se vestir. E por que é que ela estava chorando? Será que era porque ele não se levantava e não deixava o gerente entrar? Ou será que era porque ele corria o risco de perder seu posto e, com isso, o chefe voltaria a perseguir seus pais com as antigas cobranças? Por ora essas eram preocupações totalmente desnecessárias. Gregor ainda estava ali e não pensava nem remotamente em deixar sua família. Naquele momento, ele estava estendido no tapete e ninguém que conhecesse o seu estado teria seriamente exigido que ele deixasse o gerente entrar. No entanto, por conta dessa pequena descortesia, para a qual, aliás, ele mais tarde encontraria facilmente uma desculpa adequada, Gregor não poderia ser mandado embora assim de pronto. E Gregor tinha a impressão de que agora seria muito mais razoável deixá-lo em paz em vez de incomodá-lo com choros

e tentativas de convencimento. Mas o que os afligia era justamente a incerteza, e isso justificava o seu comportamento.

“Senhor Samsa”, falou então o gerente em tom solene, “o que está acontecendo? O senhor se entrincheira no seu quarto, responde apenas com sim ou não, causa aos seus pais preocupações graves e desnecessárias e descumpre — menciono isso apenas de passagem — suas responsabilidades no trabalho de uma maneira que, para dizer a verdade, nunca vi antes. Falo aqui em nome dos seus pais e do seu chefe e peço ao senhor, com toda seriedade, uma explicação clara e imediata. Muito me espanta, muito me espanta. Eu julgava reconhecer no senhor uma pessoa pacata e razoável, mas agora o senhor parece querer começar, de repente, a demonstrar caprichos extravagantes. Agora de manhã, o chefe me sugeriu uma possível explicação para a sua falta — tinha a ver com os pagamentos que foram confiados ao senhor recentemente —, mas, de verdade, eu quase lhe dei minha palavra de honra, garantindo a ele que essa explicação não poderia estar correta. Agora, porém, vejo aqui sua incompreensível teimosia e estou perdendo completamente qualquer vontade de defender o senhor. E sua posição na loja não é de modo algum a mais segura. Eu tinha originalmente a intenção de lhe falar cara a cara, mas como o senhor me faz perder meu tempo inutilmente, eu já não sei por que

os senhores seus pais também não deveriam se inteirar do assunto. Seu desempenho nos últimos tempos tem sido bastante insatisfatório; é verdade que não é a estação para fechar os melhores negócios, isso nós reconhecemos; mas não existe estação em que não se faça negócio algum, senhor Samsa, não pode haver.”

“Mas, senhor gerente”, exclamou Gregor fora de si, esquecendo-se de tudo o mais em meio à sua excitação, “vou abrir agora mesmo, num instante. Foi uma leve indisposição, uma vertigem, o que me impediu de me levantar. Agora mesmo, ainda estou na cama. Mas já estou voltando a me sentir bastante bem-disposto. Estou saindo da cama enquanto nos falamos. Apenas um momento da sua paciência! As coisas não estão tão bem quanto eu imaginava. Mas já estou bem. Como é que coisas assim acontecem com a gente, não é mesmo? Ainda ontem à noite eu estava completamente bem, meus pais que o digam, ou melhor, já ontem à noite eu tinha uma leve suspeita. O senhor precisava ter visto. Por que é que não mandei avisar a loja, meu Deus! É que a gente sempre imagina que vai melhorar sem precisar ficar em casa. Senhor gerente! Poupe os meus pais! Todas essas censuras que o senhor acaba de fazer não têm fundamento; ninguém havia me dito uma única palavra a esse respeito. Talvez o senhor não tenha visto as últimas encomendas que

enviei. No mais, ainda consigo partir em viagem no trem das oito, esse par de horas de descanso me revigoraram. O senhor não precisa esperar, senhor gerente; logo mais eu estarei pessoalmente na loja; por favor, tenha a bondade de dizer isso ao chefe, diga-lhe coisas boas a meu respeito!”.

E, enquanto Gregor punha isso tudo para fora desajeitadamente, sem saber muito bem o que dizia, aproximou-se do armário com mais facilidade, graças à prática que havia adquirido quando estava na cama, e agora tentava usar o armário para se pôr em pé. Ele queria realmente abrir a porta, realmente se deixar ver e falar com o gerente; estava ansioso para ver o que aquelas pessoas, que agora exigiam tanto dele, diriam quando o vissem. No entanto, caso elas se assustassem, Gregor já não teria mais nenhuma responsabilidade e poderia ficar em paz. Caso elas aceitassem tudo tranquilamente, ele tampouco teria qualquer razão para se agitar e, caso se apressasse, poderia realmente estar na estação às oito. Inicialmente ele escorregou algumas vezes ao se apoiar no armário, que era muito liso, mas por fim tomou um leve impulso e se pôs de pé; ele já não dava atenção à dor na parte de baixo do corpo, por mais que ela ardesse. Então se deixou cair sobre o encosto de uma cadeira que estava ao seu lado, em cujas bordas ele se segurou com suas perninhas, e

isso também fez com que conseguisse controlar a si mesmo. Ficou em silêncio, pois agora podia escutar o gerente.

“Vocês entenderam alguma palavra do que ele disse?”, perguntou o gerente aos pais, “será que ele está querendo nos fazer de bobos?”. “Pelo amor de Deus”, a mãe exclamou aos prantos, “talvez ele esteja muito doente e nós o estamos torturando. Grete! Grete!”, ela gritou. “Mamãe?” falou a irmã do outro lado. Elas estavam falando entre si através do quarto de Gregor. “Você precisa ir imediatamente ao médico. Gregor está doente. Corra ao médico. Você ouviu Gregor falando agora há pouco?”. “Era uma voz de bicho”, disse o gerente, num tom muito baixo quando comparado com os gritos da mãe. “Anna! Anna!”, o pai berrou na direção da cozinha através da antessala, batendo as mãos, “vá agora mesmo buscar o chaveiro!”. Então as duas moças saíram correndo, arrastando suas saias pela antessala — como é que sua irmã havia se vestido tão depressa? —, escancarando as portas do apartamento. Não se ouviu o fechar das portas; elas as haviam deixado abertas, como costuma acontecer nas casas em que aconteceu uma grande desgraça.

Gregor, porém, ficou muito mais calmo. É verdade que ninguém entendia mais suas palavras, embora elas lhe parecessem suficientemente claras, mais claras, aliás, do que antes, talvez por ele estar se acostumando com o seu ouvido.

Mas, seja como for, agora eles passaram a achar que ele não estava bem, e estavam dispostos a ajudá-lo. A confiança e a segurança com que os primeiros arranjos foram feitos lhe fizeram bem. Ele se sentiu novamente acolhido no círculo dos humanos e esperava de ambos, médico e chaveiro, sem fazer distinções muito claras, resultados grandiosos e espantosos. Para tornar sua voz a mais clara possível para as conversas decisivas que viriam, tossiu um pouco, esforçando-se, contudo, para que as tosse fosse abafada — esses sons possivelmente também soariam diferentes da tosse de um ser humano, embora ele já não confiasse em si mesmo para fazer um juízo como esse. Nesse meio tempo, o cômodo ao lado ficou em total silêncio. Talvez seus pais estivessem sentados à mesa sussurrando com o gerente, talvez todos estivessem colados à porta tentando escutar algo do outro lado.

Gregor empurrou a poltrona em direção à porta arrastando-se lentamente, e deixou-a lá; lançou-se contra a porta, apoiou-se nela, manteve-se em posição vertical — as bases das suas perninhas tinham um pouco de cola — e se encostou ali por um momento para descansar. Mas, logo em seguida, passou a girar com a boca a chave que estava na fechadura. Infelizmente, parecia que ele não tinha dentes de verdade, — com o que deveria então segurar a chave? — mas para fazer isso seu maxilar era claramente bastante forte; com

sua ajuda, ele efetivamente conseguiu colocar a chave em movimento, sem prestar atenção ao fato de que certamente estava se machucando, pois um fluido marrom lhe saía da boca, escorria sobre a chave e pingava no chão. “Ouçam”, disse o gerente no cômodo ao lado, “ele está girando a chave”. Esse foi um grande encorajamento para Gregor; mas todos deveriam estar o incentivando, seu pai e sua mãe também. “Força, Gregor”, eles deveriam estar gritando, “siga firme, agarre-se firme à chave!”. E, pensando que todos os seus esforços eram acompanhados com expectativa, aferrou-se à chave furiosamente e com toda força que pôde reunir. A depender do modo como esse girar da chave avançava, ele ia dançando em volta da fechadura; agora ele se mantinha em pé segurando-se apenas com a boca e, de acordo com a necessidade, ou se pendurava pela chave ou a pressionava para puxá-la para baixo com todo o peso do corpo. O som claro da fechadura finalmente cedendo fez com que Gregor voltasse a si. Ofegante, ele disse para si mesmo: “Pelo jeito, eu não precisei do chaveiro”, e colocou a cabeça sobre a maçaneta para abrir a porta completamente.

Como ele teve de abrir a porta dessa maneira, ela ficou completamente aberta, mas sem que ele próprio pudesse ser visto. Ele precisou então contornar lentamente uma das folhas da porta, tomando muito cuidado para não cair

de costas na entrada do quarto de forma grotesca. Ele ainda estava ocupado com aqueles movimentos pesados, sem tempo para prestar atenção em outras coisas, quando ouviu o gerente soltar um alto “Oh!” — que soou como o vento sibilando — e em seguida também viu quando o gerente, que era a pessoa mais próxima da porta, apertou a mão contra a boca aberta e se afastou lentamente, como se fosse movido por uma força invisível que agia obstinadamente sobre ele. Sua mãe — apesar da presença do gerente, ela estava ali com os cabelos despenteados, ainda desfeitos pela noite de sono — primeiro olhou para o pai enquanto entrelaçava os dedos das mãos, depois deu dois passos em direção a Gregor, para em seguida desmaiar sobre as saias que se espalharam ao seu redor, com o rosto oculto e afundado contra o peito. Seu pai cerrou os punhos com uma expressão hostil, como se quisesse empurrar Gregor de volta para o seu quarto; então olhou a sala de estar em volta de si, um tanto inseguro, cobriu os olhos com as mãos e chorou intensamente, a ponto de fazer tremer o forte peito.

Em vez de voltar para o quarto, Gregor se apoiou na parte interior da folha da porta que ainda estava trancada, de modo que só era possível ver metade do seu corpo e, na parte de cima, sua cabeça inclinada para o lado, com a qual ele espiava as pessoas do lado de fora. Nesse meio tempo,

havia ficado muito mais claro; do outro lado da rua, via-se uma parte do prédio em frente, imenso e cinza escuro — era um hospital —, com sua fachada dura recortada por janelas regulares; a chuva ainda caía, mas apenas com algumas gotas grossas, que podiam ser vistas cair uma a uma sobre a terra com suas formas individuais. A abundante louça do café da manhã ainda estava sobre a mesa, pois seu pai tratava o café da manhã como a refeição mais importante do dia, na qual ele se demorava por horas enquanto lia diferentes jornais. Na parede oposta, via-se uma fotografia de Gregor de seu tempo no exército, em que vestia o uniforme de tenente, com a mão sobre a espada, sorrindo despreocupadamente, mas como que exigindo respeito por sua postura e por seu uniforme. A porta que dava para a antessala estava aberta e, como também a porta de entrada estava aberta, via-se o vestíbulo do apartamento e o início da escada que levava ao andar de baixo.

“Bem”, disse Gregor, plenamente consciente de que era o único presente a se manter calmo, “vou me vestir agora mesmo, embalar o mostruário e partir em viagem. Será que vocês me permitem partir em viagem? Bem, senhor gerente, o senhor está vendo que não sou teimoso, que gosto de trabalhar; viajar é cansativo, mas eu não poderia viver sem viajar. Para onde o senhor está indo, senhor gerente? Para

a loja? Sim? O senhor irá reportar tudo fielmente? Às vezes estamos momentaneamente incapazes de trabalhar, mas essa é precisamente a hora de nos lembrarmos das realizações passadas e pensar que, mais tarde, depois de superados os obstáculos, com certeza trabalharemos com mais afinco e concentração. Aliás, eu devo muito ao chefe, o senhor sabe muito bem. Por outro lado, eu me preocupo com meus pais e com a minha irmã. É verdade que estou em apuros, mas estou trabalhando para sair dessa situação. Por favor, não a torne mais difícil do que ela já é. Tome o meu partido lá na loja! As pessoas não gostam muito dos caixeiros-viajantes, eu sei. Elas acham que ganhamos uma dinheirama e que levamos uma boa vida. E realmente não há muitas oportunidades para que elas possam rever esse mau juízo. Mas o senhor gerente possui uma perspectiva mais clara sobre esses assuntos do que o resto da equipe, aliás, digo isso em confidência, o senhor tem uma perspectiva melhor do que a do próprio chefe, que em seu papel de empresário pode facilmente se enganar ao fazer um juízo desfavorável a respeito de algum funcionário. O senhor sabe muito bem que o caixeiro-viajante, que passa quase o ano inteiro fora da loja, pode muito facilmente se tornar vítima de intrigas, acasos e queixas infundadas, e é impossível que ele se defenda, já que na maioria das vezes ele sequer fica sabendo a respeito delas; e, se fica sabendo,

é apenas quando, esgotado, ele termina uma viagem e, em casa, sente na própria pele as terríveis consequências, sem ter a menor ideia de quais são suas causas. Senhor gerente, não vá embora sem me dirigir uma palavra que indique que o senhor me dá o mínimo de razão!”.

Mas, às primeiras palavras de Gregor, o gerente já havia se afastado, e foi apenas por sobre os ombros trêmulos, e com os lábios contorcidos, que ele olhou para trás na direção de Gregor. Durante o discurso de Gregor, ele não se manteve parado um único instante; foi se movendo em direção à porta, mas apenas muito lentamente, como se uma força oculta o impedisse de deixar o cômodo. Ele já estava na antessala e, a julgar pelo movimento brusco com o qual finalmente pôs o pé para fora da sala de estar, alguém poderia pensar que alguma coisa lhe estava queimando a sola. Na antessala, porém, ainda distante da escada, ele estendeu a mão direita naquela direção, como se fosse encontrar ali uma salvação sobrenatural.

Gregor percebeu que não poderia de modo algum deixar que o gerente partisse naquele estado de espírito, do contrário sua posição na loja estaria em grave risco. Os pais não entendiam aquilo tudo muito bem; ao longo dos últimos anos, eles haviam cultivado a convicção de que o sustento de Gregor estava garantido por toda a sua vida nesse

emprego e, além disso, estavam com tantas preocupações naquele momento que haviam perdido qualquer capacidade de antecipar os acontecimentos. Mas Gregor tinha essa capacidade. O gerente deveria ser detido, acalmado, convencido e finalmente conquistado; pois o futuro de Gregor e de sua família dependiam disso! Se ao menos a irmã estivesse ali! Ela era esperta; já estava chorando em silêncio quando Gregor ainda estava deitado de costas. E com toda certeza o gerente, esse amante das donzelas, a teria ouvido; ela teria fechado a porta do apartamento e, na antessala, o acalmado daquele susto. Mas era evidente que a irmã não estava ali, de modo que Gregor teria de agir por conta própria. E sem se lembrar de que ainda não tinha a menor ideia de suas atuais capacidades de movimento, aliás, sem se lembrar de que sua fala possivelmente — provavelmente, na verdade — mais uma vez não seria compreendida, ele se soltou da folha da porta; arrastou-se através da abertura; quis andar na direção do gerente, que já estava no vestibulo e segurava o corrimão com as duas mãos, numa posição ridícula; mas, tentando em vão encontrar algum apoio, caiu sobre as suas muitas perninhas, sem conseguir conter um leve grito. Assim que isso aconteceu, ele sentiu um bem-estar físico pela primeira vez naquela manhã; as perninhas encontraram um chão firme para se apoiar; e ele notou com alegria que elas agora lhe

obedeciam completamente; elas até mesmo se esforçavam para carregá-lo aonde ele quisesse ir; e então ele já acreditava que a cura definitiva para os seus sofrimentos estava a ponto de chegar. Mas nesse momento, quando já estava sobre o solo e ainda vacilava, fazendo apenas movimentos contidos, viu bem diante de si a mãe — que parecia estar completamente aturdida — dar de repente um salto muito alto, de braços estendidos e com os dedos das mãos esticados, enquanto gritava: “Socorro, socorro pelo amor de Deus!”, mantendo a cabeça inclinada, como se quisesse ver Gregor melhor, mas incoerentemente se afastando na direção oposta; e se esqueceu de que a mesa do café, ainda posta, estava atrás dela; quando a alcançou, sentou-se apressada, mas distraída, e parecia não ter percebido que ao lado dela a cafeteira tinha caído, e o café escorria volumosamente sobre o tapete.

“Mamãe, mamãe”, disse Gregor baixinho, olhando em sua direção. Por um instante, ele deixou completamente de pensar no gerente; em compensação, ao ver o café pingando, não pôde deixar de abrir e fechar a mandíbula diversas vezes. Diante disso, sua mãe voltou a gritar, abandonou a mesa e caiu nos braços do pai, que corria na direção dela. Naquele momento, porém, Gregor não tinha tempo para os seus pais; o gerente já havia chegado às escadas; com o queixo apoiado sobre o corrimão, ele se voltou para olhar

uma última vez para trás. Gregor tomou impulso para correr e alcançá-lo do modo mais certo possível; o gerente devia ter suspeitado de algo, pois deu um salto sobre vários degraus e desapareceu; mas ainda se ouvia o seu “Aah!”, que ressoava por toda a escadaria. Infelizmente, essa fuga do gerente pareceu transtornar completamente o pai, que até então havia se mantido relativamente contido; em vez de ele próprio correr atrás do gerente, ou ao menos não atrapalhar a perseguição de Gregor, o pai agarrou com a mão direita a bengala do gerente — que, além da bengala, havia deixado para trás o chapéu e o sobretudo —, pegou com a mão esquerda um volumoso jornal que estava sobre a mesa e, entre fortes batidas de pé, tentava empurrar Gregor de volta para o seu quarto, agitando a bengala e o jornal. Nenhum pedido de Gregor foi atendido, nenhum pedido foi sequer entendido; quanto mais submissamente ele baixava a cabeça, mais fortemente o pai batia os pés no chão. Enquanto isso, a mãe escancarava uma janela, apesar do tempo gelado, e, inclinando-se para fora, comprimia o rosto entre as mãos, o qual se projetava muito além da janela. Entre a rua e a escada surgiu uma forte corrente de ar; as cortinas se estufaram, os jornais se espalharam por sobre a mesa e algumas de suas folhas foram sopradas para o chão. O pai empurrava incansavelmente e soltava assobios como

um selvagem. Acontece que Gregor não tinha nenhuma prática em andar assim, para trás, de modo que retrocedia muito lentamente. Se ele ao menos pudesse se virar, estaria em seu quarto imediatamente, mas temia que o pai ficasse ainda mais impaciente diante dessa meia-volta demorada, e a cada momento sentia a ameaça de um golpe fatal que o pai lhe daria sobre as costas ou sobre a cabeça com a bengala que tinha na mão. Mas, por fim, Gregor não teve outra escolha, pois notou, apreensivo, que não conseguia manter sua direção andando para trás; e assim, em meio a constantes olhares temerosos lançados ao pai, começou a se virar do modo mais rápido possível, o que, na realidade, ainda era extremamente lento. Talvez por ter notado sua boa intenção, o pai não atrapalhou esse movimento, e chegou até mesmo a dirigi-lo à distância, com a ponta da bengala, para um lado ou para o outro. Ah, se ao menos ele parasse com aqueles assobios insuportáveis! Por conta deles, Gregor perdeu completamente a cabeça. Ele já estava quase todo virado na direção do quarto, quando, ainda ouvindo os assobios, chegou a perder o rumo ao continuar girando um pouco mais. No entanto, quando finalmente estava com a cabeça diante da entrada da porta, ficou claro que seu corpo era muito largo para atravessá-la diretamente. Evidentemente, não ocorreu ao pai, no estado em que estava, abrir a outra folha da porta para que Gregor

tivesse uma passagem ampla o suficiente. Sua ideia fixa era simplesmente que Gregor entrasse o mais rápido possível em seu quarto. Ele jamais faria os complicados preparativos necessários para que Gregor se pusesse em pé e desse modo, talvez, atravessasse a porta. Pelo contrário, ele seguiu empurrando Gregor adiante, fazendo ainda mais barulho, como se não houvesse nenhum obstáculo à sua frente; o que soava atrás de Gregor já não era mais de modo algum a voz de seu pai, nem a voz de uma única pessoa; agora ninguém poderia ver nenhuma graça na situação, e Gregor então forçou sua passagem pela porta — acontecesse o que acontecesse. Um dos lados de seu corpo se elevou, e ele ficou preso de viés na soleira; esse seu flanco se esfolou inteiramente, deixando manchas horríveis na porta branca; e então ele ficou preso, sem poder se mexer sozinho, com as perninhas de um de seus lados agitando-se penduradas no ar e as do outro lado dolorosamente pressionadas contra o chão — até que, por detrás, o pai lhe deu um forte empurrão, o que agora era realmente a sua salvação; ele voou através de todo o quarto, sangrando abundantemente. A porta foi fechada, também com a bengala, e finalmente se fez silêncio.

2

Gregor despertou de seu pesado sono, que mais parecia desfalecimento, apenas quando começou a anoitecer. Ele certamente teria acordado não muito mais tarde, mesmo sem ser incomodado, pois sentia que já tinha descansado e dormido o suficiente, embora tivesse a impressão de que havia sido despertado por passos leves e pelo barulho da porta que dava acesso à antessala sendo cuidadosamente fechada. O brilho do poste de luz, do lado de fora, se espalhava palidamente pelo teto do quarto e pelas partes mais altas dos móveis, mas na parte de baixo, ao redor de Gregor, tudo estava escuro. Lentamente, tateando ainda de modo inábil com suas antenas, às quais apenas agora ele começava a dar valor, arrastou-se na direção da porta para verificar o que estava acontecendo por ali. Seu lado esquerdo parecia ser uma única longa cicatriz, desconfortavelmente esticada, e ele precisava genuinamente mancar sobre as duas fileiras de pernas. Uma das perninhas, aliás, havia sido gravemente ferida durante os eventos da manhã — era quase

um milagre que tivesse sido somente uma — e ele a arrastava sem vida.

Apenas quando estava junto à porta ele notou o que o havia atraído até lá; era o cheiro de algo comestível. Ali estava uma vasilha cheia de leite açucarado, em que boiavam pedacinhos de pão branco. Ele quase riu de alegria, pois sua fome era ainda maior que a da manhã, e imediatamente mergulhou a cabeça quase até os olhos dentro do leite. Mas se afastou de pronto, decepcionado; não apenas porque comer lhe era difícil em razão do lado direito sensível — ele só conseguia comer quando todo o corpo trabalhava junto, ainda que ofegante —, mas além disso porque o leite, que costumava ser sua bebida preferida, e certamente a razão pela qual a irmã o havia posto ali, não lhe apetecia de modo algum; aliás, ele se afastou da vasilha quase com asco e ras-tejou de volta para o meio do quarto.

Através das frestas da porta, Gregor via que a lâmpada de gás estava acesa na sala de estar; mas, diferentemente do que costumava ocorrer a essa hora do dia, quando o pai lia, com voz solene, o jornal da tarde para a mãe e às vezes também para a irmã, hoje não se ouvia som algum. Talvez essa leitura, a respeito da qual a irmã sempre contava ou escrevia, não fosse mais usual nos últimos tempos. No entanto, tudo também estava silencioso em todo o entorno, embora

o apartamento certamente não estivesse vazio. “Que vida tranquila leva a minha família”, disse Gregor a si mesmo e, enquanto olhava fixamente a escuridão diante de si, sentiu um grande orgulho por poder oferecer aos pais e à irmã uma vida assim, em um apartamento tão bonito. Mas e se agora toda essa calma, essa prosperidade, essa satisfação tivessem de chegar subitamente ao fim? Para não se perder nesses pensamentos, Gregor preferiu se pôr em movimento, rastejando de um lado ao outro no quarto.

Em certo momento, durante essa longa noite, uma das portas laterais, e depois a outra, foi aberta por apenas uma pequena fresta, mas rapidamente fechada; provavelmente alguém sentia a necessidade de entrar, mas ainda assim com muito receio. Na mesma hora, Gregor parou diante da porta que dava para a sala de estar, decidido a trazer, de alguma maneira, o hesitante visitante para dentro, ou ao menos para descobrir quem era ele; entretanto, depois disso a porta não se abriu mais e Gregor esperou em vão. Antes, quando as portas estavam trancadas, todos queriam entrar, mas agora que ele tinha aberto uma delas e que as outras claramente haviam sido abertas durante o dia, ninguém mais vinha, mesmo que a chave estivesse do lado de fora.

Apenas tarde da noite a luz da sala de estar foi apagada, então foi fácil constatar que os pais e a irmã ficaram

acordados até tão tarde, pois, como se ouvia claramente, naquele momento todos os três se afastavam na ponta dos pés. Até a manhã certamente ninguém mais entrou no quarto de Gregor; assim, ele teve muito tempo para refletir, sem ser incomodado, a respeito de como deveria reorganizar a sua vida agora. Mas o quarto amplo e vazio para o qual foi empurrado, e o modo como ficava estendido no chão, isso tudo o enchia de medo, sem que ele pudes-se descobrir a causa, pois afinal esse era o quarto com o qual ele estava habituado havia cinco anos — e, com um movimento quase inconsciente, não sem sentir uma leve vergonha, ele correu para debaixo do canapé, um lugar onde, apesar de suas costas ficarem um pouco apertadas e apesar de não poder mais levantar a cabeça, ele se sentiu bem, lamentando, porém, que seu corpo, largo demais, não coubesse inteiro sob o canapé.

Manteve-se ali por toda a noite, a qual passou em parte num sono leve, do qual sempre despertava de fome, em parte em meio a preocupações e esperanças difusas; mas todas elas o conduziam à decisão de que, por enquanto, ele deveria ficar em silêncio e, valendo-se da paciência e da imensa consideração de sua família, tornar suportável aquela situação desconfortável em que ele era forçado a lhes colocar em seu presente estado.

De manhã muito cedo, ainda era quase noite, Gregor teve ocasião para testar a força dessa sua recém-tomada decisão, pois a irmã, quase completamente vestida, abriu a porta que dava para a antessala e olhou para dentro, muito tensa. Ela não o encontrou imediatamente, mas assim que o notou sob o canapé — por Deus, em algum lugar ele precisava estar, não era possível que tivesse fugido — tomou um enorme susto, a ponto de não conseguir se conter e novamente fechar com força a porta pelo lado de fora. Contudo, como se se arrependesse desse comportamento, logo em seguida voltou a abri-la e entrou na ponta dos pés, como se estivesse perto de alguém muito doente ou de um estranho. Gregor esticou a cabeça quase até o limite do canapé e a observou. Será que ela perceberia que ele não havia tomado o leite, e de modo algum por falta de fome? E será que ela traria outros tipos de comida, mais adequadas a ele? Se ela não o fizesse por si mesma, ele preferiria morrer de fome a chamar sua atenção para isso, ainda que se sentisse fortemente impelido a sair num tiro de debaixo do canapé, lançar-se aos pés da irmã e lhe implorar por qualquer coisa decente para comer. Mas a irmã notou, de imediato e com espanto, a vasilha ainda cheia, em torno da qual se via apenas um pouco de leite derramado; em seguida a pegou — não com as mãos, mas com um trapo — e a

levou para fora. Gregor estava extremamente curioso para saber o que ela traria no lugar do leite, e imaginou as mais diferentes coisas. Mas nunca teria podido adivinhar o que a irmã, em sua bondade, realmente fez. Ela lhe trouxe, para testar o seu paladar, toda uma seleção de comidas, todas espalhadas sobre uma folha velha de jornal. Havia alguns legumes velhos, quase apodrecidos; ossos do jantar de ontem, que estavam envolvidos por um molho branco que havia endurecido; uvas passas e amêndoas; um queijo que Gregor havia considerado intragável há dois dias; um pão seco, um pão com manteiga e um pão com manteiga e sal. Além disso tudo, havia ainda a vasilha — que provavelmente havia se tornado de uma vez por todas a vasilha de Gregor —, a qual ela havia enchido de água. E, com muito tato, pois ela sabia que Gregor não iria comer na sua presença, afastou-se rapidamente e chegou mesmo a trancar a porta, para que Gregor percebesse que deveria ficar tão à vontade quanto quisesse. As perninhas de Gregor vibravam quando foram em direção à comida. Seus ferimentos, aliás, pareciam estar completamente curados, ele já não sentia nenhuma dificuldade em se mover e se espantava ao se lembrar de que há mais de um mês havia feito um pequeno corte no dedo com uma faca e antes de ontem esse ferimento ainda doía. “Será que me tornei menos sensível agora?”, ele pensava

enquanto sugava avidamente o queijo, que lhe havia atraído imediatamente e de modo muito mais acentuado que todas as outras comidas. Muito rapidamente e com lágrimas de alegria nos olhos, ele devorou um depois do outro o queijo, os legumes e o molho; as comidas frescas, em compensação, não lhe apетeciam, a ponto de ele não poder suportar o seu cheiro, e chegou até mesmo a afastar um pouquinho delas as coisas que queria comer. Ele já tinha terminado há um tempo e se deitava preguiçosamente no mesmo lugar em que comera quando a irmã virou lentamente a chave, um sinal de que ele deveria se afastar. Isso chamou imediatamente a sua atenção, apesar de estar quase cochilando, e ele voltou correndo para debaixo do canapé. Mas ficar ali exigiu muito dele, ainda que tenha sido curto o tempo que a irmã permaneceu no quarto, pois a grande quantidade de comida inchava um pouco o seu corpo e, naquele espaço tão estreito, ele mal podia respirar. Sufocando de vez em quando e com os olhos um tanto saltados das órbitas, ele pôde ver a irmã, que não suspeitava de suas dificuldades, juntar com uma vassoura não apenas as sobras, mas também as comidas que Gregor nem sequer havia tocado, como se também estas não pudessem mais ser usadas, e jogar tudo apressadamente dentro de um balde, que ela fechou com uma tampa de madeira para depois levar tudo para fora.

Ela mal havia se virado e Gregor saiu de debaixo do canapé, esticou-se e respirou fundo, enchendo-se de ar.

Foi assim que Gregor passou a receber sua comida diariamente, uma vez de manhã, quando os pais e a empregada ainda dormiam, e a segunda vez depois que todos tivessem almoçado, pois logo em seguida os pais dormiam um pouco e a empregada era enviada pela irmã para fazer alguma tarefa fora de casa. É claro que eles não desejavam que Gregor passasse fome, mas talvez não conseguissem suportar saber mais a respeito da sua alimentação do que o que lhes contava a irmã; ou talvez ela quisesse poupá-los o máximo possível, pois de fato eles já sofriam o suficiente.

Gregor nunca soube quais foram as desculpas com que o médico e o chaveiro foram dispensados naquela primeira manhã, pois como ninguém o compreendia, todos, inclusive a irmã, pensavam que ele não compreendia os outros, e assim ele precisava se contentar em escutar os suspiros e as invocações aos santos que a irmã soltava quando estava em seu quarto. Somente mais tarde, quando ela estava um pouco acostumada com tudo aquilo — estava fora de questão que um dia ela se acostumassem totalmente —, Gregor às vezes apanhava um comentário dito com carinho ou que ao menos podia ser interpretado assim. “Hoje ele gostou da comida”, ela dizia, quando Gregor havia comido tudo,

sem deixar sobras; e, em caso contrário, o que a cada dia começava a acontecer com mais frequência, ela costumava dizer, quase triste: “Ele nem tocou a comida, outra vez”.

Mesmo que Gregor não pudesse saber diretamente de nenhuma novidade, ele ouvia muito do que vinha dos cômodos ao lado; e, assim que ouvia uma voz, corria imediatamente para a porta de onde veio o som e apertava todo o corpo contra ela. Especialmente nos primeiros tempos, não havia conversa que não tratasse dele, ainda que às ocultas. Nos primeiros dois dias, podiam ser ouvidas, durante as refeições, as consultas que eles se faziam sobre como agir naquele momento; mas, mesmo entre as refeições, conversava-se sobre o mesmo tema, pois sempre havia pelo menos dois membros da família em casa, já que ninguém queria ficar sozinho ali e era absolutamente impossível deixar o apartamento vazio. Também ocorreu de a empregada, logo no primeiro dia — não era muito claro o que e quanto ela sabia sobre o que havia ocorrido —, ter implorado de joelhos à mãe que a dispensasse imediatamente; quinze minutos mais tarde, quando se despedia, ela agradeceu a dispensa entre lágrimas, bem como pelo imenso favor que lhe faziam ali, e sem que ninguém lhe pedisse fez a terrível promessa de não denunciar absolutamente nada a ninguém.

Agora a irmã e a mãe também precisavam cozinhar; porém isso não exigia muito esforço, pois quase não se comia. Repetidas vezes, Gregor ouvia um deles pedindo aos outros que comessem, sem receber outra resposta a não ser: “Obrigado, comi o suficiente” ou algo parecido. Aparentemente, também não se bebia nada. Frequentemente, a irmã perguntava ao pai se ele queria cerveja e se oferecia carinhosamente para ir buscá-la; mas como ele permanecia calado, ela dizia, para poupá-lo da preocupação, que também poderia pedir que a zeladora buscasse a cerveja, porém o pai respondia com um sonoro “Não” e não se falava mais a respeito.

Já no decorrer do primeiro dia, o pai apresentou todas as perspectivas e a situação financeiras tanto à mãe quanto à irmã. Vez ou outra, ele se levantava da mesa e trazia algum documento ou um livro-caixa do pequeno cofre que havia salvado depois da falência do seu negócio, há cinco anos. Era possível ouvi-lo destrancando a complicada fechadura e, depois de retirar o que ele buscava, fechando-a novamente. Esses relatos do pai eram, em parte, a primeira boa notícia que Gregor havia recebido desde o seu aprisionamento. Antes, ele tinha a impressão de que, do antigo negócio, não havia restado absolutamente nada para o pai, o qual também não havia dito nada que contrariasse essa impressão; seja como

for, Gregor tampouco havia perguntado a esse respeito. A única preocupação de Gregor àquela época foi se empenhar ao máximo para fazer com que a família esquecesse o mais rapidamente possível aquele desastre financeiro, que havia levado todos a um completo desconsolo. E foi assim que, naquele tempo, ele havia começado a trabalhar com especial fervor e passou, quase da noite para o dia, de balconista a caixeiro-viajante, o que evidentemente apresentava possibilidades completamente novas para os ganhos financeiros; assim ele podia converter imediatamente toda a comissão resultante do seu trabalho em dinheiro vivo, que ele então punha sobre a mesa de casa, diante de sua família espantada e feliz. Haviam sido bons aqueles tempos, que nunca mais se repetiram, ao menos não com aquele mesmo brilho, ainda que, mais tarde, Gregor tivesse ganhado o suficiente para poder assumir, como de fato assumiu, as despesas de toda a família. Tanto a família quanto Gregor acabaram se acostumando com aquilo; eles aceitavam agradecidos o dinheiro, ele lhes dava com prazer, mas aquele afeto caloroso nunca mais se repetiu. Foi apenas da irmã que Gregor ainda se manteve próximo, e ele tinha o plano secreto de mandá-la para o conservatório no próximo ano, a despeito dos muitos custos que isso geraria — os quais, aliás, poderiam ser investidos de muitos outros modos —, pois, diferentemente de Gregor, ela

tinha enorme amor pela música e era tocante ouvi-la tocar violino. Durante as curtas estadias de Gregor na cidade, o conservatório frequentemente aparecia nas conversas que tinha com a irmã, mas apenas como um sonho cuja realização era inconcebível; os pais, aliás, não gostavam nem de ouvir essas alusões inocentes; mas Gregor pensava muito seriamente a respeito disso e tinha a intenção de anunciar esse seu plano, com alguma solenidade, na noite de Natal.

Esses pensamentos, completamente inúteis em seu presente estado, passavam-lhe pela cabeça enquanto ele se colava verticalmente na porta e tentava escutar. Às vezes, em razão de um cansaço generalizado, ele já não conseguia mais continuar escutando, descuidava e deixava a cabeça cair contra a porta, mas logo em seguida a levantava firmemente, pois o menor ruído que fizesse era ouvido do lado de fora e fazia com que todos se calassem. “O que é que ele está fazendo agora?”, dizia o pai depois de algum tempo, claramente se virando na direção da porta, e apenas depois de um tempo a conversa interrompida era gradualmente retomada.

Como o pai repetia muitas vezes as mesmas explicações — em parte porque há muito tempo ele próprio não se ocupava com essas coisas, em parte também porque a mãe não entendia tudo logo na primeira explicação —, Gregor agora sabia com alguma certeza que, apesar de todas as desgraças,

ainda restavam algumas poucas reservas dos tempos antigos, as quais, tendo se mantido intocadas, os juros fizeram crescer um pouco nesse meio tempo. Além disso, o dinheiro que Gregor trazia todo mês para casa — ele reservava para si próprio apenas alguns trocados — não era inteiramente gasto e se converteu num pequeno capital acumulado. Atrás de sua porta, Gregor aprovava entusiasmado e feliz esse cuidado e parcimônia, que ele não havia antecipado. Para dizer a verdade, ele certamente teria usado esse dinheiro extra para abater um pouco mais a dívida que o pai tinha com o seu chefe, e assim estaria mais próximo o dia em que ele poderia se livrar daquele emprego, mas agora ele não tinha a menor dúvida de que o modo como o pai arranhou as coisas foi melhor.

Mas esse dinheiro absolutamente não bastava para que sua família pudesse, por exemplo, viver dos juros que ele renderia; bastaria, talvez, para que eles pudessem se manter por no máximo dois anos, mas não mais que isso. Era, na verdade, uma quantia em que não se deveria mexer, ou que devia ser reservada para casos de emergência; era preciso trabalhar para ganhar o dinheiro do dia a dia. É verdade que o pai era um homem saudável, mas já estava velho; além disso, ele não trabalhava havia cinco anos e, em todo caso, não se podia esperar muito dele; ao longo desses

cinco anos, as primeiras férias que teve em toda uma vida de esforços e fracassos, ele havia ganhado muito peso e, por conta disso, claramente perdido sua agilidade. E acaso a mãe idosa — que sofria de asma, que tinha de fazer um grande esforço para dar qualquer passeio dentro do apartamento e que passava dia sim dia não no sofá em frente à janela aberta com dificuldades para respirar — acaso ela deveria sair para trabalhar agora? Acaso quem deveria trabalhar era a irmã, que com seus dezessete anos ainda era uma criança e que até agora tinha tido uma vida invejável, ocupada apenas em se vestir bem, dormir até tarde, ajudar na casa, ter alguns prazeres modestos e, acima de tudo, tocar violino? Quando se começava a falar da necessidade de ganhar dinheiro, Gregor sempre se desprendia da porta e se lançava sobre o gelado sofá de couro que ficava ao lado da porta, pois ele chegava a ficar quente de vergonha e tristeza.

Era frequente que ele ficasse noites inteiras ali deitado, sem dormir um minuto sequer, passando horas arranhando o couro. Ou então ele não se poupava do intenso esforço de empurrar uma cadeira para junto da janela, rastejar até o parapeito e, apoiando-se sobre a cadeira, debruçar-se sobre a abertura, com o evidente intuito de se lembrar de quão livre ele costumava se sentir ao olhar através dela. Pois, de fato, ele via menos distintamente a cada dia, até mesmo

as coisas pouco distantes; não conseguia mais enxergar o hospital do outro lado da rua, que antes ele odiava ter de ver o tempo todo; e se não tivesse certeza de que vivia na calma, mas muito urbana rua Charlotte, ele poderia até mesmo acreditar que, da sua janela, ele estaria olhando para um deserto no qual o céu cinza e a terra cinza se uniam de forma indistinguível. Bastou que a irmã, sempre tão atenta, visse a cadeira encostada na janela por duas vezes para que, sempre que arrumasse o quarto, ela voltasse a empurrar a cadeira exatamente para o mesmo lugar; aliás, a partir daquele momento, ela sempre passou a deixar abertas as folhas internas da janela.

Se ao menos Gregor conseguisse falar com sua irmã e lhe agradecer por tudo o que ela tinha de fazer por ele, seria mais fácil suportar os favores que ela lhe prestava; mas, do modo como as coisas estavam, eles lhe faziam sofrer. Sua irmã, é claro, tentava diminuir o máximo possível o carácter embaraçoso de tudo aquilo, e quanto mais tempo passava, melhor ela lidava com a situação; mas, com o passar do tempo, Gregor também passou a ver tudo com mais clareza. Tudo era horrível para ele desde o momento em que ela entrava. Assim que punha o pé no quarto, sem sequer ter tempo de fechar a porta — mesmo que, em outras ocasiões, ela se esforçasse para poupar a todos da visão do

quarto de Gregor —, ela já corria diretamente para a janela, escancarando-a de qualquer forma, quase como se estivesse sufocando, e ali permanecia por um instante, mesmo quando estava muito frio, e respirava profundamente. Diariamente, duas vezes por dia, ela assustava Gregor com essa correria e esse barulho; durante todo esse intervalo, ele permanecia trêmulo debaixo do canapé, sabendo muito bem que ela lhe pouparia esse sofrimento caso fosse possível estar com Gregor no mesmo quarto e mantendo as janelas fechadas.

Em uma ocasião, quando já havia passado mais ou menos um mês desde a metamorfose de Gregor e já não havia mais nenhuma razão especial para que a irmã se assustasse com sua aparência, ela entrou um pouco mais cedo do que de costume e deparou com Gregor olhando através da janela, imóvel e, assim, numa posição propícia a causar sustos. Se ela simplesmente não tivesse entrado, aquilo não o teria surpreendido, já que a posição em que ele estava a teria impedido de abrir a janela imediatamente; mas ela não apenas não entrou como retrocedeu imediatamente e fechou a porta; se um estranho a visse naquele momento, teria pensado que Gregor a perseguiu e tentou mordê-la. Gregor, é claro, se escondeu imediatamente debaixo do canapé, mas precisou esperar até o meio-dia para que a irmã retornasse e, quando voltou, ela parecia muito menos tranquila que

de costume. Assim, pôde perceber que para ela ainda era insuportável vê-lo, que vê-lo certamente continuaria a lhe ser insuportável e que ela provavelmente precisava fazer um esforço imenso para não sair correndo diante da visão até mesmo de uma partezinha do seu corpo que não estivesse oculta sob o canapé. Para poupá-la dessa visão, ele levou quatro horas colocando um lençol sobre suas costas, levou-o para cima do canapé e o arranjou de modo que o lençol o ocultasse completamente, de modo que, mesmo que se abaixasse, a irmã não seria capaz de vê-lo. Caso a irmã julgasse que esse lençol não era necessário, então ela poderia tirá-lo dali, pois evidentemente não era prazeroso para Gregor enclausurar-se assim tão completamente; mas ela deixou o lençol tal como estava, e Gregor julgou notar até mesmo um olhar de gratidão quando, em certo momento, ele cuidadosamente levantou um pouco o lençol com a cabeça para ver se a irmã aprovava esse novo arranjo entre eles.

Nos primeiros quatorze dias, os pais não foram capazes de entrar no seu quarto, e Gregor frequentemente os ouvia dar mostras de reconhecimento pelos esforços da irmã, sendo que, até um tempo antes, eles constantemente se irritavam com o fato de a irmã lhes parecer um tanto preguiçosa. Mas agora ambos, pai e mãe, frequentemente esperavam diante do quarto de Gregor enquanto a irmã

o limpava, e assim que ela saía eles lhe faziam comunicar minuciosamente a aparência do quarto, o que Gregor havia comido, como ele havia se comportado dessa vez e se talvez ela houvesse notado alguma melhora. A mãe, aliás, queria visitar Gregor em algum momento, mas o pai e a irmã a continham. Inicialmente, com argumentos racionais, que Gregor escutava com atenção e com os quais ele concordava completamente. Mais tarde, contudo, era à força que ela precisava ser contida; e, assim, quando ela gritava: “Deixem-me ver o Gregor, ele é meu filho, o coitado! Vocês não conseguem entender que eu preciso vê-lo?”, Gregor pensava que talvez seria melhor que sua mãe entrasse — não todos os dias, é claro, mas talvez uma vez por semana; ela parecia entender tudo aquilo bem melhor que a irmã, a qual, apesar de toda a sua coragem, era apenas uma criança e que, no fim das contas, talvez tivesse assumido aquela tarefa tão dura apenas por uma imprudência infantil.

O desejo que Gregor tinha de ver a mãe logo se realizou. Durante o dia, Gregor não se mostrava na janela por consideração aos pais, mas era impossível para ele rastejar muito nos poucos metros quadrados de chão do seu quarto; ficar estirado em silêncio durante a noite era algo difícil de suportar, e a comida já não lhe dava o menor prazer; para se distrair, então, ele tomou o costume de se arrastar de um

lado ao outro pelas paredes e pelo teto. Ele gostava particularmente de ficar pendurado no teto; era muito diferente de ficar estirado no chão; em cima, era mais fácil respirar; uma leve vibração corria por seu corpo e, na distração quase feliz em que Gregor se punha lá em cima, podia acontecer de, para sua grande surpresa, ele se desprender e desabar no chão. Mas agora ele tinha, obviamente, um domínio sobre seu corpo bastante diferente do que tinha antes e não se machucava mesmo com uma queda assim tão grande. A irmã notou imediatamente o novo divertimento que Gregor havia encontrado para si mesmo — até porque, ao rastejar de um lado para o outro, ele deixava rastros da sua cola —, e então ela teve a ideia de possibilitar a maior liberdade possível para os rastejos de Gregor, tirando dali os móveis que lhe eram obstáculos, sobretudo o armário e a escrivaninha. Acontece que ela não era capaz de fazer isso sozinha; ela não ousava pedir ajuda ao pai; a empregada certamente não seria de nenhuma serventia, pois, embora essa moça de cerca de dezesseis anos tivesse se mantido corajosamente em seu trabalho, ela havia pedido o favor de manter a cozinha permanentemente trancada, abrindo-a apenas caso fosse chamada para fazer algo especial; assim, não restou à irmã outra alternativa senão pedir ajuda à mãe, num momento em que o pai estava ausente. A mãe se dirigiu ao quarto

de Gregor dando gritos de alegria, mas se calou diante da porta. Obviamente, a irmã primeiro inspecionou o quarto para ver se tudo estava em ordem; em seguida, deixou que a mãe entrasse. Muito apressadamente, Gregor desceu um pouco mais o lençol e tentou fazer mais algumas dobras nele, de modo que o resultado parecia realmente ser apenas um lençol jogado ao acaso sobre o canapé. Além disso, Gregor não tentou espiar por debaixo do lençol dessa vez; ele evitou ver a mãe nessa primeira ocasião, limitando-se a ficar contente com o fato de que ela tivesse vindo. “Venha logo, não dá para vê-lo”, disse a irmã, evidentemente conduzindo a mãe pela mão. Gregor então ouviu aquelas duas mulheres fracas tirando do lugar o armário velho e pesado, sempre com a irmã assumindo para si a maior parte do trabalho, sem ouvir os apelos da mãe, que temia pelo esforço excessivo que a filha fazia. Isso levou muito tempo. Mas, depois de quinze minutos de trabalho, a mãe disse que seria melhor deixar o armário ali mesmo; em primeiro lugar, porque ele era muito pesado e elas não terminariam antes do retorno do pai, de modo que o armário ficaria no meio do quarto, trancando a passagem de Gregor; em segundo, porém, porque ela não tinha certeza de que, com a retirada dos móveis, elas estariam agradando a Gregor. Ela tinha a impressão contrária; a visão da parede vazia lhe oprimia o

coração; e não via razão para supor que Gregor não teria aquele mesmo sentimento, uma vez que ele estava acostumado há muito tempo com a mobília do seu quarto, e se sentiria abandonado dentro de um quarto vazio. “E se”, a mãe concluiu falando muito baixo, quase sussurrando, como se quisesse evitar que Gregor, cuja posição exata ela desconhecia, ouvisse o som da sua voz —, já que ela estava convencida de que suas palavras não eram compreendidas por ele — “e se, quando retirarmos os móveis, o sinal que estaremos dando a ele é que perdemos toda esperança de melhora, como se descuidássemos dele e o abandonássemos à própria sorte? Eu acho que seria melhor se tentássemos manter o quarto exatamente no estado em que ele estava antes, para que quando Gregor retorne a nós ele encontre tudo inalterado e se esqueça com mais facilidade desse período”.

Ao ouvir essas palavras da mãe, Gregor percebeu que a falta de qualquer contato humano direto, somado à vida monótona que levava junto à sua família, devia ter perturbado o seu bom senso ao longo dos últimos dois meses, pois ele não conseguia explicar de outro modo o fato de que ele honestamente desejava que o seu quarto fosse esvaziado. Será que ele realmente tinha vontade de transformar aquele quarto adornado por uma mobília acolhedora e

aconchegante em uma caverna, dentro da qual poderia então rastejar livremente em todas as direções, ainda que ao mesmo tempo isso implicasse um rápido e completo esquecimento de seu passado humano? Contudo, ele agora estava realmente muito próximo disso, e apenas a voz há muito tempo não ouvida de sua mãe havia sacudido para longe dele esse esquecimento. Nada deveria ser retirado, tudo tinha de permanecer, ele não podia dispensar a boa influência que a mobília tinha sobre ele; e se os móveis lhe impediam de praticar aquele rastejar insensato, isso não era problema algum, mas uma grande vantagem.

Infelizmente, porém, a irmã tinha uma opinião diferente; nas conversas a respeito das condições de Gregor, ela havia se habituado — de modo, aliás, bastante legítimo — a se colocar diante dos pais como a pessoa mais entendida no assunto, de tal forma que o conselho que a mãe agora dava à irmã se tornou motivo suficiente para insistir na retirada não apenas do armário e da escrivaninha, os únicos móveis que ela inicialmente havia pensado em mover, mas na retirada de toda a mobília, com exceção apenas do canapé, que era indispensável. Evidentemente, o que a levava a essa insistência não era somente uma teimosia infantil e a autoconfiança adquirida nos últimos tempos de modo tão inesperado quanto penoso; ela havia realmente observado

que Gregor precisava de muito espaço para rastejar, ao passo que os móveis, até onde se podia ver, não tinham qualquer utilidade para ele. Mas talvez ali também estivesse em jogo o entusiasmo comum às moças de sua idade, esse sentimento que busca gratificação em todas as ocasiões e, em razão do qual, Grete agora era levada a tornar a situação de Gregor ainda mais terrível, para então poder fazer por ele ainda mais do que havia feito até agora. Pois nenhuma pessoa além de Grete jamais aceitaria entrar em um espaço de paredes vazias em que Gregor fosse o único senhor.

Assim, a mãe não pôde fazê-la mudar sua decisão, até porque a agitação que sentia parecia torná-la insegura naquele quarto; então ela se calou e ajudou a irmã de Gregor, fazendo grande esforço para levar o armário para fora. Ora, Gregor poderia dispensar o armário, caso isso fosse necessário, mas a escrivanhinha tinha de ficar. Assim, as mulheres nem bem tinham saído do quarto com o armário, o qual elas empurravam em meio a gemidos, e Gregor já esticava a cabeça além do limite do canapé para ver como poderia agir do modo mais cuidadoso e respeitoso possível. Mas, por infelicidade, foi justamente a mãe a primeira a retornar enquanto Grete agarrava o armário no cômodo ao lado e o balançava para frente e para trás sozinha, obviamente sem conseguir tirá-lo do lugar. A mãe, contudo, não estava

acostumada com a aparência de Gregor e, como isso poderia acabar lhe fazendo mal, Gregor correu assustado para trás, retrocedendo até a outra ponta do canapé, mas sem conseguir impedir que o lençol se movesse um pouco para frente. Isso foi o suficiente para chamar a atenção da mãe. Ela estancou, ficou parada por um instante, e então voltou para onde Grete estava.

Embora Gregor repetisse a si mesmo que nada de mais estava acontecendo, que apenas um par de móveis estavam sendo deslocados, ele teve de confessar para si que essa entrada e saída das mulheres, com seus gritinhos, o arrastar dos móveis no chão, tudo isso equivalia para ele a um grande tumulto, o qual se aproximava dele vindo de todas as direções e, por mais que encolhesse fortemente sua cabeça e suas pernas e contraísse o corpo contra o chão, era inevitável assumir que não conseguiria suportar aquilo tudo por mais tempo. Elas estavam esvaziando o seu quarto; estavam tirando dele tudo o que ele mais amava; elas já tinham levado para fora o armário, em que estavam sua serra de arco e suas outras ferramentas; agora, elas tentavam soltar a escrivaninha, a qual estava firmemente fixada no chão, o lugar em que ele havia escrito suas tarefas da academia de comércio, do colégio técnico e até mesmo da escola primária — nesse momento, ele realmente já não teve mais

tempo de avaliar as boas intenções das duas mulheres; aliás, ele havia praticamente esquecido da existência delas duas, pois elas trabalhavam em completo silêncio por conta do cansaço, e agora só se ouviam as duras pisadas de seus pés.

Então, quando as mulheres estavam no cômodo ao lado, apoiadas sobre a escrivaninha para retomar o fôlego, ele finalmente saiu, mudou quatro vezes a direção do seu passo, sem saber exatamente o que deveria proteger primeiro, até que lhe saltou às vistas o retrato da mulher com casaco de pele pendurado na parede que, afora o retrato, já estava vazia; ele se arrastou apressado naquela direção e se apertou contra o vidro, o que lhe deu algum apoio; além disso, o contato do vidro com sua barriga lhe causou algum bem-estar. Ao menos aquele retrato, que ele agora cobria completamente, certamente ninguém iria levar. Ele então torceu a cabeça na direção da porta que dava para a sala de estar, com o intuito de observar o momento em que as mulheres retornassem.

Elas não haviam descansado muito e já estavam voltando; Grete colocou o braço em volta da mãe, quase a carregando. “O que vamos pegar agora?” disse Grete, olhando ao seu redor. Então seu olhar cruzou com o de Gregor, que ainda estava colado à parede. Ela manteve a postura, provavelmente apenas por conta da presença da mãe,

inclinou o rosto em sua direção para impedi-la de olhar em volta, e disse, trêmula e sem pensar: “Venha, você não prefere ficar um pouco mais na sala de estar?”. A intenção de Grete ficou clara para Gregor: ela queria deixar a mãe num lugar seguro para em seguida escoraçá-lo da parede. Ah, ela que tentasse! Ele se manteria sobre o seu retrato, e não o entregaria. Preferiria até mesmo pular na cara de Grete.

Mas as palavras de Grete deixaram a mãe desconfiada; ela deu um passo para o lado, viu a enorme mancha marrom sobre o papel de parede florido e, antes que tomasse consciência de que, na verdade, aquilo que ela via era Gregor, berrou com a voz rouca: “Ai, meu Deus, ai, meu Deus!” e, como se estivesse desistindo de tudo, caiu com os braços abertos sobre o canapé e não se moveu mais. “Ah, Gregor!”, gritou a irmã com o punho no ar e olhar enérgico. Eram as primeiras palavras que ela lhe dirigia diretamente desde a metamorfose. Ela correu para o cômodo ao lado para buscar alguma substância que pudesse despertar a mãe do seu desmaio; Gregor também queria ajudar — ainda haveria tempo para salvar o retrato —, mas ele estava firmemente colado ao vidro e precisou se soltar com força; em seguida, ele também correu para o cômodo ao lado, como se pudesse dar algum conselho para a irmã, como antigamente; no entanto, precisou ficar parado atrás dela, sem fazer nada;

enquanto isso, ela remexia vários frascos e se assustou ao se virar; uma garrafa caiu no chão e se quebrou; um caco machucou o rosto de Gregor, e algum remédio corrosivo caiu sobre ele; sem se deter, Grete pegou todos os frascos que conseguiu e correu com eles até a mãe, fechando a porta com o pé atrás de si. Com isso, Gregor estava apartado da mãe, que por sua culpa talvez estivesse agora à beira da morte; ele não tentaria abrir a porta, não queria ir no encalço da irmã, que precisava agora ficar junto à mãe; agora ele não tinha mais nada a fazer a não ser esperar; e, consumindo-se por autocensuras e preocupação, começou a rastejar, e rastejou por toda parte: paredes, móveis, o teto da sala e, em seu desespero, sentiu toda a sala girar em volta dele, e então caiu sobre a mesa.

Passado algum tempo, Gregor ainda se mantinha debilmente ali; em volta, tudo estava em silêncio, o que talvez fosse um bom sinal. Então a campainha tocou. A empregada obviamente estava trancada em sua cozinha, de modo que Grete precisaria sair para abrir a porta. O pai havia chegado. “O que está acontecendo?” foram suas primeiras palavras; a aparência de Grete provavelmente já lhe dizia tudo. Grete respondeu com a voz abafada, ela obviamente apertava o rosto contra o peito do pai: “Mamãe estava desmaiada, mas agora já está melhor. Gregor está solto”. “Eu já esperava por

isso”, disse o pai, “eu sempre estou dizendo isso para vocês, mas vocês, mulheres, não querem ouvir”. Para Gregor tinha ficado claro que o pai havia interpretado mal o curto, demasiado curto, relato da irmã, e imaginou que Gregor teria sido o responsável por algum ato violento. Por isso, Gregor precisava agora encontrar meios de acalmar o pai, pois não tinha nem o tempo e nem os meios necessários para lhe esclarecer as coisas. E assim ele fugiu em direção à porta do seu quarto e pressionou-se contra ela, para que o pai pudesse ver, assim que viesse da antessala, que Gregor estava bem-intencionado, que iria retornar imediatamente ao seu quarto e que não era necessário empurrá-lo para lá; bastava que alguém abrisse a porta e ele desapareceria na mesma hora.

Mas o pai não estava predisposto a compreender essas sutilizações. “Ah!”, ele gritou assim que entrou, em um tom que dava a entender que estava ao mesmo tempo colérico e contente. Gregor virou a cabeça e a levantou na direção do pai. Ele realmente não tinha imaginado que a aparência do pai seria aquela que ele exibia agora; seja como for, por conta desse seu novo hábito de se arrastar de um lado para o outro, ele havia deixado de se preocupar, como fazia antes, com as outras coisas que aconteciam na casa, de modo que, na verdade, deveria estar preparado para encontrar alguma

alteração ali. Mas ainda assim, ainda assim, esse era mesmo o seu pai? Seria aquele o mesmo homem que, quando Gregor saía em alguma viagem de trabalho, ficava debilmente entrevado em sua cama; que, quando à noite ele retornava, o recebia de pijamas em sua poltrona; que, sem condições de se levantar, apenas levantava o braço em sinal de alegria e que, nos raros passeios que faziam juntos, alguns poucos domingos por ano ou no máximo em algum feriado, caminhava entre ele e a mãe — aliás, mais lentamente que a mãe, a qual já caminhava bastante devagar —, empacotado em seu casaco velho, esforçando-se para seguir cuidadosamente adiante com uma muleta improvisada e que, quando queria dizer algo, quase sempre tinha de parar e chamar para perto de si seus acompanhantes? Mas agora ele se punha francamente em pé, vestido com um uniforme azul e bem engomado, com botões dourados, semelhante aos que usam os auxiliares de agências bancárias; acima do alto colarinho de seu sobretudo, via-se sua papada formando um imponente queixo duplo; sob as abundantes sobrancelhas, saltavam de seus olhos negros um olhar viçoso, atento; seus cabelos brancos, antes sempre despenteados, estavam agora brilhantes, penteados em uma risca muito meticulosa. Ele lançou seu boné, que levava estampado um emblema dourado, provavelmente de um banco, que voou num arco através de todo o quarto

na direção do canapé,¹ e caminhou ao encontro de Gregor, com expressão obstinada, as mangas de seu sobretudo dobradas e as mãos no bolso. Ele mesmo provavelmente não sabia o que pretendia fazer; em todo caso, levantou muito alto seu pé, e Gregor se assustou com o tamanho imenso da sola de sua bota. Contudo, Gregor não se manteve na mesma posição, pois sabia muito bem, desde o primeiro dia da sua nova vida, que a única coisa que o pai reservava para ele era a força bruta. Por isso, vendo que o pai se mantinha parado, correu na direção oposta, e ainda mais rapidamente ao notar o mínimo movimento do pai. Assim, eles deram várias voltas em torno da sala, sem que algo decisivo acontecesse, sem que, aliás, aquilo tudo adquirisse a aparência de uma perseguição, tão devagar eles andavam. Por essa razão, Gregor se manteve momentaneamente no chão, sobretudo porque temia que o pai considerasse uma fuga pelas paredes ou pelo teto como algo especialmente mal-intencionado.

1 A descrição da cena gera certa estranheza. A não ser que haja outro canapé no apartamento dos Samsa, esse móvel se encontra no quarto de Gregor; mas é fundamental para a cena que essa porta esteja fechada, uma vez que Gregor está posicionado diante dela pedindo que ela seja aberta. Nenhuma das traduções consultadas (em português: Modesto Carone, Torrieri Guimarães; em inglês: Stanley Corngold e Joyce Crick) manteve a provável inconsistência. Na maior parte dos casos, os tradutores verteram *Kanapee* para “sofá” em vez de “canapé”.

Seja como for, Gregor tinha de admitir a si mesmo que não conseguiria manter aquela corrida por muito tempo, pois a cada passo do pai ele precisava realizar um número incontável de movimentos. Sua falta de ar começou a ficar cada vez mais notável, uma vez que jamais havia tido bons pulmões, mesmo nos tempos antigos. À medida que ele cambaleava adiante, dessa maneira, ele mal conseguia manter os olhos abertos, tamanha era a força que tinha de fazer para seguir correndo; em meio ao seu cansaço, ele não conseguia pensar em nenhum outro modo de se salvar, a não ser correndo; ele já tinha se esquecido quase completamente de que podia correr livremente pelas paredes, ainda que aqui elas estivessem repletas de móveis cheios de ângulos e pontas — então sentiu alguma coisa ser arremessada sem muita força detrás dele, algo que caiu quase ao seu lado e rolou à sua frente. Era uma maçã; logo uma outra voou em sua direção; Gregor parou assustado; seguir correndo era inútil, pois o pai havia decidido bombardeá-lo. Ele encheu os bolsos com as frutas que ficavam no prato do aparador e lançou maçã atrás de maçã sem nem sequer mirar. Essas pequenas maçãs rolavam pelo chão como se estivessem eletrizadas e batiam umas nas outras. Uma maçã, que não havia sido lançada com muita força, caiu sobre as costas de Gregor, mas deslizou pelo seu corpo sem o machucar. Em seguida, porém, outra acertou

em cheio em suas costas; Gregor queria continuar se arrastando, como se esse deslocamento pudesse fazer passar a dor surpreendente e inacreditável que se seguiu; porém, ele se sentiu pressionado contra o chão e ali se estirou, com todos os sentidos imersos em confusão. Com seu último olhar, ele ainda viu a porta de seu quarto se escancarando, a irmã gritando e, à frente dela, a mãe saindo apenas de camisola, pois a irmã havia lhe despido para que ela pudesse respirar melhor e despertar de seu desmaio; viu então a mãe correr na direção do pai enquanto os panos de suas saias iam caindo pelo caminho, e a viu tropeçar sobre a roupa, pressionando-se contra o pai, abraçando-o em completa união com ele (e agora a visão de Gregor começava a falhar), com as mãos na nuca do pai a implorar que a vida de Gregor fosse poupada.

3

As sérias feridas de que Gregor padeceu ao longo do mês seguinte — a maçã, que ninguém ousou remover, ficou cravada em sua carne como um lembrete visível — pareciam ter rememorado até mesmo o pai de que, apesar de sua triste e repulsiva forma atual, Gregor era um membro da família, que não deveria ser tratado como um inimigo, mas em relação ao qual a família tinha o dever de engolir o asco e tolerar, nada mais que tolerar.

Agora, apesar de Gregor parecer ter permanentemente perdido a mobilidade em razão das suas feridas e apesar de precisar de longos, longos minutos para cruzar seu quarto rastejando, como um velho inválido — o antigo rastejar no teto era impensável —, ele recebeu uma compensação completa, em sua opinião, por essa piora de estado, uma vez que todo dia, por volta do anoitecer, a porta que dava para a sala de estar era aberta — antes de chegar essa hora, ele costumava passar uma ou duas horas a encarando, concentrado —, de forma que, parado no escuro de seu quarto, sem poder ser

visto da sala, ele podia ver toda a família à mesa iluminada e ouvir sua conversa, em certo sentido com a autorização de todos, algo bastante diferente do que se passava antes.

É claro que não eram mais as diversões animadas dos tempos antigos, nas quais Gregor sempre pensava com nostalgia quando, cansado em seus pequenos quartos de hotel, metia-se debaixo dos lençóis gelados. Na maioria das vezes, tudo agora se passava muito tranquilamente. O pai dormia em sua poltrona logo depois do jantar; a mãe e a irmã pediam silêncio uma à outra; a mãe costurava roupas íntimas para uma loja de modas, inclinada debaixo da luminária; a irmã, que havia arrumado um emprego de vendedora, estava estudando estenografia e francês à noite, para talvez conseguir um emprego melhor no futuro. Às vezes o pai acordava sem perceber que havia dormido e dizia à mãe: “De novo você aí passando muito tempo com suas costuras!” e voltava imediatamente a dormir, enquanto a mãe e a irmã, cansadas, riam uma com a outra.

O pai, por uma teimosia peculiar, recusava-se a tirar o seu uniforme de auxiliar mesmo estando em casa; e enquanto os pijamas ficavam sem uso, pendurados no cabide, o pai cochilava inteiramente vestido no mesmo lugar, como se estivesse sempre pronto para o serviço, e também ali esperasse ouvir a voz do encarregado. Em razão disso, ele

acabou pondo a perder o uniforme, que já não era novo desde o início, apesar de toda a preocupação da mãe e da irmã com limpeza, e Gregor frequentemente passava noites inteiras olhando para aquela roupa brilhante — cada vez mais manchada, mas com os botões dourados sempre limpos — na qual o velho homem dormia em extremo desconforto e, apesar disso, com tranquilidade.

Assim que batiam as dez horas, a mãe tentava acordar o pai falando baixinho com ele, para então convencê-lo a ir para a cama, pois ali ele não iria dormir bem, e o pai, que entrava no serviço às seis, precisava muito dormir bem. Mas com a teimosia que havia adquirido após se tornar auxiliar, ele insistia em se manter mais tempo à mesa, apesar de cochilar de tempos em tempos; além disso, era apenas com muito esforço que trocava a poltrona pela cama. Por mais que a mãe e a irmã insistissem com pequenas broncas, ele passava ainda quinze minutos balançando a cabeça, com os olhos fechados, mas sem se levantar. Então a mãe o puxava pela manga, dizia-lhe alguns agrados ao ouvido, a irmã abandonava sua lição para ajudar a mãe, mas nada disso convencia o pai. Ele apenas afundava ainda mais na poltrona. Até que as mulheres o pegavam pelos braços, fazendo com que ele abrisse os olhos e se voltasse ora para a mãe, ora para a irmã, enquanto dizia, como de costume: “Que vida, essa. Esse é o

descanso que tenho nos meus dias de velhice”. E, apoiado nas duas mulheres, ele se levantava com dificuldade, como se fosse um imenso fardo para si mesmo, deixando-se conduzir por elas até a porta; ali ele balançava a cabeça e seguia adiante sozinho, apenas para que, em seguida, a mãe tivesse de abandonar a sua costura e a irmã a sua pena para correr atrás do pai e mais uma vez lhe ajudar.

Quem teria tempo, nessa família esgotada pelo trabalho, de se preocupar com Gregor, algo que, aliás, era imprescindível fazer? Os cuidados com a casa foram se tornando cada vez mais escassos; a empregada já havia sido dispensada; uma faxineira, enorme e muito magra, com cabelos brancos esvoaçantes, vinha de manhã e à tarde para fazer o trabalho mais pesado; tudo o mais ficava sob os cuidados da mãe, no intervalo de seus muitos trabalhos de costura. Aconteceu até mesmo de diversas das joias da família serem vendidas, que antes a mãe e a irmã usavam felizes em passeios e festas, algo que Gregor descobriu certa noite em que se conversava sobre o preço que eles conseguiriam cobrar. Mas a principal reclamação era sempre a de que eles não podiam deixar aquele apartamento, que era grande demais para as suas condições atuais, já que era impossível conceber um modo de transportar Gregor. Ele percebeu muito bem, porém, que não era apenas o cuidado com ele o que dificultava a

mudança, pois seria possível transportá-lo facilmente em uma caixa que fosse adequada, com apenas um par de furos para a passagem do ar; o que impedia a família de se mudar de apartamento era, acima de tudo, a total falta de esperança e o pensamento de que havia caído sobre eles uma desgraçada jamais sentida por ninguém em seu círculo de parentes e conhecidos. Eles cumpriam plenamente aquilo que o mundo exigia das pessoas pobres: o pai levava o café da manhã para os funcionáriozinhos do banco, a mãe se sacrificava para entregar roupas a estranhos, a irmã corria de um lado ao outro atrás do balcão para atender aos pedidos dos clientes, mas as forças da família não iam muito além disso. E, quando via a irmã e a mãe, depois de terem levado o pai para a cama, retornarem para a sala e deixarem de lado os trabalhos, sentando-se abraçadas com os rostos colados um no outro, a ferida nas costas de Gregor voltava a doer como se fosse nova; a mãe apontava para o quarto dele e dizia: “Feche aquela porta, Grete”; e Gregor ficava de novo no escuro enquanto, ao lado, as mulheres misturavam suas lágrimas ou, sem lágrima alguma nos olhos, apenas olhavam fixamente para a mesa.

Gregor passava dias e noites inteiros quase sem dormir. Às vezes ele pensava que iria voltar a assumir o sustento da família exatamente como antes na próxima vez que abrissem

a porta; nesses seus pensamentos apareciam, depois de muito tempo, o chefe e o gerente, o balconista e os aprendizes, aquele criado boçal, dois ou três amigos de outras lojas, uma camareira de um hotel na província, uma memória querida e fugaz, a atendente de uma loja de chapéus que ele havia cortejado seriamente, mas não rápido o suficiente — todos eles apareciam misturados com estranhos e pessoas já esquecidas; mas, em vez de ajudarem a ele e à sua família, todos estavam fora de seu alcance, e ele se alegrava quando esses pensamentos desapareciam. Até porque Gregor também não estava de modo algum com disposição para se preocupar com a sua família; apenas se enchia de raiva por causa dos maus cuidados e, apesar de não conseguir imaginar o que é que lhe daria algum apetite, ele ainda assim fazia planos de chegar à dispensa e pegar tudo o que merecia, mesmo que não tivesse fome alguma. Sem se preocupar mais com o que iria agradar Gregor, de manhã e à tarde, antes de sair correndo para a loja, a irmã empurrava apressada, com o pé, uma comida qualquer para dentro do quarto dele, para à noite a tirar dali com uma vassourada, independentemente se a comida tivesse sido apreciada ou se — como era mais frequente — nem sequer tivesse sido tocada. A arrumação do quarto, que ela agora só fazia à noite, não podia ser mais rápida. Rastros de sujeira podiam ser vistos em todas as paredes, e em toda parte

havia chumaços de poeira e restos. Nos primeiros tempos, assim que a irmã chegava, Gregor se posicionava em certo canto específico, para lhe indicar, com aquela posição, que ele estava lhe fazendo uma censura. Mas ele poderia ficar semanas inteiras ali sem que a irmã fizesse qualquer coisa a respeito; é claro que ela via a sujeira tão bem quanto ele, mas havia decidido simplesmente deixá-la ali. Nessa época, ela passara a se manter vigilante, com uma irritação que era completamente nova nela, mas que havia acometido toda a sua família, para que a limpeza do quarto de Gregor fosse feita apenas por ela. Certa vez, a mãe resolveu fazer uma grande limpeza no quarto de Gregor, em que precisou usar alguns baldes d'água — a umidade excessiva, porém, incomodava Gregor, e ele ficava estirado sobre o canapé, amargurado e imóvel. Foi o que bastou para que a mãe tivesse um castigo. Pois assim que a irmã notou, à noite, a mudança no quarto de Gregor, ela correu para a sala de estar sentindo-se profundamente ferida e, apesar de ver as mãos da mãe levantadas em súplica, teve um ataque de choro, algo que os pais — o pai, é claro, despertando assustado em sua poltrona — receberam a princípio com espanto e desconsolo; até que voltaram a se mexer; o pai se virava à direita para dar broncas na mãe, censurando-a por não ter deixado para a irmã a limpeza do quarto; mas, em seguida, se virava à esquerda, dizendo aos

gritos para a irmã que ela nunca mais iria limpar o quarto de Gregor; enquanto isso, a mãe tentava levar o pai para o quarto, pois ele já estava irreconhecível por conta dessa agitação; a irmã, sacudida pelos soluços, batia na mesa com os seus pequenos punhos; e Gregor, cheio de raiva, soltava assobios, já que ninguém havia pensado em fechar a porta para poupá-lo daquela cena e daquele barulho.

Mas mesmo que a irmã, esgotada por conta do seu trabalho, estivesse farta de ter de continuar cuidando de Gregor como antes, ainda assim não era de modo algum necessário que a mãe assumisse seu lugar, nem era preciso que Gregor fosse negligenciado daquela maneira. Pois ainda havia a faxineira. Essa viúva idosa — que em sua longa vida e com seu porte ossudo e forte já devia ter enfrentado as piores situações — não tinha qualquer repulsa em relação a Gregor. Certa vez, sem demonstrar qualquer tipo de curiosidade, ela abriu casualmente a porta do quarto de Gregor e, ao vê-lo, ficou ali parada com as mãos sobre o peito, ao passo que Gregor, tomado de surpresa, começou a correr de um lado ao outro, ainda que ninguém o perseguisse. Desde então ela nunca perdia a chance de abrir um pouco a porta, sempre muito rapidamente, de manhã e no fim da tarde, para dar uma espiada em Gregor. No começo, ela o chamava, dizendo “Vem aqui, vem, besouro-do-estercor!” ou “Olha

aí o besouro-do-esterco!”, palavras que ela provavelmente achava muito simpáticas. Gregor não respondia nada a esses chamados, apenas se mantinha parado no seu canto, como se a porta nem tivesse sido aberta. Muito melhor seria se, em vez de deixar que essa faxineira o estorvasse inutilmente de acordo com os caprichos dela, alguém ordenasse que ela limpasse o quarto todo dia! Certa vez, de manhã muito cedo — uma forte chuva batia contra as vidraças da janela, talvez já um sinal da primavera chegando —, Gregor se sentia tão amargo que, quando a faxineira começou de novo com aquele seu modo de falar, ele se voltou contra ela, bastante lentamente, mas como se fosse atacá-la. A faxineira, porém, em vez de ficar com medo, simplesmente levantou alto uma cadeira que se encontrava próxima e ficou ali de pé, mantendo a boca muito aberta, para deixar claro que sua intenção era fechar a boca apenas quando a cadeira em sua mão caísse sobre as costas de Gregor. “Então você não vem mais?” ela perguntou quando Gregor fez meia-volta, e com calma colocou a cadeira de volta no seu canto.

Gregor agora praticamente não comia mais nada. Apenas quando passava casualmente pela comida que lhe haviam preparado, ele, por diversão, colocava um pedaço na boca, mantinha-o ali por algumas horas para, na maior parte das vezes, cuspi-lo de volta. A princípio, ele pensava

que era a tristeza pelo estado do seu quarto o que o impedia de comer, mas esse não era o caso; ele havia se conciliado muito rapidamente com a mudança do quarto. Criou-se na casa o costume de colocar naquele quarto as coisas que não podiam ser acomodadas em outro lugar, e agora havia ali muitas dessas coisas, pois um cômodo do apartamento havia sido alugado para três inquilinos. Esses sérios senhores — todos os três usavam barbas, como Gregor pôde ver uma vez através da fresta da porta — eram extremamente ordeiros, não apenas em seu quarto, mas também (já que eles haviam se mudado para lá) em tudo o que concernia a casa, especialmente a cozinha. Eles não toleravam coisas sem serventia pela casa, especialmente tralhas sujas. Além disso, eles haviam trazido a maior parte da mobília que usavam. Por essa razão, muitas coisas se tornaram supérfluas, coisas que não eram vendáveis, mas que, por outro lado, ninguém queria jogar fora. Todas elas migraram para o quarto de Gregor. Incluindo as latas de lixo e de cinzas que ficavam na cozinha. Tudo o que não era utilizado era imediatamente jogado no quarto de Gregor pela faxineira, que sempre tinha muita pressa; felizmente, na maioria das vezes, ele via apenas o objeto e a mão que o segurava. A faxineira talvez tivesse a intenção de pegar as coisas de volta quando tivesse tempo e ocasião para isso, ou mesmo de pegar aquilo tudo

e jogar fora de uma só vez, mas na prática elas ficavam ali, exatamente no lugar onde tinham sido lançadas, a não ser quando Gregor se embrenhava no meio da bagunça e punha tudo em movimento; inicialmente ele o fazia movido pela falta de outros espaços livres em que pudesse rastejar, mas depois pelo crescente prazer que tirava disso, embora depois dessas perambulações ele ficasse morto de cansaço e tristeza, e passasse horas sem se mover.

Como às vezes os inquilinos também jantavam em casa, na sala de estar comum, a porta que dava para lá permanecia muitas noites trancada; Gregor, de todo modo, passava perfeitamente bem com a porta fechada, pois em muitas das noites em que ela foi aberta, ele tirou pouco proveito disso, mantendo-se no canto mais escuro do seu quarto, sem que a família o notasse. Uma vez, porém, a faxineira deixou um pouco aberta a porta que dava para a sala de estar, e assim ela permaneceu, mesmo quando os inquilinos chegaram à noite e a luz foi acesa. Eles se sentaram à cabeceira da mesa, no lugar em que antes se sentavam o pai, a mãe e Gregor, desdobraram os guardanapos e empunharam garfos e facas. Em seguida, a mãe apareceu na porta trazendo uma travessa de carne e, atrás dela, a irmã, com outra cheia de batatas empilhadas. A comida fumegava. Os inquilinos se debruçaram sobre as travessas postas diante deles, como se quisessem de

alguma forma testar a comida antes de comê-la, até que por fim um deles, o que se sentava no meio e parecia ter alguma autoridade sobre os outros dois, cortou um pedaço da carne ainda dentro da travessa, evidentemente para verificar se ela estava macia o suficiente e se não precisava ser mandada de volta para a cozinha. Ele se deu por satisfeito, e então a mãe e a irmã, que assistiam tensas, sorriram aliviadas.

A família comia na cozinha. Apesar disso, antes de ir à cozinha, o pai entrava na sala de estar, contornava a mesa e, segurando nas mãos o boné, curvava-se uma única vez em saudação. Os inquilinos se levantavam juntos e murmuravam algo para suas barbas. Quando voltavam a estar sozinhos, comiam em quase completo silêncio. Parecia estranho a Gregor que, em meio a todos os muitos ruídos que eles faziam ao comer, era o som de seus dentes mastigando o que sobressaía aos seus ouvidos, como se isso mostrasse a Gregor que era necessário ter dentes para comer e que mesmo a mais bela mandíbula desdentada não poderia fazer nada na falta deles. “Eu bem que tenho apetite”, dizia Gregor para si mesmo, preocupado, “mas não dessas coisas. Aqueles senhores comem, e eu aqui morrendo!”

Exatamente nessa noite — Gregor não se lembrava de ter ouvido o violino durante todo aquele tempo — pôde-se ouvir seu som vindo da cozinha. Os inquilinos já tinham

terminado o seu jantar, o do meio já tinha sacado o seu jornal, e cada um dos outros dois tinha recebido uma página, e então eles o liam, inclinados, enquanto fumavam. Quando o violino começou a ser tocado, isso lhes chamou a atenção; eles se levantaram e, na ponta dos pés, andaram na direção da porta da antessala, contra a qual eles se aglomeraram. Da cozinha devia ter sido possível ouvi-los, pois o pai gritou: “Será que a música está incomodando os senhores? Posso pedir para que ela pare agora mesmo”. “Pelo contrário”, disse o senhor do meio, “será que a senhorita não quer vir até nós e tocar aqui na sala, onde é mais confortável e agradável?”. “Ah, sim, por favor”, gritou o pai, como se fosse ele o violonista. Os senhores voltaram para a sala e esperaram. Logo em seguida veio o pai, com o suporte de partitura, a mãe com a partitura e a irmã com o violino. A irmã preparou tudo calmamente para a apresentação; os pais, que nunca antes haviam alugado um cômodo e por isso exageravam na cortesia com os inquilinos, não ousavam se sentar em suas próprias cadeiras; o pai se encostou na porta, com a mão direta metida entre os botões do sobretudo do seu uniforme ainda abotoado; a mãe, porém, aceitou a cadeira oferecida por um dos senhores e se sentou um tanto à parte, já que a cadeira ficou no mesmo lugar em que aquele senhor a havia casualmente colocado.

A irmã começou a tocar; o pai e a mãe, cada um em seu canto, seguiam com atenção os movimentos de suas mãos; Gregor, atraído pela música, ousou ir um pouco mais adiante e já estava com a cabeça na sala de estar. Nos últimos tempos, ele não chegava a se espantar com quão pouca consideração em relação aos outros demonstrava; antigamente essa consideração era seu maior orgulho. E precisamente naquele momento ele teria ainda mais razão para se esconder, pois a poeira — que agora estava em todos os cantos do seu quarto e que o mínimo movimento fazia levantar — o havia coberto inteiramente; ele arrastava consigo, em suas costas e em todo o corpo, pedaços de fios, cabelo, restos de comida; sua indiferença em relação a tudo era grande demais para que, como antes fazia muitas vezes durante o dia, ele se pusesse de costas sobre o tapete e nele se esfregasse. E, apesar de estar nessas condições, ele não teve nenhuma vergonha de se arrastar um pouco mais sobre o imaculado chão da sala de estar.

Apesar disso, ninguém o notou. A família estava completamente absorvida pelo violino; os inquilinos, por sua vez, com as mãos metidas nos bolsos, primeiro se puseram demasiado próximos do suporte de partitura, de modo que todos eles podiam lê-la, o que certamente devia incomodar a sua irmã; em seguida, voltaram a se aproximar da janela,

retomando suas conversas a meia-voz com as cabeças baixas, e ali permaneceram sob o olhar preocupado do pai. Tinha-se a claríssima impressão de que eles tinham esperado ouvir uma apresentação de violino bonita, ou ao menos divertida, mas, tendo se frustrado, cansaram-se do que viam e apenas por cortesia ainda se deixavam perturbar. Especialmente o modo como todos eles sopravam para cima a fumaça de seus charutos pelo nariz e pela boca dava a entender uma grande impaciência. E, no entanto, a irmã tocava tão belamente. Seu rosto estava inclinado, enquanto seus olhos, tateantes e tristes, seguiam as linhas da partitura. Gregor rastejou ainda um tanto mais para frente e manteve a cabeça muito próxima do chão, para aumentar as chances de encontrar o seu olhar. Será que ele era realmente um bicho, mesmo que a música o tocasse tanto? Para ele, era como se lhe fosse revelado um caminho em direção a um alimento desejado, mas desconhecido. Ele estava decidido a avançar na direção da irmã, puxar a sua saia e, assim, dar a entender que ela podia ir com o violino para o quarto dele, pois aqui ninguém merecia aquele espetáculo tanto quanto ele. Ele não queria mais deixá-la sair do seu quarto, ao menos enquanto ele vivesse; sua forma assustadora seria pela primeira vez de alguma serventia; ele queria estar ao mesmo tempo diante de todas as portas de seu quarto, rosnando para os invasores; a irmã, contudo, não deveria ser

forçada, deveria ficar com ele voluntariamente; ela deveria se sentar no canapé ao lado dele, inclinando a orelha na sua direção, e então ele lhe contaria seu segredo, que ele tinha a firme intenção de mandá-la para o conservatório e que, se não houvesse ocorrido aquela desgraça nesse meio tempo, ele teria dito isso a todos no Natal passado — será que o Natal já havia passado? — sem ligar para o que se dissesse em contrário. Depois dessa declaração, a irmã iria derramar lágrimas comovidas e Gregor iria se levantar à altura do seu ombro e lhe dar um beijo no pescoço, já que ela não o cobria mais com uma fita ou com o colarinho desde que passou a trabalhar na loja.

“Senhor Samsa!”, gritou o senhor do meio para o pai, apontando, sem desperdiçar mais palavras, o indicador na direção de Gregor, que se movia lentamente adiante. O violino silenciou, o inquilino do meio apenas riu para os seus amigos, balançando a cabeça, e então voltou a olhar na direção de Gregor. O pai parecia achar que, antes de espantar Gregor, era mais importante acalmar os inquilinos, ainda que eles não estivessem nada alarmados e parecessem estar mais entretidos com ele do que estavam com a apresentação de violino. Ele correu na direção deles e, com os braços estendidos, tentou empurrá-los para o seu quarto, ao mesmo tempo em que ocultava com seu corpo a visão que eles tinham de Gregor.

Nesse momento, na verdade, eles ficaram um pouco bravos, embora não fosse possível saber se com o comportamento do pai ou se com a descoberta que acabavam de fazer: eles possuíam um vizinho de quarto como Gregor, sem nunca ter sabido disso. Eles exigiam explicações do pai, levantavam os braços, puxavam as barbas inquietos e retrocediam apenas muito lentamente para o seu quarto. No meio tempo, a irmã conseguiu superar a desorientação em que havia caído depois da repentina interrupção da sua apresentação; depois de segurar o arco e o violino nas mãos pendidas e continuar com os olhos na partitura como se ainda estivesse tocando, ela finalmente se recompôs, colocou o instrumento no colo da mãe — a qual, ainda sentada em sua cadeira, respirava com dificuldade, fazendo seus pulmões trabalharem intensamente — e correu para o quarto ao lado, do qual os inquilinos, empurrados pelo pai, aproximavam-se um pouco mais rápido. Via-se o modo como, sob as mãos habilidosas da irmã, cobertas e almofadas se levantavam e, ao cair, ordenavam-se sobre a cama. Antes mesmo que os senhores tivessem chegado ao quarto, ela já tinha terminado de fazer as camas e escapava dali. O pai parecia mais uma vez tomado por sua teimosia, e esquecia todo o respeito que continuava a dever aos seus inquilinos. Ele empurrava e empurrava, até que, já sobre a soleira da porta do quarto, o senhor do meio

bateu estrondoso o pé no chão e, com isso, fez com que o pai parasse. “Eu declaro”, disse o senhor, levantando a mão e procurando com os olhos também a mãe e a irmã, “que, levando em consideração o comportamento abjeto vigente neste apartamento e em meio a esta família,” — nesse momento, ele cuspiu decididamente no chão — “estou deixando meu quarto agora mesmo. Evidentemente, não vou pagar nem um centavo pelos dias em que vivi aqui; pelo contrário, ainda irei refletir se não irei — o senhor acredite em mim — entrar com um processo contra o senhor, algo aliás muito facilmente justificável”. Ele se calou e olhou diretamente à sua frente, como se aguardasse algo. Com efeito, seus dois amigos se manifestaram: “Nós também estamos deixando o quarto agora mesmo”. Com isso, ele agarrou a maçaneta e bateu a porta, fazendo grande barulho.

O pai saiu cambaleante, apoiando-se com as mãos, em direção à sua poltrona e se deixou cair sobre ela; ele dava a impressão de estar tirando uma de suas costumeiras sonecas noturnas, mas os fortes acenos que fazia com sua cabeça inquieta indicavam que não estava, em absoluto, dormindo. Gregor se manteve o tempo todo quieto no mesmo lugar em que os inquilinos o surpreenderam. O desapontamento com o fracasso do seu plano, mas talvez também a fraqueza causada por tanto tempo sem comer, impossibilitava que ele

se movesse. Ele tinha quase certeza de que devia temer que o mundo caísse sobre ele nos próximos minutos, e aguardava. Não se assustou nem mesmo com o sonoro ruído produzido pelo violino ao cair do colo da mãe, que até então o segurava entre os dedos trêmulos.

“Meus queridos pais”, disse a irmã, batendo a mão na mesa como se fizesse, com isso, uma introdução, “não é possível continuar assim. Caso vocês não percebiam isso, eu percebo. Eu não irei pronunciar o nome do meu irmão diante desta abominação; direi simplesmente: precisamos nos livrar disto aí. Fizemos o que é humanamente possível para cuidar desta coisa e tolerá-la; eu acredito que ninguém pode nos acusar de absolutamente nada”.

“Ela tem toda a razão”, disse o pai para si mesmo. A mãe, que ainda não havia conseguido recuperar o fôlego, pôs a mão na boca e começou a tossir surdamente, com uma expressão insana nos olhos.

A irmã correu até a mãe e segurou sua cabeça. O pai, a quem as palavras da irmã pareciam ter conduzido a pensamentos muito definitivos, aprumou-se na cadeira, ficou brincando com o seu boné de auxiliar entre os pratos que ainda estavam sobre a mesa depois do jantar dos inquilinos, olhando às vezes para Gregor, que permanecia ali parado.

“Precisamos encontrar uma maneira de nos livrarmos disto aí”, disse a irmã, dirigindo-se agora apenas ao pai, pois a mãe não escutava nada em meio ao seu acesso de tosse, “esta coisa ainda vai matar vocês dois, já estou vendo. Quando se precisa trabalhar tanto quanto nós três, não é possível ainda suportar essa tortura eterna dentro de casa. Eu também não consigo mais”. E ela passou a chorar tão convulsivamente que suas lágrimas escorreram sobre o rosto da mãe, as quais ela limpava mecanicamente com as mãos.

“Mas, minha criança”, retrucou o pai, cheio de compaixão e com notável compreensão, “o que vamos fazer?”.

A irmã apenas levantou os ombros, demonstrando a desorientação que havia lhe tomado agora que ela chorava, e a qual contrastava com a certeza de pouco tempo atrás.

“Se ele ao menos conseguisse nos entender”, disse o pai, quase em tom de pergunta; saindo de seu choro, a irmã agitou enfaticamente a mão, indicando que não se deveria pensar nisso.

“Isto aí precisa ir embora”, gritou a irmã, “essa é a única maneira, papai. Você precisa se livrar da ideia de que isto aí é o Gregor. Nossa verdadeira tristeza é ter acreditado nisso por tanto tempo. Mas como é que isto poderia ser o Gregor? Se fosse ele, ele teria percebido há muito tempo que a convivência entre humanos e um bicho como este não é

possível, e teria ido embora voluntariamente. Nesse caso, nós não teríamos um irmão, mas poderíamos continuar vivendo e honrando a sua memória. Mas do jeito que as coisas estão, esse bicho nos persegue, espanta os inquilinos e claramente quer tomar para si todo o apartamento e nos fazer dormir na rua. Veja só, papai”, ela de repente deu um grito, “ele já vai começar outra vez!”. E, tomando um susto completamente incompreensível para Gregor, a irmã se desprendeu da mãe e chegou mesmo a empurrar a cadeira dela, como se preferisse oferecer a mãe em sacrifício a ter de permanecer próxima a Gregor, e correu para trás do pai, o qual, agitado apenas em razão do comportamento dela, também se levantou, erguendo um pouco os braços diante da irmã, como se fosse protegê-la.

Mas nunca ocorreu a Gregor causar medo em sua irmã ou em qualquer outra pessoa. Ele tinha apenas começado a se virar para marchar de volta ao seu quarto, apenas de um modo um tanto espalhafatoso, pois em razão do terrível estado em que se encontrava, para dar a meia-volta ele precisava do apoio da cabeça, a qual ele tinha de levantar e bater contra o chão várias vezes. Ele se deteve e olhou ao redor. Parecia que sua boa intenção tinha sido reconhecida; tinha sido apenas um breve momento de susto. Agora todos olhavam para ele, em silêncio e tristes. A mãe estava jogada

em sua cadeira, com as pernas esticadas e pressionadas uma contra a outra, seus olhos quase se fechando de cansaço; o pai e a irmã estavam sentados um ao lado do outro, a irmã com a mão em volta do pescoço do pai.

“Agora talvez eu já possa me virar”, pensou Gregor, retomando seu trabalho. Ele não conseguia deixar de ofegar em razão do esforço e, de tempos em tempos, precisava descansar. Ninguém, aliás, o empurrava; haviam deixado tudo a cargo dele. Quando tinha completado sua meia-volta, ele se pôs imediatamente a caminhar de volta. Ele se espantou com a grande distância que o separava de seu quarto, e não conseguia entender como, apesar de sua fraqueza, havia feito o mesmo caminho há tão pouco tempo quase sem perceber. Preocupado o tempo todo em rastejar rapidamente, ele não dava muita atenção ao fato de que nenhuma palavra, nenhum grito de sua família o vinha estorvar. Apenas quando já estava na soleira da porta ele voltou a cabeça para trás, não completamente, pois seu pescoço estava enrijecido; mesmo assim, ainda pôde ver que nada atrás de si tinha mudado, apenas a irmã havia se levantado. O seu último olhar foi em direção à mãe, que agora dormia completamente.

Assim que ele estava dentro do seu quarto, a porta foi imediatamente fechada, trancada e bloqueada. Esse barulho repentino atrás de si assustou Gregor a tal ponto que suas

perninhas fraquejaram. Era a irmã quem havia se apressado desse modo. Ela já estava ali, de pé e em prontidão, e esperava; deu um salto tão silencioso à frente que Gregor absolutamente não a ouviu chegar, e soltou um “Finalmente!” para os pais, enquanto girava a chave na fechadura.

“E agora?” perguntou-se Gregor, olhando ao seu redor no escuro. Ele logo descobriu que não conseguia mais se mover de modo algum. Isso não o espantou, o que lhe pareceu pouco natural foi que ele efetivamente tivesse conseguido se mover até agora usando aquelas perninhas finas. No mais, ele se sentia relativamente confortável. É verdade que sentia dores em todo o corpo, mas tinha a impressão de que elas iam se tornando cada vez mais fracas e que em breve passariam completamente. Ele quase não sentia mais a maçã podre presa às suas costas e seus contornos inflamados e cobertos de poeira. Pensava em sua família com comoção e amor. Se isso era possível, ele estava ainda mais convencido que a irmã a respeito da ideia de que deveria desaparecer. Ele permaneceu nesse estado de reflexão vazia e calma até que o relógio da torre bateu três horas da manhã. Ele ainda conseguiu ver, pela janela, o alvorecer do lado de fora. Então sua cabeça afundou sem que ele o quisesse e de suas narinas se despreendeu debilmente seu último suspiro.

Quando, de manhã cedo, a faxineira chegou — ela ignorava os pedidos frequentes para evitar bater as portas com tanta força e com tanta pressa, o que fazia com que, a partir da sua chegada, qualquer sono tranquilo fosse impossível —, a princípio ela não notou nada de estranho em Gregor na sua visita costumeira. Ela pensou que ele se mantinha ali tão imóvel de propósito, fazendo-se de machucado; achava-o muito inteligente. Por acaso, ela estava com uma longa vassoura na mão, e então tentou cutucá-lo de longe. Como isso não mostrou nenhum resultado, ela ficou brava e deu um pequeno empurrão em Gregor; e, apenas quando o moveu sem que ele apresentasse qualquer resistência, passou a dar mais atenção àquilo. Assim que, logo em seguida, ela reconheceu a real situação, arregalou os olhos, soltou um assobio, mas não se manteve ali por muito tempo, e simplesmente escancarou a porta do quarto e gritou alto para o escuro: “Venham ver, ele bateu as botas; está deitado ali, bateu as botas de vez!”.

O casal Samsa se sentou em sua cama e primeiro teve de superar o susto com o grito da faxineira para apenas depois chegar a compreender o que ela dizia. Mas, em seguida, o senhor e a senhora Samsa se levantaram apressados, cada um do seu lado da cama, o senhor Samsa com a coberta sobre os ombros, a senhora Samsa apenas com sua camisola; então entraram no quarto de Gregor. No meio tempo, a porta que

dava para a sala de estar, onde Grete tinha passado a dormir desde a chegada dos inquilinos, também havia sido aberta; ela estava completamente vestida, como se nem sequer tivesse dormido, o que seu rosto pálido também parecia confirmar. “Morto?”, disse a senhora Samsa, olhando interrogativamente para a faxineira, apesar de poder verificar tudo por conta própria ou mesmo simplesmente reconhecer, sem qualquer verificação, o que havia acontecido. “É o que parece”, disse a faxineira e, para provar, empurrou mais um tanto o cadáver de Gregor com a vassoura. A senhora Samsa fez menção de conter a vassoura, mas não chegou a fazer isso. “Bem”, disse o senhor Samsa, “agora podemos agradecer a Deus”. Ele fez o sinal da cruz e as três mulheres seguiram seu exemplo. Grete, que não tirava os olhos do cadáver, disse: “Vejam como ele estava magro. Fazia muito tempo que não comia nada. A comida saía do mesmo jeito que entrava”. De fato, o corpo de Gregor estava completamente achatado e seco, o que só agora se podia perceber, já que ele não estava mais sendo sustentado pelas perninhas e nada mais distraía o olhar.

“Grete, venha um instantinho para o nosso quarto”, disse a senhora Samsa, oferecendo-lhe um sorriso melancólico, e Grete seguiu os pais para dentro de seu quarto, não sem antes lançar para trás um olhar na direção do cadáver. A faxineira fechou a porta e abriu completamente a janela.

Apesar de ainda ser cedo, o ar fresco já se misturava com a brisa morna. Já era quase fim de março.

Os três inquilinos saíram do seu quarto e, espantados, procuraram seu café da manhã; todos haviam se esquecido. “Onde está o café da manhã?”, o senhor do meio perguntou, carrancudo, para a faxineira. Esta, porém, colocou o dedo diante da boca e apressadamente indicou para os senhores, sem dizer nada, que eles fossem ao quarto de Gregor. Eles se dirigiram para o quarto já completamente iluminado e, com as mãos nos bolsos de seus casacos surrados, pararam em volta do cadáver de Gregor.

Então a porta do quarto foi aberta, e o senhor Samsa saiu de lá vestindo o sobretudo do seu uniforme, amparando em um dos braços sua mulher e no outro sua filha. Via-se que os três haviam chorado um pouco; Grete às vezes pressionava o rosto contra o braço do pai.

“Saiam agora mesmo do meu apartamento!”, disse o senhor Samsa, apontando para a porta, sem afastar de si as mulheres. “Como assim, o que o senhor está querendo dizer?”, perguntou o senhor do meio, num sobressalto, com um sorriso adocicado. Os outros dois mantinham as mãos atrás das costas e as esfregavam sem parar, na alegre expectativa de uma grande briga que teria um desfecho favorável a eles. “Estou querendo dizer exatamente o que

disse”, respondeu o senhor Samsa e, formando uma fila com as suas duas acompanhantes, caminhou na direção do inquilino. A princípio, este ficou parado e olhando para o chão, como se estivesse reordenando as coisas em sua cabeça. “Pois vamos embora”, ele disse, então, olhando para o senhor Samsa como se, tomado por uma repentina humildade, pedisse permissão para tomar até mesmo essa decisão. O senhor Samsa simplesmente assentiu com a cabeça algumas vezes, olhando firmemente para ele. Na sequência, aquele senhor realmente seguiu na direção da antessala com largos passos; seus dois amigos passaram um curto instante escutando, sem mais mover as mãos e, em seguida, deram um salto na direção do amigo, como se estivessem com medo de que o senhor Samsa entrasse na antessala antes deles e atrapalhasse o contato com o seu líder. Na antessala, todos os três tiraram seus chapéus do cabide, suas bengalas do porta-bengalas ao lado, curvaram-se silenciosamente em cumprimento e deixaram o apartamento. Movido por uma desconfiança que acabou se mostrando infundada, o senhor Samsa saiu com as duas mulheres até o vestíbulo; apoiados no corrimão, eles viram os três senhores descerem num passo lento e constante a longa escada, desaparecerem em cada um dos andares em determinada curva da escadaria, para depois de uns instantes voltarem a surgir; quanto mais

abaixo eles iam, mais a família Samsa perdia o interesse por eles; e, quando um entregador de carnes passou por eles e subiu as escadas levando orgulhosamente um cesto sobre a cabeça, o senhor Samsa e as mulheres deixaram o corrimão, retornando aliviados para o apartamento.

Decidiram passar aquele dia descansando e passeando; eles não apenas mereciam aquela pausa no trabalho, como precisavam disso a todo custo. E, assim, eles se sentaram à mesa para escrever três cartas com pedidos de desculpas, o senhor Samsa para o gerente do banco, a senhora Samsa para o seu contratante, e Grete para o encarregado da loja. Ainda escreviam quando a faxineira entrou para dizer que estava de saída, pois o seu trabalho da manhã estava feito. A princípio, os três simplesmente assentiram enquanto escreviam, sem olhar para cima; como a faxineira ainda assim não se afastava, eles levantaram os olhos, irritados. “E então?”, perguntou o senhor Samsa. A faxineira estava sobre a soleira da porta, rindo, como se tivesse de comunicar à família uma ótima notícia, mas só fosse fazê-lo quando lhe fosse perguntado nos mínimos detalhes. A pequena pena de pavão espetada em seu chapéu, que irritava o senhor Samsa ao longo de todo o período em que ela trabalhava ali, balançava levemente em todas as direções. “O que é que você quer, enfim?”, perguntou a senhora Samsa, a pessoa

pela qual a faxineira tinha mais respeito. “Bem”, respondeu a faxineira, sem conseguir responder imediatamente em razão daquele seu riso simpático, “pois então, a senhora não precisa se preocupar com o descarte daquela coisa ali do lado. Está tudo em ordem”. A senhora Samsa e Grete se inclinaram sobre as suas cartas, como se quisessem voltar a escrever; ao perceber que a faxineira queria descrever a coisa toda em detalhe, o senhor Samsa a dispensou com um firme gesto de mão. Como não permitiram que ela falasse, ela se lembrou de que estava com muita pressa; então disse, claramente ofendida, “adeus a todos”, deu meia-volta, muito irritada, e deixou o apartamento batendo forte a porta atrás de si.

“Hoje à tarde nós a mandamos embora”, disse o senhor Samsa, sem, contudo, receber uma resposta nem de sua esposa nem de sua filha, pois a faxineira parecia ter perturbado a calma que elas haviam acabado de recuperar. Elas se levantaram, foram até a janela e ficaram ali abraçadas. Ainda em sua cadeira, o senhor Samsa se virou na direção delas e as observou em silêncio por um momento. Então disse: “Mas, ora, venham aqui. Deixem as coisas antigas para trás. E tenham um pouco de consideração por mim também”. As mulheres obedeceram de pronto, correram até ele, fizeram-lhe um carinho e terminaram rapidamente suas cartas.

Em seguida, os três saíram juntos do apartamento, algo que não faziam há meses, e pegaram o bonde na direção de um parque ao ar livre, fora da cidade. O vagão, no qual viajavam sozinhos, estava inteiramente iluminado pelo sol quente. Eles conversavam, encostados confortavelmente em seus assentos, a respeito das perspectivas para o futuro, e perceberam que, olhando bem, elas não eram nem um pouco ruins, pois os três empregos em que agora estavam, e a respeito dos quais eles na verdade ainda não tinham perguntado nada uns aos outros, eram muito convenientes e, pensando mais à frente, muito promissores. A principal melhora de sua presente situação viria, obviamente, da mudança de apartamento; agora, eles queriam encontrar um apartamento menor e mais barato, mas mais bem localizado e, de modo geral, mais prático do que o atual, que tinha sido encontrado por Gregor. Enquanto ainda se distraíam com esses temas e olhavam para a filha que se mostrava cada vez mais vivaz, ocorreu ao senhor e à senhora Samsa quase ao mesmo tempo que, apesar de todas as tarefas que haviam tornado pálida a sua face, nos últimos tempos ela florescia e se tornava uma moça bonita e viçosa. Entendendo-se em silêncio e quase inconscientemente por meio de olhares, eles pensaram que já era tempo de procurar um bom homem para ela. E trataram como uma confirmação de seus novos sonhos e boas intenções quando, chegando

ao destino de sua viagem, a filha foi a primeira a se levantar e alongar seu corpo jovem.

Traduzido por Giovane Rodrigues Silva

Giovane Rodrigues é professor de filosofia, mestre em filosofia da linguagem e doutor em ética contemporânea pela Universidade de São Paulo. É tradutor de obras do inglês, francês e alemão, tendo predileção pela filosofia e literatura desta última língua. Traduziu clássicos de Stefan Zweig, Friedrich Nietzsche e Ludwig Wittgenstein. Para o Literatura Livre, traduziu, além de Franz Kafka, a novela *As roupas fazem as pessoas*, de Gottfried Keller.





Die Verwandlung

Franz Kafka

Als Gregor Samsa eines Morgens aus unruhigen Träumen erwachte, fand er sich in seinem Bett zu einem ungeheueren Ungeziefer verwandelt. Er lag auf seinem panzerartig harten Rücken und sah, wenn er den Kopf ein wenig hob, seinen gewölbten, braunen, von bogenförmigen Versteifungen geteilten Bauch, auf dessen Höhe sich die Bettdecke, zum gänzlichen Niedergleiten bereit, kaum noch erhalten konnte. Seine vielen, im Vergleich zu seinem sonstigen Umfang kläglich dünnen Beine flimmerten ihm hilflos vor den Augen.

»Was ist mit mir geschehen?« dachte er. Es war kein Traum. Sein Zimmer, ein richtiges, nur etwas zu kleines Menschenzimmer, lag ruhig zwischen den vier wohlbekannten Wänden. Über dem Tisch, auf dem eine auseinandergepackte Musterkollektion von Tuchwaren ausgebreitet war – Samsa war Reisender –, hing das Bild, das er vor kurzem aus einer illustrierten Zeitschrift ausgeschnitten und in einem hübschen, vergoldeten Rahmen untergebracht

hatte. Es stellte eine Dame dar, die, mit einem Pelzhut und einer Pelzboa versehen, aufrecht dasaß und einen schweren Pelzmuff, in dem ihr ganzer Unterarm verschwunden war, dem Beschauer entgegenhob.

Gregors Blick richtete sich dann zum Fenster, und das trübe Wetter – man hörte Regentropfen auf das Fensterblech aufschlagen – machte ihn ganz melancholisch. »Wie wäre es, wenn ich noch ein wenig weiterschliefe und alle Narrheiten vergäße,« dachte er, aber das war gänzlich undurchführbar, denn er war gewöhnt, auf der rechten Seite zu schlafen, konnte sich aber in seinem gegenwärtigen Zustand nicht in diese Lage bringen. Mit welcher Kraft er sich auch auf die rechte Seite warf, immer wieder schaukelte er in die Rückenlage zurück. Er versuchte es wohl hundertmal, schloß die Augen, um die zappelnden Beine nicht sehen zu müssen, und ließ erst ab, als er in der Seite einen noch nie gefühlten, leichten, dumpfen Schmerz zu fühlen begann.

»Ach Gott,« dachte er, »was für einen anstrengenden Beruf habe ich gewählt! Tag aus, Tag ein auf der Reise. Die geschäftlichen Aufregungen sind viel größer, als im eigentlichen Geschäft zu Hause, und außerdem ist mir noch diese Plage des Reisens auferlegt, die Sorgen um die Zuganschlüsse, das unregelmäßige, schlechte Essen, ein immer wechseln-der, nie andauernder, nie herzlich werdender menschlicher

Verkehr. Der Teufel soll das alles holen!« Er fühlte ein leichtes Jucken oben auf dem Bauch; schob sich auf dem Rücken langsam näher zum Bettpfosten, um den Kopf besser heben zu können; fand die juckende Stelle, die mit lauter kleinen weißen Pünktchen besetzt war, die er nicht zu beurteilen verstand; und wollte mit einem Bein die Stelle betasten, zog es aber gleich zurück, denn bei der Berührung umwehten ihn Kälteschauer.

Er glitt wieder in seine frühere Lage zurück. »Dies frühzeitige Aufstehen«, dachte er, »macht einen ganz blödsinnig. Der Mensch muß seinen Schlaf haben. Andere Reisende leben wie Haremsfrauen. Wenn ich zum Beispiel im Laufe des Vormittags ins Gasthaus zurückgehe, um die erlangten Aufträge zu überschreiben, sitzen diese Herren erst beim Frühstück. Das sollte ich bei meinem Chef versuchen; ich würde auf der Stelle hinausfliegen. Wer weiß übrigens, ob das nicht sehr gut für mich wäre. Wenn ich mich nicht wegen meiner Eltern zurückhielte, ich hätte längst gekündigt, ich wäre vor den Chef hingetreten und hätte ihm meine Meinung von Grund des Herzens aus gesagt. Vom Pult hätte er fallen müssen! Es ist auch eine sonderbare Art, sich auf das Pult zu setzen und von der Höhe herab mit dem Angestellten zu reden, der überdies wegen der Schwerhörigkeit des Chefs ganz nahe herantreten muß. Nun, die Hoffnung ist noch nicht

gänzlich aufgegeben, habe ich einmal das Geld beisammen, um die Schuld der Eltern an ihn abzuführen – es dürfte noch fünf bis sechs Jahre dauern –, mache ich die Sache unbedingt. Dann wird der große Schnitt gemacht. Vorläufig allerdings muß ich aufstehen, denn mein Zug fährt um fünf.«

Und er sah zur Weckuhr hinüber, die auf dem Kasten tickte. »Himmlischer Vater!« dachte er, Es war halb sieben Uhr, und die Zeiger gingen ruhig vorwärts, es war sogar halb vorüber, es näherte sich schon dreiviertel. Sollte der Wecker nicht geläutet haben? Man sah vom Bett aus, daß er auf vier Uhr richtig eingestellt war; gewiß hatte er auch geläutet. Ja, aber war es möglich, dieses möbelerschütternde Läuten ruhig zu verschlafen? Nun, ruhig hatte er ja nicht geschlafen, aber wahrscheinlich desto fester. Was aber sollte er jetzt tun? Der nächste Zug ging um sieben Uhr; um den einzuholen, hätte er sich unsinnig beeilen müssen, und die Kollektion war noch nicht eingepackt, und er selbst fühlte sich durchaus nicht besonders frisch und beweglich. Und selbst wenn er den Zug einholte, ein Donnerwetter des Chefs war nicht zu vermeiden, denn der Geschäftsdienst hatte beim Fünfuhrzug gewartet und die Meldung von seiner Versäumnis längst erstattet. Es war eine Kreatur des Chefs, ohne Rückgrat und Verstand. Wie nun, wenn er sich krank meldete? Das wäre aber äußerst peinlich und verdächtig,

denn Gregor war während seines fünfjährigen Dienstes noch nicht einmal krank gewesen. Gewiß würde der Chef mit dem Krankenkassenarzt kommen, würde den Eltern wegen des faulen Sohnes Vorwürfe machen und alle Einwände durch den Hinweis auf den Krankenkassenarzt abschneiden, für den es ja überhaupt nur ganz gesunde, aber arbeitsscheue Menschen gibt. Und hätte er übrigens in diesem Falle so ganz unrecht? Gregor fühlte sich tatsächlich, abgesehen von einer nach dem langen Schlaf wirklich überflüssigen Schläfrigkeit, ganz wohl und hatte sogar einen besonders kräftigen Hunger.

Als er dies alles in größter Eile überlegte, ohne sich entschließen zu können, das Bett zu verlassen – gerade schlug der Wecker dreiviertel sieben – klopfte es vorsichtig an die Tür am Kopfende seines Bettes. »Gregor,« rief es – es war die Mutter –, »es ist dreiviertel sieben. Wolltest du nicht wegfahren?« Die sanfte Stimme! Gregor erschrak, als er seine antwortende Stimme hörte, die wohl unverkennbar seine frühere war, in die sich aber, wie von unten her, ein nicht zu unterdrückendes, schmerzliches Piepsen mischte, das die Worte förmlich nur im ersten Augenblick in ihrer Deutlichkeit beließ, um sie im Nachklang derart zu zerstören, daß man nicht wußte, ob man recht gehört hatte. Gregor hatte ausführlich antworten und alles erklären wollen,

beschränkte sich aber bei diesen Umständen darauf, zu sagen: »Ja, ja, danke, Mutter, ich stehe schon auf.« Infolge der Holztür war die Veränderung in Gregors Stimme draußen wohl nicht zu merken, denn die Mutter beruhigte sich mit dieser Erklärung und schlürfte davon. Aber durch das kleine Gespräch waren die anderen Familienmitglieder darauf aufmerksam geworden, daß Gregor wider Erwarten noch zu Hause war, und schon klopfte an der einen Seitentür der Vater, schwach, aber mit der Faust. »Gregor, Gregor,« rief er, »was ist denn?« Und nach einer kleinen Weile mahnte er nochmals mit tieferer Stimme: »Gregor! Gregor!« An der anderen Seitentür aber klagte leise die Schwester: »Gregor? Ist dir nicht wohl? Brauchst du etwas?« Nach beiden Seiten hin antwortete Gregor: »Bin schon fertig,« und bemühte sich, durch die sorgfältigste Aussprache und durch Einschaltung von langen Pausen zwischen den einzelnen Worten seiner Stimme alles Auffallende zu nehmen. Der Vater kehrte auch zu seinem Frühstück zurück, die Schwester aber flüsterte: »Gregor, mach auf, ich beschwöre dich.« Gregor aber dachte gar nicht daran aufzumachen, sondern lobte die vom Reisen her übernommene Vorsicht, auch zu Hause alle Türen während der Nacht zu versperren.

Zunächst wollte er ruhig und ungestört aufstehen, sich anziehen und vor allem frühstücken, und dann erst das

Weitere überlegen, denn, das merkte er wohl, im Bett würde er mit dem Nachdenken zu keinem vernünftigen Ende kommen. Er erinnerte sich, schon öfters im Bett irgendeinen vielleicht durch ungeschicktes Liegen erzeugten, leichten Schmerz empfunden zu haben, der sich dann beim Aufstehen als reine Einbildung herausstellte, und er war gespannt, wie sich seine heutigen Vorstellungen allmählich auflösen würden. Daß die Veränderung der Stimme nichts anderes war als der Vorbote einer tüchtigen Verkühlung, einer Berufskrankheit der Reisenden, daran zweifelte er nicht im geringsten.

Die Decke abzuwerfen war ganz einfach; er brauchte sich nur ein wenig aufzublasen und sie fiel von selbst. Aber weiterhin wurde es schwierig, besonders weil er so ungemein breit war. Er hätte Arme und Hände gebraucht, um sich aufzurichten; statt dessen aber hatte er nur die vielen Beinchen, die ununterbrochen in der verschiedensten Bewegung waren und die er überdies nicht beherrschen konnte. Wollte er eines einmal einknicken, so war es das erste, daß er sich streckte; und gelang es ihm endlich, mit diesem Bein das auszuführen, was er wollte, so arbeiteten inzwischen alle anderen, wie freigelassen, in höchster, schmerzlicher Aufregung. »Nur sich nicht im Bett unnütz aufhalten,« sagte sich Gregor.

Zuerst wollte er mit dem unteren Teil seines Körpers aus dem Bett hinauskommen, aber dieser untere Teil, den

er übrigens noch nicht gesehen hatte und von dem er sich auch keine rechte Vorstellung machen konnte, erwies sich als zu schwer beweglich; es ging so langsam; und als er schließlich, fast wild geworden, mit gesammelter Kraft, ohne Rücksicht sich vorwärtsstieß, hatte er die Richtung falsch gewählt, schlug an den unteren Bettpfosten heftig an, und der brennende Schmerz, den er empfand, belehrte ihn, daß gerade der untere Teil seines Körpers augenblicklich vielleicht der empfindlichste war.

Er versuchte es daher, zuerst den Oberkörper aus dem Bett zu bekommen, und drehte vorsichtig den Kopf dem Bettrand zu. Dies gelang auch leicht, und trotz ihrer Breite und Schwere folgte schließlich die Körpermasse langsam der Wendung des Kopfes. Aber als er den Kopf endlich außerhalb des Bettes in der freien Luft hielt, bekam er Angst, weiter auf diese Weise vorzurücken, denn wenn er sich schließlich so fallen ließ, mußte geradezu ein Wunder geschehen wenn der Kopf nicht verletzt werden sollte. Und die Besinnung durfte er gerade jetzt um keinen Preis verlieren; lieber wollte er im Bett bleiben.

Aber als er wieder nach gleicher Mühe aufseufzend so dalag wie früher, und wieder seine Beinchen womöglich noch ärger gegeneinander kämpfen sah und keine Möglichkeit fand, in diese Willkür Ruhe und Ordnung zu bringen, sagte

er sich wieder, daß er unmöglich im Bett bleiben könne und daß es das Vernünftigste sei, alles zu opfern, wenn auch nur die kleinste Hoffnung bestünde, sich dadurch vom Bett zu befreien. Gleichzeitig aber vergaß er nicht, sich zwischendurch daran zu erinnern, daß viel besser als verzweifelte Entschlüsse ruhige und ruhigste Überlegung sei. In solchen Augenblicken richtete er die Augen möglichst scharf auf das Fenster, aber leider war aus dem Anblick des Morgennebels, der sogar die andere Seite der engen Straße verhüllte, wenig Zuversicht und Munterkeit zu holen. »Schon sieben Uhr,« sagte er sich beim neuerlichen Schlagen des Weckers, »schon sieben Uhr und noch immer ein solcher Nebel.« Und ein Weilchen lang lag er ruhig mit schwachem Atem, als erwarte er vielleicht von der völligen Stille die Wiederkehr der wirklichen und selbstverständlichen Verhältnisse.

Dann aber sagte er sich: »Ehe es einviertel acht schlägt, muß ich unbedingt das Bett vollständig verlassen haben. Im übrigen wird auch bis dahin jemand aus dem Geschäft kommen, um nach mir zu fragen, denn das Geschäft wird vor sieben Uhr geöffnet.« Und er machte sich nun daran, den Körper in seiner ganzen Länge vollständig gleichmäßig aus dem Bett hinauszuschaukeln. Wenn er sich auf diese Weise aus dem Bett fallen ließ, blieb der Kopf, den er beim Fall scharf heben wollte, voraussichtlich unverletzt. Der

Rücken schien hart zu sein; dem würde wohl bei dem Fall auf den Teppich nichts geschehen. Das größte Bedenken machte ihm die Rücksicht auf den lauten Krach, den es geben müßte und der wahrscheinlich hinter allen Türen wenn nicht Schrecken, so doch Besorgnisse erregen würde. Das mußte aber gewagt werden.

Als Gregor schon zur Hälfte aus dem Bette ragte – die neue Methode war mehr ein Spiel als eine Anstrengung, er brauchte immer nur ruckweise zu schaukeln –, fiel ihm ein, wie einfach alles wäre, wenn man ihm zu Hilfe käme. Zwei starke Leute – er dachte an seinen Vater und das Dienstmädchen – hätten vollständig genügt; sie hätten ihre Arme nur unter seinen gewölbten Rücken schieben, ihn so aus dem Bett schälen, sich mit der Last niederbeugen und dann bloß vorsichtig dulden müssen, daß er den Überschwung auf dem Fußboden vollzog, wo dann die Beinchen hoffentlich einen Sinn bekommen würden. Nun, ganz abgesehen davon, daß die Türen versperrt waren, hätte er wirklich um Hilfe rufen sollen? Trotz aller Not konnte er bei diesem Gedanken ein Lächeln nicht unterdrücken.

Schon war er so weit, daß er bei stärkerem Schaukeln kaum das Gleichgewicht noch erhielt, und sehr bald mußte er sich nun endgültig entscheiden, denn es war in fünf Minuten einviertel acht, – als es an der Wohnungstür läutete. »Das ist

jemand aus dem Geschäft,« sagte er sich und erstarrte fast, während seine Beinchen nur desto eiliger tanzten. Einen Augenblick blieb alles still. »Sie öffnen nicht,« sagte sich Gregor, befangen in irgendeiner unsinnigen Hoffnung. Aber dann ging natürlich wie immer das Dienstmädchen festen Schrittes zur Tür und öffnete. Gregor brauchte nur das erste Grußwort des Besuchers zu hören und wußte schon, wer es war – der Prokurist selbst. Warum war nur Gregor dazu verurteilt, bei einer Firma zu dienen, wo man bei der kleinsten Versäumnis gleich den größten Verdacht faßte? Waren denn alle Angestellten samt und sonders Lumpen, gab es denn unter ihnen keinen treuen ergebenen Menschen, den, wenn er auch nur ein paar Morgenstunden für das Geschäft nicht ausgenützt hatte, vor Gewissensbissen närrisch wurde und geradezu nicht imstande war, das Bett zu verlassen? Genügte es wirklich nicht, einen Lehrjungen nachfragen zu lassen – wenn überhaupt diese Fragerei nötig war –, mußte da der Prokurist selbst kommen, und mußte dadurch der ganzen unschuldigen Familie gezeigt werden, daß die Untersuchung dieser verdächtigen Angelegenheit nur dem Verstand des Prokuristen anvertraut werden konnte? Und mehr infolge der Erregung, in welche Gregor durch diese Überlegungen versetzt wurde, als infolge eines richtigen Entschlusses, schwang er sich mit aller Macht aus dem Bett. Es gab einen

lauten Schlag, aber ein eigentlicher Krach war es nicht. Ein wenig wurde der Fall durch den Teppich abgeschwächt, auch war der Rücken elastischer, als Gregor gedacht hatte, daher kam der nicht gar so auffallende dumpfe Klang. Nur den Kopf hatte er nicht vorsichtig genug gehalten und ihn angeschlagen; er drehte ihn und rieb ihn an dem Teppich vor Ärger und Schmerz.

»Da drin ist etwas gefallen,« sagte der Prokurist im Nebenzimmer links. Gregor suchte sich vorzustellen, ob nicht auch einmal dem Prokuristen etwas Ähnliches passieren könnte, wie heute ihm; die Möglichkeit dessen mußte man doch eigentlich zugeben. Aber wie zur rohen Antwort auf diese Frage machte jetzt der Prokurist im Nebenzimmer ein paar bestimmte Schritte und ließ seine Lackstiefel knarren. Aus dem Nebenzimmer rechts flüsterte die Schwester, um Gregor zu verständigen: »Gregor, der Prokurist ist da.« »Ich weiß,« sagte Gregor vor sich hin; aber so laut, daß es die Schwester hätte hören können, wagte er die Stimme nicht zu erheben.

»Gregor,« sagte nun der Vater aus dem Nebenzimmer links, »der Herr Prokurist ist gekommen und erkundigt sich, warum du nicht mit dem Frühzug weggefahren bist. Wir wissen nicht, was wir ihm sagen sollen. Übrigens will er auch mit dir persönlich sprechen. Also bitte mach die Tür

auf. Er wird die Unordnung im Zimmer zu entschuldigen schon die Güte haben.« »Guten Morgen, Herr Samsa,« rief der Prokurist freundlich dazwischen. »Ihm ist nicht wohl,« sagte die Mutter zum Prokuristen, während der Vater noch an der Tür redete, »ihm ist nicht wohl, glauben Sie mir, Herr Prokurist. Wie würde denn Gregor sonst einen Zug versäumen! Der Junge hat ja nichts im Kopf als das Geschäft. Ich ärgere mich schon fast, daß er abends niemals ausgeht; jetzt war er doch acht Tage in der Stadt, aber jeden Abend war er zu Hause. Da sitzt er bei uns am Tisch und liest still die Zeitung oder studiert Fahrpläne. Es ist schon eine Zerstreuung für ihn, wenn er sich mit Laubsägearbeiten beschäftigt. Da hat er zum Beispiel im Laufe von zwei, drei Abenden einen kleinen Rahmen geschnitzt; Sie werden staunen, wie hübsch er ist; er hängt drin im Zimmer; Sie werden ihn gleich sehen, wenn Gregor aufmacht. Ich bin übrigens glücklich, daß Sie da sind, Herr Prokurist; wir allein hätten Gregor nicht dazu gebracht, die Tür zu öffnen; er ist so hartnäckig; und bestimmt ist ihm nicht wohl, trotzdem er es am Morgen geleugnet hat.« »Ich komme gleich,« sagte Gregor langsam und bedächtig und rührte sich nicht, um kein Wort der Gespräche zu verlieren. »Anders, gnädige Frau, kann ich es mir auch nicht erklären,« sagte der Prokurist, »hoffentlich ist es nichts Ernstes. Wenn ich auch

andererseits sagen muß, daß wir Geschäftsleute – wie man will, leider oder glücklicherweise – ein leichtes Unwohlsein sehr oft aus geschäftlichen Rücksichten einfach überwinden müssen.« »Also kann der Herr Prokurist schon zu dir hinein?« fragte der ungeduldige Vater und klopfte wiederum an die Tür. »Nein,« sagte Gregor. Im Nebenzimmer links trat eine peinliche Stille ein, im Nebenzimmer rechts begann die Schwester zu schluchzen.

Warum ging denn die Schwester nicht zu den anderen? Sie war wohl erst jetzt aus dem Bett aufgestanden und hatte noch gar nicht angefangen sich anzuziehen. Und warum weinte sie denn? Weil er nicht aufstand und den Prokuristen nicht hereinließ, weil er in Gefahr war, den Posten zu verlieren und weil dann der Chef die Eltern mit den alten Forderungen wieder verfolgen würde? Das waren doch vorläufig wohl unnötige Sorgen. Noch war Gregor hier und dachte nicht im geringsten daran, seine Familie zu verlassen. Augenblicklich lag er wohl da auf dem Teppich, und niemand, der seinen Zustand gekannt hätte, hätte im Ernst von ihm verlangt, daß er den Prokuristen hereinlasse. Aber wegen dieser kleinen Unhöflichkeit, für die sich ja später leicht eine passende Ausrede finden würde, konnte Gregor doch nicht gut sofort weggeschickt werden. Und Gregor schien es, daß es viel vernünftiger wäre, ihn jetzt in Ruhe

zu lassen, statt ihn mit Weinen und Zureden zu stören. Aber es war eben die Ungewißheit, welche die anderen bedrängte und ihr Benehmen entschuldigte.

»Herr Samsa,« rief nun der Prokurist mit erhobener Stimme, »was ist denn los? Sie verbarrikadieren sich da in Ihrem Zimmer, antworten bloß mit ja und nein, machen Ihren Eltern schwere, unnötige Sorgen und versäumen – dies nur nebenbei erwähnt – Ihre geschäftlichen Pflichten in einer eigentlich unerhörten Weise. Ich spreche hier im Namen Ihrer Eltern und Ihres Chefs und bitte Sie ganz ernsthaft um eine augenblickliche, deutliche Erklärung. Ich staune, ich staune. Ich glaubte Sie als einen ruhigen, vernünftigen Menschen zu kennen, und nun scheinen Sie plötzlich anfangen zu wollen, mit sonderbaren Launen zu paradieren. Der Chef deutete mir zwar heute früh eine mögliche Erklärung für Ihre Versäumnis an – sie betraf das Ihnen seit kurzem anvertraute Inkasso –, aber ich legte wahrhaftig fast mein Ehrenwort dafür ein, daß diese Erklärung nicht zutreffen könne. Nun aber sehe ich hier Ihren unbegreiflichen Starrsinn und verliere ganz und gar jede Lust, mich auch nur im geringsten für Sie einzusetzen. Und Ihre Stellung ist durchaus nicht die festeste. Ich hatte ursprünglich die Absicht, Ihnen das alles unter vier Augen zu sagen, aber da Sie mich hier nutzlos meine Zeit versäumen lassen, weiß

ich nicht, warum es nicht auch Ihre Herren Eltern erfahren sollen. Ihre Leistungen in der letzten Zeit waren also sehr unbefriedigend; es ist zwar nicht die Jahreszeit, um besondere Geschäfte zu machen, das erkennen wir an; aber eine Jahreszeit, um keine Geschäfte zu machen, gibt es überhaupt nicht, Herr Samsa, darf es nicht geben.«

»Aber Herr Prokurist,« rief Gregor außer sich und vergaß in der Aufregung alles andere, »ich mache ja sofort, augenblicklich auf. Ein leichtes Unwohlsein, ein Schwindelanfall, haben mich verhindert aufzustehen. Ich liege noch jetzt im Bett. Jetzt bin ich aber schon wieder ganz frisch. Eben steige ich aus dem Bett. Nur einen kleinen Augenblick Geduld! Es geht noch nicht so gut, wie ich dachte. Es ist mir aber schon wohl. Wie das nur einen Menschen so überfallen kann! Noch gestern abend war mir ganz gut, meine Eltern wissen es ja, oder besser, schon gestern abend hatte ich eine kleine Vorahnung. Man hätte es mir ansehen müssen. Warum habe ich es nur im Geschäfte nicht gemeldet! Aber man denkt eben immer, daß man die Krankheit ohne Zuhausebleiben überstehen wird. Herr Prokurist! Schonen Sie meine Eltern! Für alle die Vorwürfe, die Sie mir jetzt machen, ist ja kein Grund; man hat mir ja davon auch kein Wort gesagt. Sie haben vielleicht die letzten Aufträge, die ich geschickt habe, nicht gelesen. Übrigens, noch mit dem

Achtuhrzug fahre ich auf die Reise, die paar Stunden Ruhe haben mich gekräftigt. Halten Sie sich nur nicht auf, Herr Prokurist; ich bin gleich selbst im Geschäft, und haben Sie die Güte, das zu sagen und mich dem Herrn Chef zu empfehlen!«

Und während Gregor dies alles hastig ausstieß und kaum wußte, was er sprach, hatte er sich leicht, wohl infolge der im Bett bereits erlangten Übung, dem Kasten genähert und versuchte nun, an ihm sich aufzurichten. Er wollte tatsächlich die Tür aufmachen, tatsächlich sich sehen lassen und mit dem Prokuristen sprechen; er war begierig zu erfahren, was die anderen, die jetzt so nach ihm verlangten, bei seinem Anblick sagen würden. Würden sie erschrecken, dann hatte Gregor keine Verantwortung mehr und konnte ruhig sein. Würden sie aber alles ruhig hinnehmen, dann hatte auch er keinen Grund sich aufzuregen, und konnte, wenn er sich beeilte, um acht Uhr tatsächlich auf dem Bahnhof sein. Zuerst glitt er nun einigemale von dem glatten Kasten ab, aber endlich gab er sich einen letzten Schwung und stand aufrecht da; auf die Schmerzen im Unterleib achtete er gar nicht mehr, so sehr sie auch brannten. Nun ließ er sich gegen die Rücklehne eines nahen Stuhles fallen, an deren Rändern er sich mit seinen Beinchen festhielt. Damit hatte er aber auch die Herrschaft über sich erlangt und verstummte, denn nun konnte er den Prokuristen anhören.

»Haben Sie auch nur ein Wort verstanden?« fragte der Prokurist die Eltern, »er macht sich doch wohl nicht einen Narren aus uns?« »Um Gottes willen,« rief die Mutter schon unter Weinen, »er ist vielleicht schwer krank, und wir quälen ihn. Grete! Grete!« schrie sie dann. »Mutter?« rief die Schwester von der anderen Seite. Sie verständigten sich durch Gregors Zimmer. »Du mußt augenblicklich zum Arzt. Gregor ist krank. Rasch um den Arzt. Hast du Gregor jetzt reden hören?« »Das war eine Tierstimme,« sagte der Prokurist, auffallend leise gegenüber dem Schreien der Mutter. »Anna! Anna!« rief der Vater durch das Vorzimmer in die Küche und klatschte in die Hände, »sofort einen Schlosser holen!« Und schon liefen die zwei Mädchen mit rauschenden Röcken durch das Vorzimmer – wie hatte sich die Schwester denn so schnell angezogen? – und rissen die Wohnungstüre auf. Man hörte gar nicht die Türe zuschlagen; sie hatten sie wohl offen gelassen, wie es in Wohnungen zu sein pflegt, in denen ein großes Unglück geschehen ist.

Gregor war aber viel ruhiger geworden. Man verstand zwar also seine Worte nicht mehr, trotzdem sie ihm genug klar, klarer als früher, vorgekommen waren, vielleicht infolge der Gewöhnung des Ohres. Aber immerhin glaubte man nun schon daran, daß es mit ihm nicht ganz in Ordnung war, und war bereit, ihm zu helfen. Die Zuversicht und

Sicherheit, womit die ersten Anordnungen getroffen worden waren, taten ihm wohl. Er fühlte sich wieder einbezogen in den menschlichen Kreis und erhoffte von beiden, vom Arzt und vom Schlosser, ohne sie eigentlich genau zu scheiden, großartige und überraschende Leistungen. Um für die sich nähernden entscheidenden Besprechungen eine möglichst klare Stimme zu bekommen, hustete er ein wenig ab, allerdings bemüht, dies ganz gedämpft zu tun, da möglicherweise auch schon dieses Geräusch anders als menschlicher Husten klang, was er selbst zu entscheiden sich nicht mehr getraute. Im Nebenzimmer war es inzwischen ganz still geworden. Vielleicht saßen die Eltern mit dem Prokuristen beim Tisch und tuschelten, vielleicht lehnten alle an der Türe und horchten.

Gregor schob sich langsam mit dem Sessel zur Tür hin, ließ ihn dort los, warf sich gegen die Tür, hielt sich an ihr aufrecht – die Ballen seiner Beinchen hatten ein wenig Klebstoff – und ruhte sich dort einen Augenblick lang von der Anstrengung aus. Dann aber machte er sich daran, mit dem Mund den Schlüssel im Schloß umzudrehen. Es schien leider, daß er keine eigentlichen Zähne hatte, – womit sollte er gleich den Schlüssel fassen? – aber dafür waren die Kiefer freilich sehr stark, mit ihrer Hilfe brachte er auch wirklich den Schlüssel in Bewegung und achtete nicht darauf, daß

er sich zweifellos irgendeinen Schaden zufügte, denn eine braune Flüssigkeit kam ihm aus dem Mund, floß über den Schlüssel und tropfte auf den Boden. »Hören Sie nur,« sagte der Prokurist im Nebenzimmer, »er dreht den Schlüssel um.« Das war für Gregor eine große Aufmunterung; aber alle hätten ihm zurufen sollen, auch der Vater und die Mutter: »Frisch, Gregor,« hätten sie rufen sollen, »immer nur heran, fest an das Schloß heran!« Und in der Vorstellung, daß alle seine Bemühungen mit Spannung verfolgten, verbiß er sich mit allem, was er an Kraft aufbringen konnte, besinnungslos in den Schlüssel. Je nach dem Fortschreiten der Drehung des Schlüssels umtanzte er das Schloß, hielt sich jetzt nur noch mit dem Munde aufrecht, und je nach Bedarf hing er sich an den Schlüssel oder drückte ihn dann wieder nieder mit der ganzen Last seines Körpers. Der hellere Klang des endlich zurückschnappenden Schlosses erweckte Gregor förmlich. Aufatmend sagte er sich: »Ich habe also den Schlosser nicht gebraucht,« und legte den Kopf auf die Klinke, um die Türe gänzlich zu öffnen.

Da er die Türe auf diese Weise öffnen mußte, war sie eigentlich schon recht weit geöffnet, und er selbst noch nicht zu sehen. Er mußte sich erst langsam um den einen Türflügel herumdrehen, und zwar sehr vorsichtig, wenn er nicht gerade vor dem Eintritt ins Zimmer plump auf den

Rücken fallen wollte. Er war noch mit jener schwierigen Bewegung beschäftigt und hatte nicht Zeit, auf anderes zu achten, da hörte er schon den Prokuristen ein lautes »Oh!« ausstoßen – es klang, wie wenn der Wind saust – und nun sah er ihn auch, wie er, der der Nächste an der Türe war, die Hand gegen den offenen Mund drückte und langsam zurückwich, als vertreibe ihn eine unsichtbare, gleichmäßig fortwirkende Kraft. Die Mutter – sie stand hier trotz der Anwesenheit des Prokuristen mit von der Nacht her noch aufgelösten, hoch sich sträubenden Haaren – sah zuerst mit gefalteten Händen den Vater an, ging dann zwei Schritte zu Gregor hin und fiel inmitten ihrer rings um sie herum sich ausbreitenden Röcke nieder, das Gesicht ganz unauffindbar zu ihrer Brust gesenkt. Der Vater ballte mit feindseligem Ausdruck die Faust, als wolle er Gregor in sein Zimmer zurückstoßen, sah sich dann unsicher im Wohnzimmer um, beschattete dann mit den Händen die Augen und weinte, daß sich seine mächtige Brust schüttelte.

Gregor trat nun gar nicht in das Zimmer, sondern lehnte sich von innen an den festgeriegelten Türflügel, so daß sein Leib nur zur Hälfte und darüber der seitlich geneigte Kopf zu sehen war, mit dem er zu den anderen hinüberlugte. Es war inzwischen viel heller geworden; klar stand auf der anderen Straßenseite ein Ausschnitt des gegenüberliegenden,

endlosen, grauschwarzen Hauses – es war ein Krankenhaus – mit seinen hart die Front durchbrechenden regelmäßigen Fenstern; der Regen fiel noch nieder, aber nur mit großen, einzeln sichtbaren und förmlich auch einzelnweise auf die Erde hinuntergeworfenen Tropfen. Das Frühstücksgeschirr stand in überreicher Zahl auf dem Tisch, denn für den Vater war das Frühstück die wichtigste Mahlzeit des Tages, die er bei der Lektüre verschiedener Zeitungen stundenlang hinzog. Gerade an der gegenüberliegenden Wand hing eine Photographie Gregors aus seiner Militärzeit, die ihn als Leutnant darstellte, wie er, die Hand am Degen, sorglos lächelnd, Respekt für seine Haltung und Uniform verlangte. Die Tür zum Vorzimmer war geöffnet, und man sah, da auch die Wohnungstür offen war, auf den Vorplatz der Wohnung hinaus und auf den Beginn der abwärts führenden Treppe.

»Nun,« sagte Gregor und war sich dessen wohl bewußt, daß er der einzige war, der die Ruhe bewahrt hatte, »ich werde mich gleich anziehen, die Kollektion zusammenpacken und wegfahren. Wollt ihr, wollt ihr mich wegfahren lassen? Nun, Herr Prokurist, Sie sehen, ich bin nicht starrköpfig und ich arbeite gern; das Reisen ist beschwerlich, aber ich könnte ohne das Reisen nicht leben. Wohin gehen Sie denn, Herr Prokurist? Ins Geschäft? Ja? Werden Sie alles wahrheitsgetreu berichten? Man kann im Augenblick unfähig sein zu

arbeiten, aber dann ist gerade der richtige Zeitpunkt, sich an die früheren Leistungen zu erinnern und zu bedenken, daß man später, nach Beseitigung des Hindernisses, gewiß desto fleißiger und gesammelter arbeiten wird. Ich bin ja dem Herrn Chef so sehr verpflichtet, das wissen Sie doch recht gut. Andererseits habe ich die Sorge um meine Eltern und die Schwester. Ich bin in der Klemme, ich werde mich aber auch wieder herausarbeiten. Machen Sie es mir aber nicht schwieriger, als es schon ist. Halten Sie im Geschäft meine Partei! Man liebt den Reisenden nicht, ich weiß. Man denkt, er verdient ein Heidengeld und führt dabei ein schönes Leben. Man hat eben keine besondere Veranlassung, dieses Vorurteil besser zu durchdenken. Sie aber, Herr Prokurist, Sie haben einen besseren Überblick über die Verhältnisse, als das sonstige Personal, ja sogar, ganz im Vertrauen gesagt, einen besseren Überblick, als der Herr Chef selbst, der in seiner Eigenschaft als Unternehmer sich in seinem Urteil leicht zuungunsten eines Angestellten beirren läßt. Sie wissen auch sehr wohl, daß der Reisende, der fast das ganze Jahr außerhalb des Geschäftes ist, so leicht ein Opfer von Klatschereien, Zufälligkeiten und grundlosen Beschwerden werden kann, gegen die sich zu wehren ihm ganz unmöglich ist, da er von ihnen meistens gar nichts erfährt und nur dann, wenn er erschöpft eine Reise beendet hat, zu Hause

die schlimmen, auf ihre Ursachen hin nicht mehr zu durchschauenden Folgen am eigenen Leibe zu spüren bekommt. Herr Prokurist, gehen Sie nicht weg, ohne mir ein Wort gesagt zu haben, das mir zeigt, daß Sie mir wenigstens zu einem kleinen Teil recht geben!«

Aber der Prokurist hatte sich schon bei den ersten Worten Gregors abgewendet, und nur über die zuckende Schulter hinweg sah er mit aufgeworfenen Lippen nach Gregor zurück. Und während Gregors Rede stand er keinen Augenblick still, sondern verzog sich, ohne Gregor aus den Augen zu lassen, gegen die Tür, aber ganz allmählich, als bestehe ein geheimes Verbot, das Zimmer zu verlassen. Schon war er im Vorzimmer, und nach der plötzlichen Bewegung, mit der er zum letztenmal den Fuß aus dem Wohnzimmer zog, hätte man glauben können, er habe sich soeben die Sohle verbrannt. Im Vorzimmer aber streckte er die rechte Hand weit von sich zur Treppe hin, als warte dort auf ihn eine geradezu überirdische Erlösung.

Gregor sah ein, daß er den Prokuristen in dieser Stimmung auf keinen Fall weggehen lassen dürfe, wenn dadurch seine Stellung im Geschäft nicht aufs äußerste gefährdet werden sollte. Die Eltern verstanden das alles nicht so gut; sie hatten sich in den langen Jahren die Überzeugung gebildet, daß Gregor in diesem Geschäft für

sein Leben versorgt war, und hatten außerdem jetzt mit den augenblicklichen Sorgen so viel zu tun, daß ihnen jede Voraussicht abhanden gekommen war. Aber Gregor hatte diese Voraussicht. Der Prokurist mußte gehalten, beruhigt, überzeugt und schließlich gewonnen werden; die Zukunft Gregors und seiner Familie hing doch davon ab! Wäre doch die Schwester hier gewesen! Sie war klug; sie hatte schon geweint, als Gregor noch ruhig auf dem Rücken lag. Und gewiß hätte der Prokurist, dieser Damenfreund, sich von ihr lenken lassen; sie hätte die Wohnungstür zugemacht und ihm im Vorzimmer den Schrecken ausgedeutet. Aber die Schwester war eben nicht da, Gregor selbst mußte handeln. Und ohne daran zu denken, daß er seine gegenwärtigen Fähigkeiten, sich zu bewegen, noch gar nicht kannte, ohne auch daran zu denken, daß seine Rede möglicher- ja wahrscheinlicherweise wieder nicht verstanden worden war, verließ er den Türflügel; schob sich durch die Öffnung; wollte zum Prokuristen hingehen, der sich schon am Geländer des Vorplatzes lächerlicherweise mit beiden Händen festhielt; fiel aber sofort, nach einem Halt suchend, mit einem kleinen Schrei auf seine vielen Beinchen nieder. Kaum war das geschehen, fühlte er zum erstenmal an diesem Morgen ein körperliches Wohlbehagen; die Beinchen hatten festen Boden unter sich; sie gehorchten vollkommen, wie er zu

seiner Freude merkte; strebten sogar darnach, ihn fortzutragen, wohin er wollte; und schon glaubte er, die endgültige Besserung alles Leidens stehe unmittelbar bevor. Aber im gleichen Augenblick, als er da schaukelnd vor verhaltener Bewegung, gar nicht weit von seiner Mutter entfernt, ihr gerade gegenüber auf dem Boden lag, sprang diese, die doch so ganz in sich versunken schien, mit einemmale in die Höhe, die Arme weit ausgestreckt, die Finger gespreizt, rief: »Hilfe, um Gottes willen Hilfe!«, hielt den Kopf geneigt, als wolle sie Gregor besser sehen, lief aber, im Widerspruch dazu, sinnlos zurück; hatte vergessen, daß hinter ihr der gedeckte Tisch stand; setzte sich, als sie bei ihm angekommen war, wie in Zerstreuung, eilig auf ihn, und schien gar nicht zu merken, daß neben ihr aus der umgeworfenen großen Kanne der Kaffee in vollem Strome auf den Teppich sich ergoß.

»Mutter, Mutter,« sagte Gregor leise und sah zu ihr hinauf. Der Prokurist war ihm für einen Augenblick ganz aus dem Sinn gekommen; dagegen konnte er sich nicht versagen, im Anblick des fließenden Kaffees mehrmals mit den Kiefern ins Leere zu schnappen. Darüber schrie die Mutter neuerdings auf, flüchtete vom Tisch und fiel dem ihr entgegeneilenden Vater in die Arme. Aber Gregor hatte jetzt keine Zeit für seine Eltern; der Prokurist war schon auf der Treppe; das Kinn auf dem Geländer, sah er noch

zum letzten Male zurück. Gregor nahm einen Anlauf, um ihn möglichst sicher einzuholen; der Prokurist mußte etwas ahnen, denn er machte einen Sprung über mehrere Stufen und verschwand; »Huh!« aber schrie er noch, es klang durchs ganze Treppenhaus. Leider schien nun auch diese Flucht des Prokuristen den Vater, der bisher verhältnismäßig gefaßt gewesen war, völlig zu verwirren, denn statt selbst dem Prokuristen nachzulaufen oder wenigstens Gregor in der Verfolgung nicht zu hindern, packte er mit der Rechten den Stock des Prokuristen, den dieser mit Hut und Überzieher auf einem Sessel zurückgelassen hatte, holte mit der Linken eine große Zeitung vom Tisch und machte sich unter Fußestampfen daran, Gregor durch Schwenken des Stockes und der Zeitung in sein Zimmer zurückzutreiben. Kein Bitten Gregors half, kein Bitten wurde auch verstanden, er mochte den Kopf noch so demütig drehen, der Vater stampfte nur stärker mit den Füßen. Drüben hatte die Mutter trotz des kühlen Wetters ein Fenster aufgerissen, und hinausgelehnt drückte sie ihr Gesicht weit außerhalb des Fensters in ihre Hände. Zwischen Gasse und Treppenhaus entstand eine starke Zugluft, die Fenstervorhänge flogen auf, die Zeitungen auf dem Tische rauschten, einzelne Blätter wehten über den Boden hin. Unerbittlich drängte der Vater und stieß Zischlaute aus, wie ein Wilder. Nun hatte aber Gregor noch

gar keine Übung im Rückwärtsgehen, es ging wirklich sehr langsam. Wenn sich Gregor nur hätte umdrehen dürfen, er wäre gleich in seinem Zimmer gewesen, aber er fürchtete sich, den Vater durch die zeitraubende Umdrehung ungeduldig zu machen, und jeden Augenblick drohte ihm doch von dem Stock in des Vaters Hand der tödliche Schlag auf den Rücken oder auf den Kopf. Endlich aber blieb Gregor doch nichts anderes übrig, denn er merkte mit Entsetzen, daß er im Rückwärtsgehen nicht einmal die Richtung einzuhalten verstand; und so begann er, unter unaufhörlichen ängstlichen Seitenblicken nach dem Vater, sich nach Möglichkeit rasch, in Wirklichkeit aber doch nur sehr langsam umzudrehen. Vielleicht merkte der Vater seinen guten Willen, denn er störte ihn hierbei nicht, sondern dirigierte sogar hie und da die Drehbewegung von der Ferne mit der Spitze seines Stockes. Wenn nur nicht dieses unerträgliche Zischen des Vaters gewesen wäre! Gregor verlor darüber ganz den Kopf. Er war schon fast ganz umgedreht, als er sich, immer auf dieses Zischen horchend, sogar irrte und sich wieder ein Stück zurückdrehte. Als er aber endlich glücklich mit dem Kopf vor der Türöffnung war, zeigte es sich, daß sein Körper zu breit war, um ohne weiteres durchzukommen. Dem Vater fiel es natürlich in seiner gegenwärtigen Verfassung auch nicht entfernt ein, etwa den anderen Türflügel zu öffnen,

um für Gregor einen genügenden Durchgang zu schaffen. Seine fixe Idee war bloß, daß Gregor so rasch als möglich in sein Zimmer müsse. Niemals hätte er auch die umständlichen Vorbereitungen gestattet, die Gregor brauchte, um sich aufzurichten und vielleicht auf diese Weise durch die Tür zu kommen. Vielleicht trieb er, als gäbe es kein Hindernis, Gregor jetzt unter besonderem Lärm vorwärts; es klang schon hinter Gregor gar nicht mehr wie die Stimme bloß eines einzigen Vaters; nun gab es wirklich keinen Spaß mehr, und Gregor drängte sich – geschehe was wolle – in die Tür. Die eine Seite seines Körpers hob sich, er lag schief in der Türöffnung, seine eine Flanke war ganz wundgerieben, an der weißen Tür blieben häßliche Flecke, bald steckte er fest und hätte sich allein nicht mehr rühren können, die Beinchen auf der einen Seite hingen zitternd oben in der Luft, die auf der anderen waren schmerzhaft zu Boden gedrückt – da gab ihm der Vater von hinten einen jetzt wahrhaftig erlösenden starken Stoß, und er flog, heftig blutend, weit in sein Zimmer hinein. Die Tür wurde noch mit dem Stock zugeschlagen, dann war es endlich still.

Erst in der Abenddämmerung erwachte Gregor aus seinem schweren ohnmachtähnlichen Schlaf. Er wäre gewiß nicht viel später auch ohne Störung erwacht, denn er fühlte sich genügend ausgeruht und ausgeschlafen, doch schien es ihm, als hätte ihn ein flüchtiger Schritt und ein vorsichtiges Schließen der zum Vorzimmer führenden Tür geweckt. Der Schein der elektrischen Straßenbahn lag bleich hier und da auf der Zimmerdecke und auf den höheren Teilen der Möbel, aber unten bei Gregor war es finster. Langsam schob er sich, noch ungeschickt mit seinen Fühlern tastend, die er jetzt erst schätzen lernte, zur Türe hin, um nachzusehen, was dort geschehen war. Seine linke Seite schien eine einzige lange, unangenehm spannende Narbe, und er mußte auf seinen zwei Beinreihen regelrecht hinken. Ein Beinchen war übrigens im Laufe der vormittägigen Vorfälle schwer verletzt worden – es war fast ein Wunder, daß nur eines verletzt worden war – und schleppte leblos nach.

Erst bei der Tür merkte er, was ihn dorthin eigentlich gelockt hatte; es war der Geruch von etwas Eßbarem gewesen. Denn dort stand ein Napf mit süßer Milch gefüllt, in der kleine Schnitte von Weißbrot schwammen. Fast hätte er vor Freude gelacht, denn er hatte noch größeren Hunger als am Morgen, und gleich tauchte er seinen Kopf fast bis über die Augen in die Milch hinein. Aber bald zog er ihn enttäuscht wieder zurück; nicht nur, daß ihm das Essen wegen seiner heiklen linken Seite Schwierigkeiten machte – und er konnte nur essen, wenn der ganze Körper schnaufend mitarbeitete –, so schmeckte ihm überdies die Milch, die sonst sein Lieblingsgetränk war und die ihm gewiß die Schwester deshalb hereingestellt hatte, gar nicht, ja er wandte sich fast mit Widerwillen von dem Napf ab und kroch in die Zimmermitte zurück.

Im Wohnzimmer war, wie Gregor durch die Türspalte sah, das Gas angezündet, aber während sonst zu dieser Tageszeit der Vater seine nachmittags erscheinende Zeitung der Mutter und manchmal auch der Schwester mit erhobener Stimme vorzulesen pflegte, hörte man jetzt keinen Laut. Nun vielleicht war dieses Vorlesen, von dem ihm die Schwester immer erzählte und schrieb, in der letzten Zeit überhaupt aus der Übung gekommen. Aber auch ringsherum war es so still, trotzdem doch gewiß die Wohnung nicht leer war.

»Was für ein stilles Leben die Familie doch führte,« sagte sich Gregor und fühlte, während er starr vor sich ins Dunkle sah, einen großen Stolz darüber, daß er seinen Eltern und seiner Schwester ein solches Leben in einer so schönen Wohnung hatte verschaffen können. Wie aber, wenn jetzt alle Ruhe, aller Wohlstand, alle Zufriedenheit ein Ende mit Schrecken nehmen sollte? Um sich nicht in solche Gedanken zu verlieren, setzte sich Gregor lieber in Bewegung und kroch im Zimmer auf und ab.

Einmal während des langen Abends wurde die eine Seitentüre und einmal die andere bis zu einer kleinen Spalte geöffnet und rasch wieder geschlossen; jemand hatte wohl das Bedürfnis hereinzukommen, aber auch wieder zu viele Bedenken. Gregor machte nun unmittelbar bei der Wohnzimmertür Halt, entschlossen, den zögernden Besucher doch irgendwie hereinzubringen oder doch wenigstens zu erfahren, wer es sei; aber nun wurde die Tür nicht mehr geöffnet und Gregor wartete vergebens. Früh, als die Türen versperrt waren, hatten alle zu ihm hereinkommen wollen, jetzt, da er die eine Tür geöffnet hatte und die anderen offenbar während des Tages geöffnet worden waren, kam keiner mehr, und die Schlüssel steckten nun auch von außen.

Spät erst in der Nacht wurde das Licht im Wohnzimmer ausgelöscht, und nun war leicht festzustellen, daß die Eltern

und die Schwester so lange wachgeblieben waren, denn wie man genau hören konnte, entfernten sich jetzt alle drei auf den Fußspitzen. Nun kam gewiß bis zum Morgen niemand mehr zu Gregor herein; er hatte also eine lange Zeit, um ungestört zu überlegen, wie er sein Leben jetzt neu ordnen sollte. Aber das hohe freie Zimmer, in dem er gezwungen war, flach auf dem Boden zu liegen, ängstigte ihn, ohne daß er die Ursache herausfinden konnte, denn es war ja sein seit fünf Jahren von ihm bewohntes Zimmer – und mit einer halb unbewußten Wendung und nicht ohne eine leichte Scham eilte er unter das Kanapee, wo er sich, trotzdem sein Rücken ein wenig gedrückt wurde und trotzdem er den Kopf nicht mehr erheben konnte, gleich sehr behaglich fühlte und nur bedauerte, daß sein Körper zu breit war, um vollständig unter dem Kanapee untergebracht zu werden.

Dort blieb er die ganze Nacht, die er zum Teil im Halbschlaf, aus dem ihn der Hunger immer wieder aufschreckte, verbrachte, zum Teil aber in Sorgen und undeutlichen Hoffnungen, die aber alle zu dem Schlusse führten, daß er sich vorläufig ruhig verhalten und durch Geduld und größte Rücksichtnahme der Familie die Unannehmlichkeiten erträglich machen müsse, die er ihr in seinem gegenwärtigen Zustand nun einmal zu verursachen gezwungen war.

Schon am frühen Morgen, es war fast noch Nacht, hatte Gregor Gelegenheit, die Kraft seiner eben gefaßten Entschlüsse zu prüfen, denn vom Vorzimmer her öffnete die Schwester, fast völlig angezogen, die Tür und sah mit Spannung herein. Sie fand ihn nicht gleich, aber als sie ihn unter dem Kanapee bemerkte – Gott, er mußte doch irgendwo sein, er hatte doch nicht wegfliegen können – erschrak sie so sehr, daß sie, ohne sich beherrschen zu können, die Tür von außen wieder zuschlug. Aber als bereue sie ihr Benehmen, öffnete sie die Tür sofort wieder und trat, als sei sie bei einem Schwerkranken oder gar bei einem Fremden, auf den Fußspitzen herein. Gregor hatte den Kopf bis knapp zum Rande des Kanapees vorgeschoben und beobachtete sie. Ob sie wohl bemerken würde, daß er die Milch stehen gelassen hatte, und zwar keineswegs aus Mangel an Hunger, und ob sie eine andere Speise hereinbringen würde, die ihm besser entsprach? Täte sie es nicht von selbst, er wollte lieber verhungern, als sie darauf aufmerksam machen, trotzdem es ihn eigentlich ungeheuer drängte, unterm Kanapee vorzuschießen, sich der Schwester zu Füßen zu werfen und sie um irgend etwas Gutes zum Essen zu bitten. Aber die Schwester bemerkte sofort mit Verwunderung den noch vollen Napf, aus dem nur ein wenig Milch ringsherum verschüttet war, sie hob ihn gleich auf, zwar nicht mit den bloßen Händen,

sondern mit einem Fetzen, und trug ihn hinaus. Gregor war äußerst neugierig, was sie zum Ersatze bringen würde, und er machte sich die verschiedensten Gedanken darüber. Niemals aber hätte er erraten können, was die Schwester in ihrer Güte wirklich tat. Sie brachte ihm, um seinen Geschmack zu prüfen, eine ganze Auswahl, alles auf einer alten Zeitung ausgebreitet. Da war altes halbverfaultes Gemüse; Knochen vom Nachtmahl her, die von festgewordener weißer Sauce umgeben waren; ein paar Rosinen und Mandeln; ein Käse, den Gregor vor zwei Tagen für ungenießbar erklärt hatte; ein trockenes Brot, ein mit Butter beschmiertes Brot und ein mit Butter beschmiertes und gesalzenes Brot. Außerdem stellte sie zu dem allen noch den wahrscheinlich ein für allemal für Gregor bestimmten Napf, in den sie Wasser gegossen hatte. Und aus Zartgefühl, da sie wußte, daß Gregor vor ihr nicht essen würde, entfernte sie sich eiligst und drehte sogar den Schlüssel um, damit nur Gregor merken könne, daß er es sich so behaglich machen dürfe, wie er wolle. Gregors Beinchen schwirrten, als es jetzt zum Essen ging. Seine Wunden mußten übrigens auch schon vollständig geheilt sein, er fühlte keine Behinderung mehr, er staunte darüber und dachte daran, wie er vor mehr als einem Monat sich mit dem Messer ganz wenig in den Finger geschnitten, und wie ihm diese Wunde noch vorgestern genug wehgetan hatte.

»Sollte ich jetzt weniger Feingefühl haben?« dachte er und saugte schon gierig an dem Käse, zu dem es ihn vor allen anderen Speisen sofort und nachdrücklich gezogen hatte. Rasch hintereinander und mit vor Befriedigung tränenden Augen verzehrte er den Käse, das Gemüse und die Sauce; die frischen Speisen dagegen schmeckten ihm nicht, er konnte nicht einmal ihren Geruch vertragen und schleppte sogar die Sachen, die er essen wollte, ein Stückchen weiter weg. Er war schon längst mit allem fertig und lag nur noch faul auf der gleichen Stelle, als die Schwester zum Zeichen, daß er sich zurückziehen solle, langsam den Schlüssel umdrehte. Das schreckte ihn sofort auf, trotzdem er schon fast schlummerte, und er eilte wieder unter das Kanapee. Aber es kostete ihn große Selbstüberwindung, auch nur die kurze Zeit, während welcher die Schwester im Zimmer war, unter dem Kanapee zu bleiben, denn von dem reichlichen Essen hatte sich sein Leib ein wenig gerundet, und er konnte dort in der Enge kaum atmen. Unter kleinen Erstickungsanfällen sah er mit etwas hervorgequollenen Augen zu, wie die nichtsahnende Schwester mit einem Besen nicht nur die Überbleibsel zusammenkehrte, sondern selbst die von Gregor gar nicht berührten Speisen, als seien also auch diese nicht mehr zu gebrauchen, und wie sie alles hastig in einen Kübel schüttete, den sie mit einem Holzdeckel schloß, worauf sie alles hinaustrug. Kaum

hatte sie sich umgedreht, zog sich schon Gregor unter dem Kanapee hervor und streckte und blähte sich.

Auf diese Weise bekam nun Gregor täglich sein Essen, einmal am Morgen, wenn die Eltern und das Dienstmädchen noch schliefen, das zweitemal nach dem allgemeinen Mittagessen, denn dann schliefen die Eltern gleichfalls noch ein Weilchen, und das Dienstmädchen wurde von der Schwester mit irgendeiner Besorgung weggeschickt. Gewiß wollten auch sie nicht, daß Gregor verhungere, aber vielleicht hätten sie es nicht ertragen können, von seinem Essen mehr als durch Hörensagen zu erfahren, vielleicht wollte die Schwester ihnen auch eine möglicherweise nur kleine Trauer ersparen, denn tatsächlich litten sie ja gerade genug.

Mit welchen Ausreden man an jenem ersten Vormittag den Arzt und den Schlosser wieder aus der Wohnung geschafft hatte, konnte Gregor gar nicht erfahren, denn da er nicht verstanden wurde, dachte niemand daran, auch die Schwester nicht, daß er die anderen verstehen könne, und so mußte er sich, wenn die Schwester in seinem Zimmer war, damit begnügen, nur hier und da ihre Seufzer und Anrufe der Heiligen zu hören. Erst später, als sie sich ein wenig an alles gewöhnt hatte – von vollständiger Gewöhnung konnte natürlich niemals die Rede sein –, erhaschte Gregor manchmal

eine Bemerkung, die freundlich gemeint war oder so gedeutet werden konnte. »Heute hat es ihm aber geschmeckt,« sagte sie, wenn Gregor unter dem Essen tüchtig aufgeräumt hatte, während sie im gegenteiligen Fall, der sich allmählich immer häufiger wiederholte, fast traurig zu sagen pflegte: »Nun ist wieder alles stehengeblieben.«

Während aber Gregor unmittelbar keine Neuigkeit erfahren konnte, erhörte er manches aus den Nebenzimmern, und wo er nun einmal Stimmen hörte, lief er gleich zu der betreffenden Tür und drückte sich mit ganzem Leib an sie. Besonders in der ersten Zeit gab es kein Gespräch, das nicht irgendwie wenn auch nur im geheimen, von ihm handelte. Zwei Tage lang waren bei allen Mahlzeiten Beratungen darüber zu hören, wie man sich jetzt verhalten solle; aber auch zwischen den Mahlzeiten sprach man über das gleiche Thema, denn immer waren zumindest zwei Familienmitglieder zu Hause, da wohl niemand allein zu Hause bleiben wollte und man die Wohnung doch auf keinen Fall gänzlich verlassen konnte. Auch hatte das Dienstmädchen gleich am ersten Tag – es war nicht ganz klar, was und wieviel sie von dem Vorgefallenen wußte – kniefällig die Mutter gebeten, sie sofort zu entlassen, und als sie sich eine Viertelstunde danach verabschiedete, dankte sie für die Entlassung unter Tränen, wie für die größte Wohltat, die man ihr hier erwiesen hatte,

und gab, ohne daß man es von ihr verlangte, einen fürchterlichen Schwur ab, niemandem auch nur das geringste zu verraten.

Nun mußte die Schwester im Verein mit der Mutter auch kochen; allerdings machte das nicht viel Mühe, denn man aß fast nichts. Immer wieder hörte Gregor, wie der eine den anderen vergebens zum Essen aufforderte und keine andere Antwort bekam, als: »Danke ich habe genug« oder etwas Ähnliches. Getrunken wurde vielleicht auch nichts. Öfters fragte die Schwester den Vater, ob er Bier haben wolle, und herzlich erbot sie sich, es selbst zu holen, und als der Vater schwieg, sagte sie, um ihm jedes Bedenken zu nehmen, sie könne auch die Hausmeisterin darum schicken, aber dann sagte der Vater schließlich ein großes »Nein«, und es wurde nicht mehr davon gesprochen.

Schon im Laufe des ersten Tages legte der Vater die ganzen Vermögensverhältnisse und Aussichten sowohl der Mutter als auch der Schwester dar. Hie und da stand er vom Tische auf und holte aus seiner kleinen Wertheimkassa, die er aus dem vor fünf Jahren erfolgten Zusammenbruch seines Geschäftes gerettet hatte, irgendeinen Beleg oder irgendein Vormerkbuch. Man hörte, wie er das komplizierte Schloß aufsperrte und nach Entnahme des Gesuchten wieder verschloß. Diese Erklärungen des Vaters waren zum Teil das erste

Erfreuliche, was Gregor seit seiner Gefangenschaft zu hören bekam. Er war der Meinung gewesen, daß dem Vater von jenem Geschäft her nicht das Geringste übriggeblieben war, zumindest hatte ihm der Vater nichts Gegenteiliges gesagt, und Gregor allerdings hatte ihn auch nicht darum gefragt. Gregors Sorge war damals nur gewesen, alles daranzusetzen, um die Familie das geschäftliche Unglück, das alle in eine vollständige Hoffnungslosigkeit gebracht hatte, möglichst rasch vergessen zu lassen. Und so hatte er damals mit ganz besonderem Feuer zu arbeiten angefangen und war fast über Nacht aus einem kleinen Kommis ein Reisender geworden, der natürlich ganz andere Möglichkeiten des Geldverdienens hatte, und dessen Arbeitserfolge sich sofort in Form der Provision zu Bargeld verwandelten, das der erstaunten und beglückten Familie zu Hause auf den Tisch gelegt werden konnte. Es waren schöne Zeiten gewesen, und niemals nachher hatten sie sich, wenigstens in diesem Glanze, wiederholt, trotzdem Gregor später so viel Geld verdiente, daß er den Aufwand der ganzen Familie zu tragen imstande war und auch trug. Man hatte sich eben daran gewöhnt, sowohl die Familie, als auch Gregor, man nahm das Geld dankbar an, er lieferte es gern ab, aber eine besondere Wärme wollte sich nicht mehr ergeben. Nur die Schwester war Gregor doch noch nahe geblieben, und es war sein geheimer Plan, sie, die zum Unterschied von

Gregor Musik sehr liebte und rührend Violine zu spielen verstand, nächstes Jahr, ohne Rücksicht auf die großen Kosten, die das verursachen mußte, und die man schon auf andere Weise hereinbringen würde, auf das Konservatorium zu schicken. Öfters während der kurzen Aufenthalte Gregors in der Stadt wurde in den Gesprächen mit der Schwester das Konservatorium erwähnt, aber immer nur als schöner Traum, an dessen Verwirklichung nicht zu denken war, und die Eltern hörten nicht einmal diese unschuldigen Erwähnungen gern; aber Gregor dachte sehr bestimmt daran und beabsichtigte, es am Weihnachtsabend feierlich zu erklären.

Solche in seinem gegenwärtigen Zustand ganz nutzlose Gedanken gingen ihm durch den Kopf, während er dort aufrecht an der Türe klebte und horchte. Manchmal konnte er vor allgemeiner Müdigkeit gar nicht mehr zuhören und ließ den Kopf nachlässig gegen die Tür schlagen, hielt ihn aber sofort wieder fest, denn selbst das kleine Geräusch, das er damit verursacht hatte, war nebenan gehört worden und hatte alle verstummen lassen. »Was er nur wieder treibt,« sagte der Vater nach einer Weile, offenbar zur Türe hingewendet, und dann erst wurde das unterbrochene Gespräch allmählich wieder aufgenommen.

Gregor erfuhr nun zur Genüge – denn der Vater pflegte sich in seinen Erklärungen öfters zu wiederholen, teils, weil

er selbst sich mit diesen Dingen schon lange nicht beschäftigt hatte, teils auch, weil die Mutter nicht alles gleich beim erstenmal verstand –, daß trotz allen Unglücks ein allerdings ganz kleines Vermögen aus der alten Zeit noch vorhanden war, das die nicht angerührten Zinsen in der Zwischenzeit ein wenig hatten anwachsen lassen. Außerdem aber war das Geld, das Gregor allmonatlich nach Hause gebracht hatte – er selbst hatte nur ein paar Gulden für sich behalten –, nicht vollständig aufgebraucht worden und hatte sich zu einem kleinen Kapital angesammelt. Gregor, hinter seiner Türe, nickte eifrig, erfreut über diese unerwartete Vorsicht und Sparsamkeit. Eigentlich hätte er ja mit diesen überschüssigen Geldern die Schuld des Vaters gegenüber dem Chef weiter abgetragen haben können, und jener Tag, an dem er diesen Posten hätte loswerden können, wäre weit näher gewesen, aber jetzt war es zweifellos besser so, wie es der Vater eingerichtet hatte.

Nun genügte dieses Geld aber ganz und gar nicht, um die Familie etwa von den Zinsen leben zu lassen; es genügte vielleicht, um die Familie ein, höchstens zwei Jahre zu erhalten, mehr war es nicht. Es war also bloß eine Summe, die man eigentlich nicht angreifen durfte, und die für den Notfall zurückgelegt werden mußte; das Geld zum Leben aber mußte man verdienen. Nun war aber der Vater ein zwar gesunder,

aber alter Mann, der schon fünf Jahre nichts gearbeitet hatte und sich jedenfalls nicht viel zutrauen durfte; er hatte in diesen fünf Jahren, welche die ersten Ferien seines mühevollen und doch erfolglosen Lebens waren, viel Fett angesetzt und war dadurch recht schwerfällig geworden. Und die alte Mutter sollte nun vielleicht Geld verdienen, die an Asthma litt, der eine Wanderung durch die Wohnung schon Anstrengung verursachte, und die jeden zweiten Tag in Atembeschwerden auf dem Sofa beim offenen Fenster verbrachte? Und die Schwester sollte Geld verdienen, die noch ein Kind war mit ihren siebzehn Jahren, und der ihre bisherige Lebensweise so sehr zu gönnen war, die daraus bestanden hatte, sich nett zu kleiden, lange zu schlafen, in der Wirtschaft mitzuhelfen, an ein paar bescheidenen Vergnügungen sich zu beteiligen und vor allem Violine zu spielen? Wenn die Rede auf diese Notwendigkeit des Geldverdienens kam, ließ zuerst immer Gregor die Türe los und warf sich auf das neben der Tür befindliche kühle Ledersofa, denn ihm war ganz heiß vor Beschämung und Trauer.

Oft lag er dort die ganzen langen Nächte über, schlief keinen Augenblick und scharrte nur stundenlang auf dem Leder. Oder er scheute nicht die große Mühe, einen Sessel zum Fenster zu schieben, dann die Fensterbrüstung hinaufzukriechen und, in den Sessel gestemmt, sich ans Fenster

zu lehnen, offenbar nur in irgendeiner Erinnerung an das Befreiende, das früher für ihn darin gelegen war, aus dem Fenster zu schauen. Denn tatsächlich sah er von Tag zu Tag die auch nur ein wenig entfernten Dinge immer undeutlicher; das gegenüberliegende Krankenhaus, dessen nur allzu häufigen Anblick er früher verflucht hatte, bekam er überhaupt nicht mehr zu Gesicht, und wenn er nicht genau gewußt hätte, daß er in der stillen, aber völlig städtischen Charlottenstraße wohnte, hätte er glauben können, von seinem Fenster aus in eine Einöde zu schauen in welcher der graue Himmel und die graue Erde ununterscheidbar sich vereinigten. Nur zweimal hatte die aufmerksame Schwester sehen müssen, daß der Sessel beim Fenster stand, als sie schon jedesmal, nachdem sie das Zimmer aufgeräumt hatte, den Sessel wieder genau zum Fenster hinschob, ja sogar von nun ab den inneren Fensterflügel offen ließ.

Hätte Gregor nur mit der Schwester sprechen und ihr für alles danken können, was sie für ihn machen mußte, er hätte ihre Dienste leichter ertragen; so aber litt er darunter. Die Schwester suchte freilich die Peinlichkeit des Ganzen möglichst zu verwischen, und je längere Zeit verging, desto besser gelang es ihr natürlich auch, aber auch Gregor durchschaute mit der Zeit alles viel genauer. Schon ihr Eintritt war für ihn schrecklich. Kaum war sie eingetreten, lief sie, ohne

sich Zeit zu nehmen, die Türe zu schließen, so sehr sie sonst darauf achtete, jedem den Anblick von Gregors Zimmer zu ersparen, geradewegs zum Fenster und riß es, als ersticke sie fast, mit hastigen Händen auf, blieb auch, selbst wenn es noch so kalt war, ein Weilchen beim Fenster und atmete tief. Mit diesem Laufen und Lärmen erschreckte sie Gregor täglich zweimal; die ganze Zeit über zitterte er unter dem Kanapee und wußte doch sehr gut, daß sie ihn gewiß gerne damit verschont hätte, wenn es ihr nur möglich gewesen wäre, sich in einem Zimmer, in dem sich Gregor befand, bei geschlossenem Fenster aufzuhalten.

Einmal, es war wohl schon ein Monat seit Gregors Verwandlung vergangen, und es war doch schon für die Schwester kein besonderer Grund mehr, über Gregors Aussehen in Erstaunen zu geraten, kam sie ein wenig früher als sonst und traf Gregor noch an, wie er, unbeweglich und so recht zum Erschrecken aufgestellt, aus dem Fenster schaute. Es wäre für Gregor nicht unerwartet gewesen, wenn sie nicht eingetreten wäre, da er sie durch seine Stellung verhinderte, sofort das Fenster zu öffnen, aber sie trat nicht nur nicht ein, sie fuhr sogar zurück und schloß die Tür; ein Fremder hätte geradezu denken können, Gregor habe ihr aufgelauret und habe sie beißen wollen. Gregor versteckte sich natürlich sofort unter dem Kanapee, aber er mußte bis

zum Mittag warten, ehe die Schwester wiederkam, und sie schien viel unruhiger als sonst. Er erkannte daraus, daß ihr sein Anblick noch immer unerträglich war und ihr auch weiterhin unerträglich bleiben müsse, und daß sie sich wohl sehr überwinden mußte, vor dem Anblick auch nur der kleinen Partie seines Körpers nicht davonzulaufen, mit der er unter dem Kanapee hervorragte. Um ihr auch diesen Anblick zu ersparen, trug er eines Tages auf seinem Rücken – er brauchte zu dieser Arbeit vier Stunden – das Leintuch auf das Kanapee und ordnete es in einer solchen Weise an, daß er nun gänzlich verdeckt war, und daß die Schwester, selbst wenn sie sich bückte, ihn nicht sehen konnte. Wäre dieses Leintuch ihrer Meinung nach nicht nötig gewesen, dann hätte sie es ja entfernen können, denn daß es nicht zum Vergnügen Gregors gehören konnte, sich so ganz und gar abzusperren, war doch klar genug, aber sie ließ das Leintuch, so wie es war, und Gregor glaubte sogar einen dankbaren Blick erhascht zu haben, als er einmal mit dem Kopf vorsichtig das Leintuch ein wenig lüftete, um nachzusehen, wie die Schwester die neue Einrichtung aufnahm.

In den ersten vierzehn Tagen konnten es die Eltern nicht über sich bringen, zu ihm hereinzukommen, und er hörte oft, wie sie die jetzige Arbeit der Schwester völlig anerkannten, während sie sich bisher häufig über die

Schwester geärgert hatten, weil sie ihnen als ein etwas nutzloses Mädchen erschienen war. Nun aber warteten oft beide, der Vater und die Mutter, vor Gregors Zimmer, während die Schwester dort aufräumte, und kaum war sie herausgekommen, mußte sie ganz genau erzählen, wie es in dem Zimmer aussah, was Gregor gegessen hatte, wie er sich diesmal benommen hatte, und ob vielleicht eine kleine Besserung zu bemerken war. Die Mutter übrigens wollte verhältnismäßig bald Gregor besuchen, aber der Vater und die Schwester hielten sie zuerst mit Vernunftgründen zurück, denen Gregor sehr aufmerksam zuhörte, und die er vollständig billigte. Später aber mußte man sie mit Gewalt zurückhalten, und wenn sie dann rief: »Laßt mich doch zu Gregor, er ist ja mein unglücklicher Sohn! Begreift ihr es denn nicht, daß ich zu ihm muß?«, dann dachte Gregor, daß es vielleicht doch gut wäre, wenn die Mutter hereinkäme, nicht jeden Tag natürlich, aber vielleicht einmal in der Woche; sie verstand doch alles viel besser als die Schwester, die trotz all ihrem Mute doch nur ein Kind war und im letzten Grunde vielleicht nur aus kindlichem Leichtsinn eine so schwere Aufgabe übernommen hatte.

Der Wunsch Gregors, die Mutter zu sehen, ging bald in Erfüllung. Während des Tages wollte Gregor schon aus Rücksicht auf seine Eltern sich nicht beim Fenster zeigen,

kriechen konnte er aber auf den paar Quadratmetern des Fußbodens auch nicht viel, das ruhige Liegen ertrug er schon während der Nacht schwer, das Essen machte ihm bald nicht mehr das geringste Vergnügen, und so nahm er zur Zerstreuung die Gewohnheit an, kreuz und quer über Wände und Plafond zu kriechen. Besonders oben an der Decke hing er gern; es war ganz anders, als das Liegen auf dem Fußboden; man atmete freier; ein leichtes Schwingen ging durch den Körper, und in der fast glücklichen Zerstreuung, in der sich Gregor dort oben befand, konnte es geschehen, daß er zu seiner eigenen Überraschung sich losließ und auf den Boden klatschte. Aber nun hatte er natürlich seinen Körper ganz anders in der Gewalt als früher und beschädigte sich selbst bei einem so großen Falle nicht. Die Schwester nun bemerkte sofort die neue Unterhaltung, die Gregor für sich gefunden hatte – er hinterließ ja auch beim Kriechen hie und da Spuren seines Klebstoffes –, und da setzte sie es sich in den Kopf, Gregor das Kriechen in größtem Ausmaße zu ermöglichen und die Möbel, die es verhinderten, also vor allem den Kasten und den Schreibtisch, wegzuschaffen. Nun war sie aber nicht imstande, dies allein zu tun; den Vater wagte sie nicht um Hilfe zu bitten; das Dienstmädchen hätte ihr ganz gewiß nicht geholfen, denn dieses etwa sechzehnjährige Mädchen harrete zwar tapfer seit Entlassung der früheren Köchin aus,

hatte aber um die Vergünstigung gebeten, die Küche unaufhörlich versperrt halten zu dürfen und nur auf besonderen Anruf öffnen zu müssen; so blieb der Schwester also nichts übrig, als einmal in Abwesenheit des Vaters die Mutter zu holen. Mit Ausrufen erregter Freude kam die Mutter auch heran, verstummte aber an der Tür vor Gregors Zimmer. Zuerst sah natürlich die Schwester nach, ob alles im Zimmer in Ordnung war; dann erst ließ sie die Mutter eintreten. Gregor hatte in größter Eile das Leintuch noch tiefer und mehr in Falten gezogen, das Ganze sah wirklich nur wie ein zufällig über das Kanapee geworfenes Leintuch aus. Gregor unterließ auch diesmal, unter dem Leintuch zu spionieren; er verzichtete darauf, die Mutter schon diesmal zu sehen, und war nur froh, daß sie nun doch gekommen war. »Komm nur, man sieht ihn nicht,« sagte die Schwester, und offenbar führte sie die Mutter an der Hand. Gregor hörte nun, wie die zwei schwachen Frauen den immerhin schweren alten Kasten von seinem Platze rückten, und wie die Schwester immerfort den größten Teil der Arbeit für sich beanspruchte, ohne auf die Warnungen der Mutter zu hören, welche fürchtete, daß sie sich überanstrengen werde. Es dauerte sehr lange. Wohl nach schon viertelstündiger Arbeit sagte die Mutter, man solle den Kasten doch lieber hier lassen, denn erstens sei er zu schwer, sie würden vor Ankunft des

Vaters nicht fertig werden und mit dem Kasten in der Mitte des Zimmers Gregor jeden Weg verrammeln, zweitens aber sei es doch gar nicht sicher, daß Gregor mit der Entfernung der Möbel ein Gefallen geschehe. Ihr scheine das Gegenteil der Fall zu sein; ihr bedrücke der Anblick der leeren Wand geradezu das Herz; und warum solle nicht auch Gregor diese Empfindung haben, da er doch an die Zimmermöbel längst gewöhnt sei und sich deshalb im leeren Zimmer verlassen fühlen werde. »Und ist es dann nicht so,« schloß die Mutter ganz leise, wie sie überhaupt fast flüsterte, als wolle sie vermeiden, daß Gregor, dessen genauen Aufenthalt sie ja nicht kannte, auch nur den Klang der Stimme höre, denn daß er die Worte nicht verstand, davon war sie überzeugt, »und ist es nicht so, als ob wir durch die Entfernung der Möbel zeigten, daß wir jede Hoffnung auf Besserung aufgeben und ihn rücksichtslos sich selbst überlassen? Ich glaube, es wäre das beste, wir suchen das Zimmer genau in dem Zustand zu erhalten, in dem es früher war, damit Gregor, wenn er wieder zu uns zurückkommt, alles unverändert findet und um so leichter die Zwischenzeit vergessen kann.«

Beim Anhören dieser Worte der Mutter erkannte Gregor, daß der Mangel jeder unmittelbaren menschlichen Ansprache, verbunden mit dem einförmigen Leben inmitten der Familie, im Laufe dieser zwei Monate seinen Verstand

hatte verwirren müssen, denn anders konnte er es sich nicht erklären, daß er ernsthaft darnach hatte verlangen können, daß sein Zimmer ausgeleert würde. Hatte er wirklich Lust, das warme, mit ererbten Möbeln gemütlich ausgestattete Zimmer in eine Höhle verwandeln zu lassen, in der er dann freilich nach allen Richtungen ungestört würde kriechen können, jedoch auch unter gleichzeitigem, schnellen, gänzlichen Vergessen seiner menschlichen Vergangenheit? War er doch jetzt schon nahe daran, zu vergessen, und nur die seit langem nicht gehörte Stimme der Mutter hatte ihn aufgerüttelt. Nichts sollte entfernt werden, alles mußte bleiben, die guten Einwirkungen der Möbel auf seinen Zustand konnte er nicht entbehren; und wenn die Möbel ihn hinderten, das sinnlose Herumkriechen zu betreiben, so war es kein Schaden, sondern ein großer Vorteil.

Aber die Schwester war leider anderer Meinung; sie hatte sich, allerdings nicht ganz unberechtigt, angewöhnt, bei Besprechung der Angelegenheiten Gregors als besonders Sachverständige gegenüber den Eltern aufzutreten, und so war auch jetzt der Rat der Mutter für die Schwester Grund genug, auf der Entfernung nicht nur des Kastens und des Schreibtisches, an die sie zuerst allein gedacht hatte, sondern auf der Entfernung sämtlicher Möbel, mit Ausnahme des unentbehrlichen Kanapees, zu bestehen. Es war natürlich

nicht nur kindlicher Trotz und das in der letzten Zeit so unerwartet und schwer erworbene Selbstvertrauen, das sie zu dieser Forderung bestimmte; sie hatte doch auch tatsächlich beobachtet, daß Gregor viel Raum zum Kriechen brauchte, dagegen die Möbel, soweit man sehen konnte, nicht im geringsten benützte. Vielleicht aber spielte auch der schwärmerische Sinn der Mädchen ihres Alters mit, der bei jeder Gelegenheit seine Befriedigung sucht, und durch den Grete jetzt sich dazu verlocken ließ, die Lage Gregors noch schreckenerregender machen zu wollen, um dann noch mehr als bis jetzt für ihn leisten zu können. Denn in einem Raum, in dem Gregor ganz allein die leeren Wände beherrschte, würde wohl kein Mensch außer Grete jemals einzutreten sich getrauen.

Und so ließ sie sich von ihrem Entschlusse durch die Mutter nicht abbringen, die auch in diesem Zimmer vor lauter Unruhe unsicher schien, bald verstummte und der Schwester nach Kräften beim Hinausschaffen des Kastens half. Nun, den Kasten konnte Gregor im Notfall noch entbehren, aber schon der Schreibtisch mußte bleiben. Und kaum hatten die Frauen mit dem Kasten, an dem sie sich ächzend drückten, das Zimmer verlassen, als Gregor den Kopf unter dem Kanapee hervorstieß, um zu sehen, wie er vorsichtig und möglichst rücksichtsvoll eingreifen könnte.

Aber zum Unglück war es gerade die Mutter, welche zuerst zurückkehrte, während Grete im Nebenzimmer den Kasten umfassen hielt und ihn allein hin und her schwang, ohne ihn natürlich von der Stelle zu bringen. Die Mutter aber war Gregors Anblick nicht gewöhnt, er hätte sie krank machen können, und so eilte Gregor erschrocken im Rückwärtslauf bis an das andere Ende des Kanapees, konnte es aber nicht mehr verhindern, daß das Leintuch vorne ein wenig sich bewegte. Das genügte, um die Mutter aufmerksam zu machen. Sie stockte, stand einen Augenblick still und ging dann zu Grete zurück.

Trotzdem sich Gregor immer wieder sagte, daß ja nichts Außergewöhnliches geschehe, sondern nur ein paar Möbel umgestellt würden, wirkte doch, wie er sich bald eingestehen mußte, dieses Hin- und Hergehen der Frauen, ihre kleinen Zurufe, das Kratzen der Möbel auf dem Boden, wie ein großer, von allen Seiten genährter Trubel auf ihn, und er mußte sich, so fest er Kopf und Beine an sich zog und den Leib bis an den Boden drückte, unweigerlich sagen, daß er das Ganze nicht lange aushalten werde. Sie räumten ihm sein Zimmer aus; nahmen ihm alles, was ihm lieb war; den Kasten, in dem die Laubsäge und andere Werkzeuge lagen, hatten sie schon hinausgetragen; lockerten jetzt den schon im Boden fest eingegrabenen Schreibtisch, an dem er als

Handelsakademiker, als Bürgerschüler, ja sogar schon als Volksschüler seine Aufgaben geschrieben hatte, – da hatte er wirklich keine Zeit mehr, die guten Absichten zu prüfen, welche die zwei Frauen hatten, deren Existenz er übrigens fast vergessen hatte, denn vor Erschöpfung arbeiteten sie schon stumm, und man hörte nur das schwere Tappen ihrer Füße.

Und so brach er denn hervor – die Frauen stützten sich gerade im Nebenzimmer an den Schreibtisch, um ein wenig zu verschnaufen –, wechselte viermal die Richtung des Laufes, er wußte wirklich nicht, was er zuerst retten sollte, da sah er an der im übrigen schon leeren Wand auffallend das Bild der in lauter Pelzwerk gekleideten Dame hängen, kroch eilends hinauf und preßte sich an das Glas, das ihn festhielt und seinem heißen Bauch wohltat. Dieses Bild wenigstens, das Gregor jetzt ganz verdeckte, würde nun gewiß niemand wegnehmen. Er verdrehte den Kopf nach der Tür des Wohnzimmers, um die Frauen bei ihrer Rückkehr zu beobachten.

Sie hatten sich nicht viel Ruhe gegönnt und kamen schon wieder; Grete hatte den Arm um die Mutter gelegt und trug sie fast. »Also was nehmen wir jetzt?« sagte Grete und sah sich um, Da kreuzten sich ihre Blicke mit denen Gregors an der Wand. Wohl nur infolge der Gegenwart der Mutter behielt sie ihre Fassung, beugte ihr Gesicht zur

Mutter, um diese vom Herumschauen abzuhalten, und sagte, allerdings zitternd und unüberlegt: »Komm, wollen wir nicht lieber auf einen Augenblick noch ins Wohnzimmer zurückgehen?« Die Absicht Gretes war für Gregor klar, sie wollte die Mutter in Sicherheit bringen und dann ihn von der Wand hinunterjagen. Nun, sie konnte es ja immerhin versuchen! Er saß auf seinem Bild und gab es nicht her. Lieber würde er Grete ins Gesicht springen.

Aber Gretes Worte hatten die Mutter erst recht beunruhigt, sie trat zur Seite, erblickte den riesigen braunen Fleck auf der geblümten Tapete, rief, ehe ihr eigentlich zum Bewußtsein kam, daß das Gregor war, was sie sah, mit schreiender, rauher Stimme: »Ach Gott, ach Gott!« und fiel mit ausgebreiteten Armen, als gebe sie alles auf, über das Kanapee hin und rührte sich nicht. »Du, Gregor!« rief die Schwester mit erhobener Faust und eindringlichen Blicken. Es waren seit der Verwandlung die ersten Worte, die sie unmittelbar an ihn gerichtet hatte. Sie lief ins Nebenzimmer, um irgendeine Essenz zu holen, mit der sie die Mutter aus ihrer Ohnmacht wecken könnte; Gregor wollte auch helfen – zur Rettung des Bildes war noch Zeit –; er klebte aber fest an dem Glas und mußte sich mit Gewalt losreißen; er lief dann auch ins Nebenzimmer, als könne er der Schwester irgendeinen Rat geben, wie in früherer Zeit; mußte aber

dann untätig hinter ihr stehen; während sie in verschiedenen Fläschchen kramte, erschreckte sie noch, als sie sich umdrehte; eine Flasche fiel auf den Boden und zerbrach; ein Splitter verletzte Gregor im Gesicht, irgendeine ätzende Medizin umfloß ihn; Grete nahm nun, ohne sich länger aufzuhalten, so viele Fläschchen, als sie nur halten konnte, und rannte mit ihnen zur Mutter hinein; die Tür schlug sie mit dem Fuße zu. Gregor war nun von der Mutter abgeschlossen, die durch seine Schuld vielleicht dem Tode nahe war; die Tür durfte er nicht öffnen, wollte er die Schwester, die bei der Mutter bleiben mußte, nicht verjagen; er hatte jetzt nichts zu tun, als zu warten; und von Selbstvorwürfen und Besorgnis bedrängt, begann er zu kriechen, überkroch alles, Wände, Möbel und Zimmerdecke und fiel endlich in seiner Verzweiflung, als sich das ganze Zimmer schon um ihn zu drehen anfangte, mitten auf den großen Tisch.

Es verging eine kleine Weile, Gregor lag matt da, ringsherum war es still, vielleicht war das ein gutes Zeichen. Da läutete es. Das Mädchen war natürlich in ihrer Küche eingesperrt und Grete mußte daher öffnen gehen. Der Vater war gekommen. »Was ist geschehen?« waren seine ersten Worte; Gretes Aussehen hatte ihm wohl alles verraten. Grete antwortete mit dumpfer Stimme, offenbar drückte sie ihr Gesicht an des Vaters Brust: »Die Mutter war ohnmächtig,

aber es geht ihr schon besser. Gregor ist ausgebrochen.« »Ich habe es ja erwartet,« sagte der Vater, »ich habe es euch ja immer gesagt, aber ihr Frauen wollt nicht hören.« Gregor war es klar, daß der Vater Gretes allzukurze Mitteilung schlecht gedeutet hatte und annahm, daß Gregor sich irgendeine Gewalttat habe zuschulden kommen lassen. Deshalb mußte Gregor den Vater jetzt zu besänftigen suchen, denn ihn aufzuklären hatte er weder Zeit noch Möglichkeit. Und so flüchtete er sich zur Tür seines Zimmers und drückte sich an sie, damit der Vater beim Eintritt vom Vorzimmer her gleich sehen könne, daß Gregor die beste Absicht habe, sofort in sein Zimmer zurückzukehren, und daß es nicht nötig sei, ihn zurückzutreiben, sondern daß man nur die Tür zu öffnen brauchte, und gleich werde er verschwinden.

Aber der Vater war nicht in der Stimmung, solche Feinheiten zu bemerken. »Ah!« rief er gleich beim Eintritt in einem Tone, als sei er gleichzeitig wütend und froh. Gregor zog den Kopf von der Tür zurück und hob ihn gegen den Vater. So hatte er sich den Vater wirklich nicht vorgestellt, wie er jetzt dastand; allerdings hatte er in der letzten Zeit über dem neuartigen Herumkriechen versäumt, sich so wie früher um die Vorgänge in der übrigen Wohnung zu kümmern, und hätte eigentlich darauf gefaßt sein müssen, veränderte Verhältnisse anzutreffen. Trotzdem, trotzdem, war das noch

der Vater? Der gleiche Mann, der müde im Bett vergraben lag, wenn früher Gregor zu einer Geschäftsreise ausgerückt war; der ihn an Abenden der Heimkehr im Schlafrock im Lehnstuhl empfangen hatte; gar nicht recht imstande war, aufzustehen, sondern zum Zeichen der Freude nur die Arme gehoben hatte, und der bei den seltenen gemeinsamen Spaziergängen an ein paar Sonntagen im Jahr und an den höchsten Feiertagen zwischen Gregor und der Mutter, die schon an und für sich langsam gingen, immer noch ein wenig langsamer, in seinen alten Mantel eingepackt, mit stets vorsichtig aufgesetztem Krückstock sich vorwärts arbeitete und, wenn er etwas sagen wollte, fast immer stillstand und seine Begleitung um sich versammelte? Nun aber war er doch gut aufgerichtet; in eine straffe blaue Uniform mit Goldknöpfen gekleidet, wie sie Diener der Bankinstitute tragen; über dem hohen steifen Kragen des Rockes entwickelte sich sein starkes Doppelkinn; unter den buschigen Augenbrauen drang der Blick der schwarzen Augen frisch und aufmerksam hervor; das sonst zerzauste weiße Haar war zu einer peinlich genauen, leuchtenden Scheitelfrisur niedergekämmt. Er warf seine Mütze, auf der ein Goldmonogramm, wahrscheinlich das einer Bank, angebracht war, über das ganze Zimmer im Bogen auf das Kanapee hin und ging, die Enden seines langen Uniformrockes zurückgeschlagen, die Hände in den

Hosentaschen, mit verbissenem Gesicht auf Gregor zu. Er wußte wohl selbst nicht, was er vorhatte; immerhin hob er die Füße ungewöhnlich hoch, und Gregor staunte über die Riesengröße seiner Stiefelsohlen. Doch hielt er sich dabei nicht auf, er wußte ja noch vom ersten Tage seines neuen Lebens her, daß der Vater ihm gegenüber nur die größte Strenge für angebracht ansah. Und so lief er vor dem Vater her, stockte, wenn der Vater stehen blieb, und eilte schon wieder vorwärts, wenn sich der Vater nur rührte. So machten sie mehrmals die Runde um das Zimmer, ohne daß sich etwas Entscheidendes ereignete, ja ohne daß das Ganze infolge seines langsamen Tempos den Anschein einer Verfolgung gehabt hätte. Deshalb blieb auch Gregor vorläufig auf dem Fußboden, zumal er fürchtete, der Vater könnte eine Flucht auf die Wände oder den Plafond für besondere Bosheit halten. Allerdings mußte sich Gregor sagen, daß er sogar dieses Laufen nicht lange aushalten würde, denn während der Vater einen Schritt machte, mußte er eine Unzahl von Bewegungen ausführen. Atemnot begann sich schon bemerkbar zu machen, wie er ja auch in seiner früheren Zeit keine ganz vertrauenswürdige Lunge besessen hatte. Als er nun so dahintorkelte, um alle Kräfte für den Lauf zu sammeln, kaum die Augen offenhielt; in seiner Stumpfheit an eine andere Rettung als durch Laufen gar nicht dachte; und

fast schon vergessen hatte, daß ihm die Wände freistanden, die hier allerdings mit sorgfältig geschnitzten Möbeln voll Zacken und Spitzen verstellt waren – da flog knapp neben ihm, leicht geschleudert, irgend etwas nieder und rollte vor ihm her. Es war ein Apfel; gleich flog ihm ein zweiter nach; Gregor blieb vor Schrecken stehen; ein Weiterlaufen war nutzlos, denn der Vater hatte sich entschlossen, ihn zu bombardieren. Aus der Obstschale auf der Kredenz hatte er sich die Taschen gefüllt und warf nun, ohne vorläufig scharf zu zielen, Apfel für Apfel. Diese kleinen roten Äpfel rollten wie elektrisiert auf dem Boden herum und stießen aneinander. Ein schwach geworfener Apfel streifte Gregors Rücken, glitt aber unschädlich ab. Ein ihm sofort nachfliegender drang dagegen förmlich in Gregors Rücken ein; Gregor wollte sich weiterschleppen, als könne der überraschende unglaubliche Schmerz mit dem Ortswechsel vergehen; doch fühlte er sich wie festgenagelt und streckte sich in vollständiger Verwirrung aller Sinne. Nur mit dem letzten Blick sah er noch, wie die Tür seines Zimmers aufgerissen wurde, und vor der schreienden Schwester die Mutter hervoreilte, im Hemd, denn die Schwester hatte sie entkleidet, um ihr in der Ohnmacht Atemfreiheit zu verschaffen, wie dann die Mutter auf den Vater zulief und ihr auf dem Weg die aufgebundenen Röcke einer nach dem anderen zu Boden glitten, und wie

sie stolpernd über die Röcke auf den Vater eindrang und ihn umarmend, in gänzlicher Vereinigung mit ihm – nun versagte aber Gregors Sehkraft schon – die Hände an des Vaters Hinterkopf um Schonung von Gregors Leben bat.

III

Die schwere Verwundung Gregors, an der er über einen Monat litt – der Apfel blieb, da ihn niemand zu entfernen wagte, als sichtbares Andenken im Fleische sitzen –, schien selbst den Vater daran erinnert zu haben, daß Gregor trotz seiner gegenwärtigen traurigen und ekelhaften Gestalt ein Familienglied war, das man nicht wie einen Feind behandeln durfte, sondern dem gegenüber es das Gebot der Familienpflicht war, den Widerwillen hinunterzuschlucken und zu dulden, nichts als dulden.

Und wenn nun auch Gregor durch seine Wunde an Beweglichkeit wahrscheinlich für immer verloren hatte und vorläufig zur Durchquerung seines Zimmers wie ein alter Invalide lange, lange Minuten brauchte – an das Kriechen in der Höhe war nicht zu denken –, so bekam er für diese Verschlimmerung seines Zustandes einen seiner Meinung nach vollständig genügenden Ersatz dadurch, daß immer gegen Abend die Wohnzimmertür, die er schon ein bis zwei Stunden vorher scharf zu beobachten pflegte, geöffnet

wurde, so daß er, im Dunkel seines Zimmers liegend, vom Wohnzimmer aus unsichtbar, die ganze Familie beim beleuchteten Tische sehen und ihre Reden, gewissermaßen mit allgemeiner Erlaubnis, also ganz anders als früher, anhören durfte.

Freilich waren es nicht mehr die lebhaften Unterhaltungen der früheren Zeiten, an die Gregor in den kleinen Hotelzimmern stets mit einigem Verlangen gedacht hatte, wenn er sich müde in das feuchte Bettzeug hatte werfen müssen. Es ging jetzt meist nur sehr still zu. Der Vater schlief bald nach dem Nachtessen in seinem Sessel ein; die Mutter und Schwester ermahnten einander zur Stille; die Mutter nähte, weit über das Licht vorgebeugt, feine Wäsche für ein Modengeschäft; die Schwester, die eine Stellung als Verkäuferin angenommen hatte, lernte am Abend Stenographie und Französisch, um vielleicht später einmal einen besseren Posten zu erreichen. Manchmal wachte der Vater auf, und als wisse er gar nicht, daß er geschlafen habe, sagte er zur Mutter: »Wie lange du heute schon wieder nähst!« und schlief sofort wieder ein, während Mutter und Schwester einander müde zulächelten.

Mit einer Art Eigensinn weigerte sich der Vater, auch zu Hause seine Dieneruniform abzulegen; und während der Schlafrock nutzlos am Kleiderhaken hing, schlummerte

der Vater vollständig angezogen auf seinem Platz, als sei er immer zu seinem Dienste bereit und warte auch hier auf die Stimme des Vorgesetzten. Infolgedessen verlor die gleich anfangs nicht neue Uniform trotz aller Sorgfalt von Mutter und Schwester an Reinlichkeit, und Gregor sah oft ganze Abende lang auf dieses über und über fleckige, mit seinen stets geputzten Goldknöpfen leuchtende Kleid, in dem der alte Mann höchst unbequem und doch ruhig schlief.

Sobald die Uhr zehn schlug, suchte die Mutter durch leise Zusprache den Vater zu wecken und dann zu überreden, ins Bett zu gehen, denn hier war es doch kein richtiger Schlaf und diesen hatte der Vater, der um sechs Uhr seinen Dienst antreten mußte, äußerst nötig. Aber in dem Eigensinn, der ihn, seitdem er Diener war, ergriffen hatte, bestand er immer darauf, noch länger bei Tisch zu bleiben, trotzdem er regelmäßig einschlief, und war dann überdies nur mit der größten Mühe zu bewegen, den Sessel mit dem Bett zu vertauschen. Da mochten Mutter und Schwester mit kleinen Ermahnungen noch so sehr auf ihn eindringen, viertelstundenlang schüttelte er langsam den Kopf, hielt die Augen geschlossen und stand nicht auf. Die Mutter zupfte ihn am Ärmel, sagte ihm Schmeichelworte ins Ohr, die Schwester verließ ihre Aufgabe, um der Mutter zu helfen, aber beim Vater verfiel das nicht. Er versank nur noch

tiefer in seinen Sessel. Erst bis ihn die Frauen unter den Achseln faßten, schlug er die Augen auf, sah abwechselnd die Mutter und die Schwester an und pflegte zu sagen: »Das ist ein Leben. Das ist die Ruhe meiner alten Tage.« Und auf die beiden Frauen gestützt, erhob er sich, umständlich, als sei er für sich selbst die größte Last, ließ sich von den Frauen bis zur Türe führen, winkte ihnen dort ab und ging nun selbständig weiter, während die Mutter ihr Nähzeug, die Schwester ihre Feder eiligst hinwarfen, um hinter dem Vater zu laufen und ihm weiter behilflich zu sein.

Wer hatte in dieser abgearbeiteten und übermüdeten Familie Zeit, sich um Gregor mehr zu kümmern, als unbedingt nötig war? Der Haushalt wurde immer mehr eingeschränkt; das Dienstmädchen wurde nun doch entlassen; eine riesige knochige Bedienerin mit weißem, den Kopf umflatterndem Haar kam des Morgens und des Abends, um die schwerste Arbeit zu leisten; alles andere besorgte die Mutter neben ihrer vielen Näharbeit. Es geschah sogar, daß verschiedene Familienschmuckstücke, welche früher die Mutter und die Schwester übergücklich bei Unterhaltungen und Feierlichkeiten getragen hatten, verkauft wurden, wie Gregor am Abend aus der allgemeinen Besprechung der erzielten Preise erfuhr. Die größte Klage war aber stets, daß man diese für die gegenwärtigen Verhältnisse allzugroße

Wohnung nicht verlassen konnte, da es nicht auszudenken war, wie man Gregor übersiedeln sollte. Aber Gregor sah wohl ein, daß es nicht nur die Rücksicht auf ihn war, welche eine Übersiedlung verhinderte, denn ihn hätte man doch in einer passenden Kiste mit ein paar Luftlöchern leicht transportieren können; was die Familie hauptsächlich vom Wohnungswechsel abhielt, war vielmehr die völlige Hoffnungslosigkeit und der Gedanke daran, daß sie mit einem Unglück geschlagen war, wie niemand sonst im ganzen Verwandten- und Bekanntenkreis. Was die Welt von armen Leuten verlangt, erfüllten sie bis zum äußersten, der Vater holte den kleinen Bankbeamten das Frühstück, die Mutter opferte sich für die Wäsche fremder Leute, die Schwester lief nach dem Befehl der Kunden hinter dem Pulte hin und her, aber weiter reichten die Kräfte der Familie schon nicht. Und die Wunde im Rücken fing Gregor wie neu zu schmerzen an, wenn Mutter und Schwester, nachdem sie den Vater zu Bett gebracht hatten, nun zurückkehrten, die Arbeit liegen ließen, nahe zusammenrückten, schon Wange an Wange saßen; wenn jetzt die Mutter, auf Gregors Zimmer zeigend, sagte: »Mach' dort die Tür zu, Grete,« und wenn nun Gregor wieder im Dunkel war, während nebenan die Frauen ihre Tränen vermischten oder gar tränenlos den Tisch anstarrten.

Die Nächte und Tage verbrachte Gregor fast ganz ohne Schlaf. Manchmal dachte er daran, beim nächsten Öffnen der Tür die Angelegenheiten der Familie ganz so wie früher wieder in die Hand zu nehmen; in seinen Gedanken erschienen wieder nach langer Zeit der Chef und der Prokurist, die Kommis und die Lehrjungen, der so begriffsstützige Hausknecht, zwei drei Freunde aus anderen Geschäften, ein Stubenmädchen aus einem Hotel in der Provinz, eine liebe, flüchtige Erinnerung, eine Kassiererin aus einem Hutgeschäft, um die er sich ernsthaft, aber zu langsam beworben hatte – sie alle erschienen untermischt mit Fremden oder schon Vergessenen, aber statt ihm und seiner Familie zu helfen, waren sie sämtlich unzugänglich, und er war froh, wenn sie verschwanden. Dann aber war er wieder gar nicht in der Laune, sich um seine Familie zu sorgen, bloß Wut über die schlechte Wartung erfüllte ihn, und trotzdem er sich nichts vorstellen konnte, worauf er Appetit gehabt hätte, machte er doch Pläne, wie er in die Speisekammer gelangen könnte, um dort zu nehmen, was ihm, auch wenn er keinen Hunger hatte, immerhin gebührte. Ohne jetzt mehr nachzudenken, womit man Gregor einen besonderen Gefallen machen könnte, schob die Schwester eiligst, ehe sie morgens und mittags ins Geschäft lief, mit dem Fuß irgendeine beliebige Speise in Gregors Zimmer hinein, um sie am Abend, gleichgültig

dagegen, ob die Speise vielleicht nur gekostet oder – der häufigste Fall – gänzlich unberührt war, mit einem Schwenken des Besens hinauszukehren. Das Aufräumen des Zimmers, das sie nun immer abends besorgte, konnte gar nicht mehr schneller getan sein. Schmutzstreifen zogen sich die Wände entlang, hie und da lagen Knäuel von Staub und Unrat. In der ersten Zeit stellte sich Gregor bei der Ankunft der Schwester in derartige besonders bezeichnende Winkel, um ihr durch diese Stellung gewissermaßen einen Vorwurf zu machen. Aber er hätte wohl wochenlang dort bleiben können, ohne daß sich die Schwester gebessert hätte; sie sah ja den Schmutz genau so wie er, aber sie hatte sich eben entschlossen, ihn zu lassen. Dabei wachte sie mit einer an ihr ganz neuen Empfindlichkeit, die überhaupt die ganze Familie ergriffen hatte, darüber, daß das Aufräumen von Gregors Zimmer ihr vorbehalten blieb. Einmal hatte die Mutter Gregors Zimmer einer großen Reinigung unterzogen, die ihr nur nach Verbrauch einiger Kübel Wasser gelungen war – die viele Feuchtigkeit kränkte allerdings Gregor auch und er lag breit, verbittert und unbeweglich auf dem Kanapee –, aber die Strafe blieb für die Mutter nicht aus. Denn kaum hatte am Abend die Schwester die Veränderung in Gregors Zimmer bemerkt, als sie, aufs höchste beleidigt, ins Wohnzimmer lief und, trotz der beschwörend erhobenen Hände der Mutter,

in einen Weinkrampf ausbrach, dem die Eltern – der Vater war natürlich aus seinem Sessel aufgeschreckt worden – zuerst erstaunt und hilflos zusahen; bis auch sie sich zu rühren anfangen; der Vater rechts der Mutter Vorwürfe machte, daß sie Gregors Zimmer nicht der Schwester zur Reinigung überließ; links dagegen die Schwester anschrie, sie werde niemals mehr Gregors Zimmer reinigen dürfen; während die Mutter den Vater, der sich vor Erregung nicht mehr kannte, ins Schlafzimmer zu schleppen suchte; die Schwester, von Schluchzen geschüttelt, mit ihren kleinen Fäusten den Tisch bearbeitete; und Gregor laut vor Wut darüber zischte, daß es keinem einfiel, die Tür zu schließen und ihm diesen Anblick und Lärm zu ersparen.

Aber selbst wenn die Schwester, erschöpft von ihrer Berufsarbeit, dessen überdrüssig geworden war, für Gregor, wie früher, zu sorgen, so hätte noch keineswegs die Mutter für sie eintreten müssen und Gregor hätte doch nicht vernachlässigt zu werden brauchen. Denn nun war die Bedienerin da. Diese alte Witwe, die in ihrem langen Leben mit Hilfe ihres starken Knochenbaues das Ärgste überstanden haben mochte, hatte keinen eigentlichen Abscheu vor Gregor. Ohne irgendwie neugierig zu sein, hatte sie zufällig einmal die Tür von Gregors Zimmer aufgemacht und war im Anblick Gregors, der, gänzlich überrascht, trotzdem ihn

niemand jagte, hin- und herzulaufen begann, die Hände im Schoß gefaltet staunend stehen geblieben. Seitdem versäumte sie nicht, stets flüchtig morgens und abends die Tür ein wenig zu öffnen und zu Gregor hineinzuschauen. Anfangs rief sie ihn auch zu sich herbei, mit Worten, die sie wahrscheinlich für freundlich hielt, wie »Komm mal herüber, alter Mistkäfer!« oder »Seht mal den alten Mistkäfer!« Auf solche Ansprachen antwortete Gregor mit nichts, sondern blieb unbeweglich auf seinem Platz, als sei die Tür gar nicht geöffnet worden. Hätte man doch dieser Bedienerin, statt sie nach ihrer Laune ihn nutzlos stören zu lassen, lieber den Befehl gegeben, sein Zimmer täglich zu reinigen! Einmal am frühen Morgen – ein heftiger Regen, vielleicht schon ein Zeichen des kommenden Frühjahrs, schlug an die Scheiben – war Gregor, als die Bedienerin mit ihren Redensarten wieder begann, derartig erbittert, daß er, wie zum Angriff, allerdings langsam und hilflos, sich gegen sie wendete. Die Bedienerin aber, statt sich zu fürchten, hob bloß einen in der Nähe der Tür befindlichen Stuhl hoch empor, und wie sie mit groß geöffnetem Munde dastand, war ihre Absicht klar, den Mund erst zu schließen, wenn der Sessel in ihrer Hand auf Gregors Rücken niederschlagen würde. »Also weiter geht es nicht?« fragte sie, als Gregor sich wieder umdrehte, und stellte den Sessel ruhig in die Ecke zurück.

Gregor aß nun fast gar nichts mehr. Nur wenn er zufällig an der vorbereiteten Speise vorüberkam, nahm er zum Spiel einen Bissen in den Mund, hielt ihn dort stundenlang und spie ihn dann meist wieder aus. Zuerst dachte er, es sei die Trauer über den Zustand seines Zimmers, die ihn vom Essen abhalte, aber gerade mit den Veränderungen des Zimmers söhnte er sich sehr bald aus. Man hatte sich angewöhnt, Dinge, die man anderswo nicht unterbringen konnte, in dieses Zimmer hineinzustellen, und solcher Dinge gab es nun viele, da man ein Zimmer der Wohnung an drei Zimmerherren vermietet hatte. Diese ernsten Herren, – alle drei hatten Vollbärte, wie Gregor einmal durch eine Türspalte feststellte – waren peinlich auf Ordnung, nicht nur in ihrem Zimmer, sondern, da sie sich nun einmal hier eingemietet hatten, in der ganzen Wirtschaft, also insbesondere in der Küche, bedacht. Unnützen oder gar schmutzigen Kram ertrugen sie nicht. Überdies hatten sie zum größten Teil ihre eigenen Einrichtungsstücke mitgebracht. Aus diesem Grunde waren viele Dinge überflüssig geworden, die zwar nicht verkäuflich waren, die man aber auch nicht wegwerfen wollte. Alle diese wanderten in Gregors Zimmer. Ebenso auch die Aschenkiste und die Abfallkiste aus der Küche. Was nur im Augenblick unbrauchbar war, schleuderte die Bedienerin, die es immer sehr eilig hatte, einfach in Gregors Zimmer; Gregor

sah glücklicherweise meist nur den betreffenden Gegenstand und die Hand, die ihn hielt. Die Bedienerin hatte vielleicht die Absicht, bei Zeit und Gelegenheit die Dinge wieder zu holen oder alle insgesamt mit einemmal hinauszuerwerfen, tatsächlich aber blieben sie dort liegen, wohin sie durch den ersten Wurf gekommen waren, wenn nicht Gregor sich durch das Rumpelzeug wand und es in Bewegung brachte, zuerst gezwungen, weil kein sonstiger Platz zum Kriechen frei war, später aber mit wachsendem Vergnügen, obwohl er nach solchen Wanderungen, zum Sterben müde und traurig, wieder stundenlang sich nicht rührte.

Da die Zimmerherren manchmal auch ihr Abendessen zu Hause im gemeinsamen Wohnzimmer einnahmen, blieb die Wohnzimmertür an manchen Abenden geschlossen, aber Gregor verzichtete ganz leicht auf das Öffnen der Tür, hatte er doch schon manche Abende, an denen sie geöffnet war, nicht ausgenützt, sondern war, ohne daß es die Familie merkte, im dunkelsten Winkel seines Zimmers gelegen. Einmal aber hatte die Bedienerin die Tür zum Wohnzimmer ein wenig offen gelassen, und sie blieb so offen, auch als die Zimmerherren am Abend eintraten und Licht gemacht wurde. Sie setzten sich oben an den Tisch, wo in früheren Zeiten der Vater, die Mutter und Gregor gesessen hatten, entfalteten die Servietten und nahmen Messer und Gabel in

die Hand. Sofort erschien in der Tür die Mutter mit einer Schüssel Fleisch und knapp hinter ihr die Schwester mit einer Schüssel hochgeschichteter Kartoffeln. Das Essen dampfte mit starkem Rauch. Die Zimmerherren beugten sich über die vor sie hingestellten Schüsseln, als wollten sie sie vor dem Essen prüfen, und tatsächlich zerschnitt der, welcher in der Mitte saß und den anderen zwei als Autorität zu gelten schien, ein Stück Fleisch noch auf der Schüssel, offenbar um festzustellen, ob es mürbe genug sei und ob es nicht etwa in die Küche zurückgeschickt werden solle. Er war befriedigt, und Mutter und Schwester, die gespannt zugesehen hatten, begannen aufatmend zu lächeln.

Die Familie selbst aß in der Küche. Trotzdem kam der Vater, ehe er in die Küche ging, in dieses Zimmer herein und machte mit einer einzigen Verbeugung, die Kappe in der Hand, einen Rundgang um den Tisch. Die Zimmerherren erhoben sich sämtlich und murmelten etwas in ihre Bärte. Als sie dann allein waren, aßen sie fast unter vollkommenem Stillschweigen. Sonderbar schien es Gregor, daß man aus allen mannigfachen Geräuschen des Essens immer wieder ihre kauenden Zähne heraushörte, als ob damit Gregor gezeigt werden sollte, daß man Zähne brauche, um zu essen, und daß man auch mit den schönsten zahnlosen Kiefern nichts ausrichten könne. »Ich habe ja Appetit,« sagte sich

Gregor sorgenvoll, »aber nicht auf diese Dinge. Wie sich diese Zimmerherren nähren, und ich komme um!«

Gerade an diesem Abend – Gregor erinnerte sich nicht, während der ganzen Zeit die Violine gehört zu haben – ertönte sie von der Küche her. Die Zimmerherren hatten schon ihr Nachtmahl beendet, der mittlere hatte eine Zeitung hervorgezogen, den zwei anderen je ein Blatt gegeben, und nun lasen sie zurückgelehnt und rauchten. Als die Violine zu spielen begann, wurden sie aufmerksam, erhoben sich und gingen auf den Fußspitzen zur Vorzimmertür, in der sie aneinandergedrängt stehen blieben. Man mußte sie von der Küche aus gehört haben, denn der Vater rief: »Ist den Herren das Spiel vielleicht unangenehm? Es kann sofort eingestellt werden.« »Im Gegenteil,« sagte der mittlere der Herren, »möchte das Fräulein nicht zu uns hereinkommen und hier im Zimmer spielen, wo es doch viel bequemer und gemütlicher ist?« »O bitte,« rief der Vater, als sei er der Violinspieler. Die Herren traten ins Zimmer zurück und warteten. Bald kam der Vater mit dem Notenpult, die Mutter mit den Noten und die Schwester mit der Violine. Die Schwester bereitete alles ruhig zum Spiele vor; die Eltern, die niemals früher Zimmer vermietet hatten und deshalb die Höflichkeit gegen die Zimmerherren übertrieben, wagten gar nicht, sich auf ihre eigenen Sessel zu setzen; der Vater

lehnte an der Thür, die rechte Hand zwischen zwei Knöpfe des geschlossenen Livreerockes gesteckt; die Mutter aber erhielt von einem Herrn einen Sessel angeboten und saß, da sie den Sessel dort ließ, wohin ihn der Herr zufällig gestellt hatte, abseits in einem Winkel.

Die Schwester begann zu spielen; Vater und Mutter verfolgten, jeder von seiner Seite, aufmerksam die Bewegungen ihrer Hände. Gregor hatte, von dem Spiele angezogen, sich ein wenig weiter vorgewagt und war schon mit dem Kopf im Wohnzimmer. Er wunderte sich kaum darüber, daß er in letzter Zeit so wenig Rücksicht auf die andern nahm; früher war diese Rücksichtnahme sein Stolz gewesen. Und dabei hätte er gerade jetzt mehr Grund gehabt, sich zu verstecken, denn infolge des Staubes, der in seinem Zimmer überall lag und bei der kleinsten Bewegung umherflog, war auch er ganz staubbedeckt; Fäden, Haare, Speiseüberreste schleppte er auf seinem Rücken und an den Seiten mit sich herum; seine Gleichgültigkeit gegen alles war viel zu groß, als daß er sich, wie früher mehrmals während des Tages, auf den Rücken gelegt und am Teppich gescheuert hätte. Und trotz dieses Zustandes hatte er keine Scheu, ein Stück auf dem makellosen Fußboden des Wohnzimmers vorzurücken.

Allerdings achtete auch niemand auf ihn. Die Familie war gänzlich vom Violinspiel in Anspruch genommen;

die Zimmerherren dagegen, die zunächst, die Hände in den Hosentaschen, viel zu nahe hinter dem Notenpult der Schwester sich aufgestellt hatten, so daß sie alle in die Noten hätte sehen können, was sicher die Schwester stören mußte, zogen sich bald unter halblauten Gesprächen mit gesenkten Köpfen zum Fenster zurück, wo sie, vom Vater besorgt beobachtet, auch blieben. Es hatte nun wirklich den überdeutlichen Anschein, als wären sie in ihrer Annahme, ein schönes oder unterhaltendes Violinspiel zu hören, enttäuscht, hätten die ganze Vorführung satt und ließen sich nur aus Höflichkeit noch in ihrer Ruhe stören. Besonders die Art, wie sie alle aus Nase und Mund den Rauch ihrer Zigarren in die Höhe bliesen, ließ auf große Nervosität schließen. Und doch spielte die Schwester so schön. Ihr Gesicht war zur Seite geneigt, prüfend und traurig folgten ihre Blicke den Notenzeilen. Gregor kroch noch ein Stück vorwärts und hielt den Kopf eng an den Boden, um möglicherweise ihren Blicken begegnen zu können. War er ein Tier, da ihn Musik so ergriff? Ihm war, als zeige sich ihm der Weg zu der ersehnten unbekannten Nahrung. Er war entschlossen, bis zur Schwester vorzudringen, sie am Rock zu zupfen und ihr dadurch anzudeuten, sie möge doch mit ihrer Violine in sein Zimmer kommen, denn niemand lohnte hier das Spiel so, wie er es lohnen wollte. Er wollte sie nicht mehr aus seinem

Zimmer lassen, wenigstens nicht, solange er lebte; seine Schreckgestalt sollte ihm zum erstenmal nützlich werden; an allen Türen seines Zimmers wollte er gleichzeitig sein und den Angreifern entgegenfauchen; die Schwester aber sollte nicht gezwungen, sondern freiwillig bei ihm bleiben; sie sollte neben ihm auf dem Kanapee sitzen, das Ohr zu ihm herunterneigen, und er wollte ihr dann anvertrauen, daß er die feste Absicht gehabt habe, sie auf das Konservatorium zu schicken, und daß er dies, wenn nicht das Unglück dazwischen gekommen wäre, vergangene Weihnachten – Weihnachten war doch wohl schon vorüber? – allen gesagt hätte, ohne sich um irgendwelche Widerreden zu kümmern. Nach dieser Erklärung würde die Schwester in Tränen der Rührung ausbrechen, und Gregor würde sich bis zu ihrer Achsel erheben und ihren Hals küssen, den sie, seitdem sie ins Geschäft ging, frei ohne Band oder Kragen trug.

»Herr Samsa!« rief der mittlere Herr dem Vater zu und zeigte, ohne ein weiteres Wort zu verlieren, mit dem Zeigefinger auf den langsam sich vorwärtsbewegenden Gregor. Die Violine verstummte, der mittlere Zimmerherr lächelte erst einmal kopfschüttelnd seinen Freunden zu und sah dann wieder auf Gregor hin. Der Vater schien es für nötiger zu halten, statt Gregor zu vertreiben, vorerst die Zimmerherren zu beruhigen, trotzdem diese gar nicht

aufgeregt waren und Gregor sie mehr als das Violinspiel zu unterhalten schien. Er eilte zu ihnen und suchte sie mit ausgebreiteten Armen in ihr Zimmer zu drängen und gleichzeitig mit seinem Körper ihnen den Ausblick auf Gregor zu nehmen. Sie wurden nun tatsächlich ein wenig böse, man wußte nicht mehr, ob über das Benehmen des Vaters oder über die ihnen jetzt aufgehende Erkenntnis, ohne es zu wissen, einen solchen Zimmernachbar wie Gregor besessen zu haben. Sie verlangten vom Vater Erklärungen, hoben ihrerseits die Arme, zupften unruhig an ihren Bärten und wichen nur langsam gegen ihr Zimmer zurück. Inzwischen hatte die Schwester die Verlorenheit, in die sie nach dem plötzlich abgebrochenen Spiel verfallen war, überwunden, hatte sich, nachdem sie eine Zeitlang in den lässig hängenden Händen Violine und Bogen gehalten und weiter, als spiele sie noch, in die Noten gesehen hatte, mit einem Male aufgerafft, hatte das Instrument auf den Schoß der Mutter gelegt, die in Atembeschwerden mit heftig arbeitenden Lungen noch auf ihrem Sessel saß, und war in das Nebenzimmer gelaufen, dem sich die Zimmerherren unter dem Drängen des Vaters schon schneller näherten. Man sah, wie unter den geübten Händen der Schwester die Decken und Polster in den Betten in die Höhe flogen und sich ordneten. Noch ehe die Herren das Zimmer erreicht hatten, war sie mit dem Aufbetten fertig

und schlüpfte heraus. Der Vater schien wieder von seinem Eigensinn derartig ergriffen, daß er jeden Respekt vergaß, den er seinen Mietern immerhin schuldete. Er drängte nur und drängte, bis schon in der Tür des Zimmers der mittlere der Herren donnernd mit dem Fuß aufstampfte und dadurch den Vater zum Stehen brachte. »Ich erkläre hiermit,« sagte er, hob die Hand und suchte mit den Blicken auch die Mutter und die Schwester, »daß ich mit Rücksicht auf die in dieser Wohnung und Familie herrschenden widerlichen Verhältnisse« – hierbei spie er kurz entschlossen auf den Boden – »mein Zimmer augenblicklich kündige. Ich werde natürlich auch für die Tage, die ich hier gewohnt habe, nicht das Geringste bezahlen, dagegen werde ich es mir noch überlegen, ob ich nicht mit irgendwelchen – glauben Sie mir – sehr leicht zu begründenden Forderungen gegen Sie auftreten werde.« Er schwieg und sah gerade vor sich hin, als erwarte er etwas. Tatsächlich fielen sofort seine zwei Freunde mit den Worten ein: »Auch wir kündigen augenblicklich.« Darauf faßte er die Türklinke und schloß mit einem Krach die Tür.

Der Vater wankte mit tastenden Händen zu seinem Sessel und ließ sich hineinfallen; es sah aus, als strecke er sich zu seinem gewöhnlichen Abendschläfchen, aber das starke Nicken seines wie haltlosen Kopfes zeigte, daß er ganz und gar nicht schlief. Gregor war die ganze Zeit still auf

dem Platz gelegen, auf dem ihn die Zimmerherren ertappt hatten. Die Enttäuschung über das Mißlingen seines Planes, vielleicht aber auch die durch das viele Hungern verursachte Schwäche machten es ihm unmöglich, sich zu bewegen. Er fürchtete mit einer gewissen Bestimmtheit schon für den nächsten Augenblick einen allgemeinen über ihn sich entladenden Zusammensturz und wartete. Nicht einmal die Violine schreckte ihn auf, die, unter den zitternden Fingern der Mutter hervor, ihr vom Schoße fiel und einen hallenden Ton von sich gab.

»Liebe Eltern,« sagte die Schwester und schlug zur Einleitung mit der Hand auf den Tisch, »so geht es nicht weiter. Wenn ihr das vielleicht nicht einsehet, ich sehe es ein. Ich will vor diesem Untier nicht den Namen meines Bruders aussprechen und sage daher bloß: wir müssen versuchen es loszuwerden. Wir haben das Menschenmögliche versucht, es zu pflegen und zu dulden, ich glaube, es kann uns niemand den geringsten Vorwurf machen.«

»Sie hat tausendmal recht,« sagte der Vater für sich. Die Mutter, die noch immer nicht genug Atem finden konnte, fing mit einem irrsinnigen Ausdruck der Augen dumpf in die vorgehaltene Hand zu husten an.

Die Schwester eilte zur Mutter und hielt ihr die Stirn. Der Vater schien durch die Worte der Schwester auf

bestimmtere Gedanken gebracht zu sein, hatte sich aufrecht gesetzt, spielte mit seiner Dienermütze zwischen den Tellern, die noch vom Nachtmahl der Zimmerherren her auf dem Tische standen, und sah bisweilen auf den stillen Gregor hin.

»Wir müssen es loszuwerden suchen,« sagte die Schwester nun ausschließlich zum Vater, denn die Mutter hörte in ihrem Husten nichts, »es bringt euch noch beide um, ich sehe es kommen. Wenn man schon so schwer arbeiten muß, wie wir alle, kann man nicht noch zu Hause diese ewige Quälerei ertragen. Ich kann es auch nicht mehr.« Und sie brach so heftig in Weinen aus, daß ihre Tränen auf das Gesicht der Mutter niederflossen, von dem sie sie mit mechanischen Handbewegungen wischte.

»Kind,« sagte der Vater mitleidig und mit auffallendem Verständnis, »was sollen wir aber tun?«

Die Schwester zuckte nur die Achseln zum Zeichen der Ratlosigkeit, die sie nun während des Weinens im Gegensatz zu ihrer früheren Sicherheit ergriffen hatte.

»Wenn er uns verstünde,« sagte der Vater halb fragend; die Schwester schüttelte aus dem Weinen heraus heftig die Hand zum Zeichen, daß daran nicht zu denken sei.

»Wenn er uns verstünde,« wiederholte der Vater und nahm durch Schließen der Augen die Überzeugung der Schwester von der Unmöglichkeit dessen in sich auf, »dann

wäre vielleicht ein Übereinkommen mit ihm möglich. Aber so –«

»Weg muß es,« rief die Schwester, »das ist das einzige Mittel, Vater. Du mußt bloß den Gedanken loszuwerden suchen, daß es Gregor ist. Daß wir es so lange geglaubt haben, das ist ja unser eigentliches Unglück. Aber wie kann es denn Gregor sein? Wenn es Gregor wäre, er hätte längst eingesehen, daß ein Zusammenleben von Menschen mit einem solchen Tier nicht möglich ist, und wäre freiwillig fortgegangen. Wir hätten dann keinen Bruder, aber könnten weiter leben und sein Andenken in Ehren halten. So aber verfolgt uns dieses Tier, vertreibt die Zimmerherren, will offenbar die ganze Wohnung einnehmen und uns auf der Gasse übernachten lassen. Sieh nur, Vater,« schrie sie plötzlich auf, »er fängt schon wieder an!« Und in einem für Gregor gänzlich unverständlichen Schrecken verließ die Schwester sogar die Mutter, stieß sich förmlich von ihrem Sessel ab, als wollte sie lieber die Mutter opfern, als in Gregors Nähe bleiben, und eilte hinter den Vater, der, lediglich durch ihr Benehmen erregt, auch aufstand und die Arme wie zum Schutze der Schwester vor ihr halb erhob.

Aber Gregor fiel es doch gar nicht ein, irgend jemandem und gar seiner Schwester Angst machen zu wollen. Er hatte bloß angefangen sich umzudrehen, um in sein

Zimmer zurückzuwandern, und das nahm sich allerdings auffallend aus, da er infolge seines leidenden Zustandes bei den schwierigen Umdrehungen mit seinem Kopfe nachhelfen mußte, den er hierbei viele Male hob und gegen den Boden schlug. Er hielt inne und sah sich um. Seine gute Absicht schien erkannt worden zu sein; es war nur ein augenblicklicher Schrecken gewesen. Nun sahen ihn alle schweigend und traurig an. Die Mutter lag, die Beine ausgestreckt und aneinandergedrückt, in ihrem Sessel, die Augen fielen ihr vor Ermattung fast zu; der Vater und die Schwester saßen nebeneinander, die Schwester hatte ihre Hand um des Vaters Hals gelegt.

»Nun darf ich mich schon vielleicht umdrehen,« dachte Gregor und begann seine Arbeit wieder. Er konnte das Schnaufen der Anstrengung nicht unterdrücken und mußte auch hie und da ausruhen. Im übrigen drängte ihn auch niemand, es war alles ihm selbst überlassen. Als er die Umdrehung vollendet hatte, fing er sofort an, geradeaus zurückzuwandern. Er staunte über die große Entfernung, die ihn von seinem Zimmer trennte, und begriff gar nicht, wie er bei seiner Schwäche vor kurzer Zeit den gleichen Weg, fast ohne es zu merken, zurückgelegt hatte. Immerfort nur auf rasches Kriechen bedacht, achtete er kaum darauf, daß kein Wort, kein Ausruf seiner Familie ihn störte. Erst als

er schon in der Tür war, wendete er den Kopf, nicht, vollständig, denn er fühlte den Hals steif werden, immerhin sah er noch, daß sich hinter ihm nichts verändert hatte, nur die Schwester war aufgestanden. Sein letzter Blick streifte die Mutter, die nun völlig eingeschlafen war.

Kaum war er innerhalb seines Zimmers, wurde die Tür eiligst zugedrückt, festgeriegelt und versperrt. Über den plötzlichen Lärm hinter sich erschrak Gregor so, daß ihm die Beinchen einknickten. Es war die Schwester, die sich so beeilt hatte. Aufrecht war sie schon da gestanden und hatte gewartet, leichtfüßig war sie dann vorwärtsgesprungen, Gregor hatte sie gar nicht kommen hören, und ein »Endlich!« rief sie den Eltern zu, während sie den Schlüssel im Schloß umdrehte.

»Und jetzt?« fragte sich Gregor und sah sich im Dunkeln um. Er machte bald die Entdeckung, daß er sich nun überhaupt nicht mehr rühren konnte. Er wunderte sich darüber nicht, eher kam es ihm unnatürlich vor, daß er sich bis jetzt tatsächlich mit diesen dünnen Beinchen hatte fortbewegen können. Im übrigen fühlte er sich verhältnismäßig behaglich. Er hatte zwar Schmerzen im ganzen Leib, aber ihm war, als würden sie allmählich schwächer und schwächer und würden schließlich ganz vergehen. Den verfaulten Apfel in seinem Rücken und die entzündete Umgebung, die ganz

von weichem Staub bedeckt war, spürte er schon kaum. An seine Familie dachte er mit Rührung und Liebe zurück. Seine Meinung darüber, daß er verschwinden müsse, war womöglich noch entschiedener, als die seiner Schwester. In diesem Zustand leeren und friedlichen Nachdenkens blieb er, bis die Turmuhr die dritte Morgenstunde schlug. Den Anfang des allgemeinen Hellerwerdens draußen vor dem Fenster erlebte er noch. Dann sank sein Kopf ohne seinen Willen gänzlich nieder, und aus seinen Nüstern strömte sein letzter Atem schwach hervor.

Als am frühen Morgen die Bedienerin kam – vor lauter Kraft und Eile schlug sie, wie oft man sie auch schon gebeten hatte, das zu vermeiden, alle Türen derartig zu, daß in der ganzen Wohnung von ihrem Kommen an kein ruhiger Schlaf mehr möglich war –, fand sie bei ihrem gewöhnlichen kurzen Besuch bei Gregor zuerst nichts Besonderes. Sie dachte, er liege absichtlich so unbeweglich da und spiele den Beleidigten; sie traute ihm allen möglichen Verstand zu. Weil sie zufällig den langen Besen in der Hand hielt, suchte sie mit ihm Gregor von der Tür aus zu kitzeln. Als sich auch da kein Erfolg zeigte, wurde sie ärgerlich und stieß ein wenig in Gregor hinein, und erst als sie ihn ohne jeden Widerstand von seinem Platze geschoben hatte, wurde sie aufmerksam. Als sie bald den wahren Sachverhalt erkannte, machte sie

große Augen, pfiß vor sich hin, hielt sich aber nicht lange auf, sondern riß die Tür des Schlafzimmers auf und rief mit lauter Stimme in das Dunkel hinein: »Sehen Sie nur mal an, es ist krepirt; da liegt es, ganz und gar krepirt!«

Das Ehepaar Samsa saß im Ehebett aufrecht da und hatte zu tun, den Schrecken über die Bedienerin zu verwenden, ehe es dazu kam, ihre Meldung aufzufassen. Dann aber stiegen Herr und Frau Samsa, jeder auf seiner Seite, eiligst aus dem Bett, Herr Samsa warf die Decke über seine Schultern, Frau Samsa kam nur im Nachthemd hervor; so traten sie in Gregors Zimmer. Inzwischen hatte sich auch die Tür des Wohnzimmers geöffnet, in dem Grete seit dem Einzug der Zimmerherren schlief; sie war völlig angezogen, als hätte sie gar nicht geschlafen, auch ihr bleiches Gesicht schien das zu beweisen. »Tot?« sagte Frau Samsa und sah fragend zur Bedienerin auf, trotzdem sie doch alles selbst prüfen und sogar ohne Prüfung erkennen konnte. »Das will ich meinen,« sagte die Bedienerin und stieß zum Beweis Gregors Leiche mit dem Besen noch ein großes Stück seitwärts. Frau Samsa machte eine Bewegung, als wolle sie den Besen zurückhalten, tat es aber nicht. »Nun,« sagte Herr Samsa, »jetzt können wir Gott danken.« Er bekreuzte sich, und die drei Frauen folgten seinem Beispiel. Grete, die kein Auge von der Leiche wendete, sagte: »Seht nur, wie mager

er war. Er hat ja auch schon so lange Zeit nichts gegessen. So wie die Speisen hereinkamen, sind sie wieder hinausgekommen.« Tatsächlich war Gregors Körper vollständig flach und trocken, man erkannte das eigentlich erst jetzt, da er nicht mehr von den Beinchen gehoben war und auch sonst nichts den Blick ablenkte.

»Komm, Grete, auf ein Weilchen zu uns herein,« sagte Frau Samsa mit einem wehmütigen Lächeln, und Grete ging, nicht ohne nach der Leiche zurückzusehen, hinter den Eltern in das Schlafzimmer. Die Bedienerin schloß die Tür und öffnete gänzlich das Fenster. Trotz des frühen Morgens war der frischen Luft schon etwas Lauigkeit beigemischt. Es war eben schon Ende März.

Aus ihrem Zimmer traten die drei Zimmerherren und sahen sich erstaunt nach ihrem Frühstück um; man hatte sie vergessen. »Wo ist das Frühstück?« fragte der mittlere der Herren mürrisch die Bedienerin. Diese aber legte den Finger an den Mund und winkte dann hastig und schweigend den Herren zu, sie möchten in Gregors Zimmer kommen. Sie kamen auch und standen dann, die Hände in den Taschen ihrer etwas abgenützten Röckchen, in dem nun schon ganz hellen Zimmer um Gregors Leiche herum.

Da öffnete sich die Tür des Schlafzimmers, und Herr Samsa erschien in seiner Livree, an einem Arm seine Frau,

am anderen seine Tochter. Alle waren ein wenig verweint; Grete drückte bisweilen ihr Gesicht an den Arm des Vaters.

»Verlassen Sie sofort meine Wohnung!« sagte Herr Samsa und zeigte auf die Tür, ohne die Frauen von sich zu lassen. »Wie meinen Sie das?« sagte der mittlere der Herren etwas bestürzt und lächelte süßlich. Die zwei anderen hielten die Hände auf dem Rücken und rieben sie ununterbrochen aneinander, wie in freudiger Erwartung eines großen Streites, der aber für sie günstig ausfallen mußte. »Ich meine es genau so, wie ich es sage,« antwortete Herr Samsa und ging in einer Linie mit seinen zwei Begleiterinnen auf den Zimmerherrn zu. Dieser stand zuerst still da und sah zu Boden, als ob sich die Dinge in seinem Kopf zu einer neuen Ordnung zusammenstellten. »Dann gehen wir also,« sagte er dann und sah zu Herrn Samsa auf, als verlange er in einer plötzlich ihn überkommenden Demut sogar für diesen Entschluß eine neue Genehmigung. Herr Samsa nickte ihm bloß mehrmals kurz mit großen Augen zu. Daraufhin ging der Herr tatsächlich sofort mit langen Schritten ins Vorzimmer; seine beiden Freunde hatten schon ein Weilchen lang mit ganz ruhigen Händen aufgehorcht und hüpfen ihm jetzt geradezu nach, wie in Angst, Herr Samsa könnte vor ihnen ins Vorzimmer eintreten und die Verbindung mit ihrem Führer stören. Im Vorzimmer nahmen alle drei die Hüte vom Kleiderrechen,

zogen ihre Stöcke aus dem Stockbehälter, verbeugten sich stumm und verließen die Wohnung. In einem, wie sich zeigte, gänzlich unbegründeten Mißtrauen trat Herr Samsa mit den zwei Frauen auf den Vorplatz hinaus; an das Geländer gelehnt, sahen sie zu, wie die drei Herren zwar langsam, aber ständig die lange Treppe hinunterstiegen, in jedem Stockwerk in einer bestimmten Biegung des Treppenhauses verschwanden und nach ein paar Augenblicken wieder hervorkamen; je tiefer sie gelangten, desto mehr verlor sich das Interesse der Familie Samsa für sie, und als ihnen entgegen und dann hoch über sie hinweg ein Fleischergeselle mit der Trage auf dem Kopf in stolzer Haltung heraufstieg, verließ bald Herr Samsa mit den Frauen das Geländer, und alle kehrten, wie erleichtert, in ihre Wohnung zurück.

Sie beschlossen, den heutigen Tag zum Ausruhen und Spaziergehen zu verwenden; sie hatten diese Arbeitsunterbrechung nicht nur verdient, sie brauchten sie sogar unbedingt. Und so setzten sie sich zum Tisch und schrieben drei Entschuldigungsbriefe, Herr Samsa an seine Direktion, Frau Samsa an ihren Auftraggeber, und Grete an ihren Prinzipal. Während des Schreibens kam die Bedienerin herein, um zu sagen, daß sie fortgehe, denn ihre Morgenarbeit war beendet. Die drei Schreibenden nickten zuerst bloß, ohne aufzuschauen, erst als die Bedienerin sich

immer noch nicht entfernen wollte, sah man ärgerlich auf. »Nun?« fragte Herr Samsa. Die Bedienerin stand lächelnd in der Tür, als habe sie der Familie ein großes Glück zu melden, werde es aber nur dann tun, wenn sie gründlich ausgefragt werde. Die fast aufrechte kleine Straußfeder auf ihrem Hut, über die sich Herr Samsa schon während ihrer ganzen Dienstzeit ärgerte, schwankte leicht nach allen Richtungen. »Also was wollen Sie eigentlich?« fragte Frau Samsa, vor welcher die Bedienerin noch am meisten Respekt hatte. »Ja,« antwortete die Bedienerin und konnte vor freundlichem Lachen nicht gleich weiter reden, »also darüber, wie das Zeug von nebenan weggeschafft werden soll, müssen Sie sich keine Sorge machen. Es ist schon in Ordnung.« Frau Samsa und Grete beugten sich zu ihren Briefen nieder, als wollten sie weiterschreiben; Herr Samsa, welcher merkte, daß die Bedienerin nun alles ausführlich zu beschreiben anfangen wollte, wehrte dies mit ausgestreckter Hand entschieden ab. Da sie aber nicht erzählen durfte, erinnerte sie sich an die große Eile, die sie hatte, rief offenbar beleidigt: »Adjes allseits,« drehte sich wild um und verließ unter fürchterlichem Türezuschlagen die Wohnung.

»Abends wird sie entlassen,« sagte Herr Samsa, bekam aber weder von seiner Frau noch von seiner Tochter eine Antwort, denn die Bedienerin schien ihre kaum gewonnene

Ruhe wieder gestört zu haben. Sie erhoben sich, gingen zum Fenster und blieben dort, sich umschlungen haltend. Herr Samsa drehte sich in seinem Sessel nach ihnen um und beobachtete sie still ein Weilchen. Dann rief er: »Also kommt doch her. Laßt schon endlich die alten Sachen. Und nehmt auch ein wenig Rücksicht auf mich.« Gleich folgten ihm die Frauen, eilten zu ihm, liebkosten ihn und beendeten rasch ihre Briefe.

Dann verließen alle drei gemeinschaftlich die Wohnung, was sie schon seit Monaten nicht getan hatten, und fuhren mit der Elektrischen ins Freie vor die Stadt. Der Wagen, in dem sie allein saßen, war ganz von warmer Sonne durchschienen. Sie besprachen, bequem auf ihren Sitzen zurückgelehnt, die Aussichten für die Zukunft, und es fand sich, daß diese bei näherer Betrachtung durchaus nicht schlecht waren, denn aller drei Anstellungen waren, worüber sie einander eigentlich noch gar nicht ausgefragt hatten, überaus günstig und besonders für später vielversprechend. Die größte augenblickliche Besserung der Lage mußte sich natürlich leicht durch einen Wohnungswechsel ergeben; sie wollten nun eine kleinere und billigere, aber besser gelegene und überhaupt praktischere Wohnung nehmen, als es die jetzige, noch von Gregor ausgesuchte war. Während sie sich so unterhielten, fiel es Herrn und

Frau Samsa im Anblick ihrer immer lebhafter werdenden Tochter fast gleichzeitig ein, wie sie in der letzten Zeit trotz aller Pflege, die ihre Wangen bleich gemacht hatte, zu einem schönen und üppigen Mädchen aufgeblüht war. Stiller werdend und fast unbewußt durch Blicke sich verständigend, dachten sie daran, daß es nun Zeit sein werde, auch einen braven Mann für sie zu suchen. Und es war ihnen wie eine Bestätigung ihrer neuen Träume und guten Absichten, als am Ziele ihrer Fahrt die Tochter als erste sich erhob und ihren jungen Körper dehnte.

MANIFESTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO

Um Livro Extraordinário passou pelo teste do tempo e sobreviveu para nos contar sua história. Essas obras nos levam a outros lugares, nos apresentam pessoas e novos modos de pensar; nos transformam em exploradores e renovam as maneiras como experimentamos a vida cotidiana.

Ler é um ato de liberdade que transforma leitores em turistas imaginários. Todos têm o direito de visitar o País das Maravilhas, a Terra do Nunca, Lilliput, Camelot e até de viajar dentro da barriga de uma baleia. Queremos falar a mesma língua de Mowgli, do Pequeno Príncipe, do barão Münchhausen, de Mulan. Merecemos um passaporte universal. Nos recusamos a ser estrangeiros nos mundos extraordinários.

Libertaremos os mundos imaginários das estantes empoeiradas do domínio público. Abriremos suas portas escondidas sob o manto de outras línguas. Destruiremos as muralhas para revelar tesouros escondidos em outras línguas a leitores de zero a mil anos!

— •

literatura
livre

O projeto Literatura Livre, do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, traduz para o português as melhores obras da literatura, gratuitamente, em formatos digitais. A biblioteca que formou a identidade humana ao longo de mais de dois milênios está sendo reconstruída e organizada por nossa equipe e nossos apoiadores como uma ponte temporal, com temas tão atuais hoje como quando foram escritos. Nossa missão é aproximar o antigo e o novo, desmistificar o desconhecido, iluminar o conhecimento. Histórias geram empatia e transmitem sentimentos desde antes da escrita, e nós as usamos para estreitar os laços que nos unem como uma só espécie. A realização deste bem social conta com o apoio de parceiros, instituições e pessoas. Conheça quem está fazendo essa magia junto com o Instituto Mojo em nosso site e em nossas redes.



Desde 2018 o Instituto Mojo promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pelos meios digitais e dividido pelas diferenças culturais e ideológicas, tomamos como nosso o esforço de reunir a todos os interessados em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros. Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras em domínio público nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues. Visite nosso site e veja como apoiar as nossas ações.

  @institutomojo

www.mojo.org.br

FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração Regional no

Estado de São Paulo

[Regional Administration of São Paulo State]

Presidente do Conselho Regional

[Regional Board Chairman]

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

[Regional Department Director]

Danilo Santos de Miranda

Superintendente de Comunicação Social

[Social Communication Superintendent]

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Superintendente Técnico-Social

[Social-Technical Superintendent]

Rosana Paulo da Cunha

Gerentes

[Departments]

Sesc Digital

Fernando Amoedo Tuacek

Ação Cultural

[Cultural Action]

Érika Mourão Trindade Dutra

Assessoria de Relações Internacionais

[International Affairs]

Heloisa Pisani



**INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL**

[MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION]

Diretor Executivo

[Executive Director]

Ricardo Giassetti

Vice-Diretor Executivo

[Vice Executive Director]

Bruno Girello

Diretoria

[Board]

Tatiana Bornato, Thiago Fogaça, Luiz Fuganti,

Paulo Buarque de Gusmão

Conselheiro de Negócios

[Business Advisor]

Abel Reis

Curadoria Acadêmica

[Scholar Curatorship]

Ana Maria Haddad Baptista

Organizador e Produtor Literatura Livre

[Executive Producer]

Ricardo Giassetti

Curadores e Editores

[Curators and Editors]

Ricardo Giassetti, Renato Roschel e Camille Pezzino

Revisores

[Proofreading]

Camilla Pezzino, Rebeca Benício e Adriana Zoudine

Direção de Arte

[Art Director]

George Farwell

Ilustrações

[Illustrations]

Chrismontez de Brito

Editoração Digital e Ebooks

[Digital Art and Ebooks]

Fernando Ribeiro

Desenvolvedor

[Developer]

Andre Resende

Tradutores

[Translators]

Adriana Zoudine, Bruno Anselmi Matangrano, Camille Pezzino, Carol Chiovatto, Francisco de Araújo, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva, Lica Hashimoto, Luciana Cammarota, Luis S. Krausz, Mamede Jarouche, Nana Yoshida, Nina Rizzi, Renato Roschel, Ricardo Giassetti, Safa AC Jubran.

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Primeira Temporada, 2020

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — First Season, 2022]

O Leviaatã (*Der Leviathan*, 1938), Joseph Roth (1894–1939);
Crônicas do Japão (*Nihonshoki*, 720), Príncipe Toneri (676–735)
e Ō-no-Yasumaro (?–723); ***Viagens de Gulliver*** (*Gulliver's
Travels*, 1726), Jonathan Swift (1667–1745); ***El Zarco*** (*El Zarco*,
1901), Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893);
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (*The Folk Tales from
Southern Nigeria* (1910), Elphinstone Dayrell (1869–1917);
Zanzibar Tales (1901), George W. Bateman (1850–1940);
Where Animals Talk (1912), Robert Hamill Nassau (1835–
1921); ***Os miseráveis*** (*Albukhalā'*, 868), Aljāhiz (776–868); ***Sra.
Fragrância Primavera*** (*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far
(Edith Maude Easton, 1865–1914); ***Contos de crianças chinesas***
(*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far (Edith Maude Easton,
1865–1914); ***As roupas fazem as pessoas*** (*Kleider machen Leute*,
1874), Gottfried Keller (1819–1890); ***Contos sardos*** (*Racconti
Sardi*, 1894), Grazia Deledda (1871–1936); ***Pássaros sem ninho***
(*Aves sin nido*, 1889), Clorinda Matto de Turner (1853–1909);
Coração das trevas (*Heart of Darkness*, 1899), Joseph Conrad
(1857–1924); ***Histórias do tio Karel*** (*Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales*, 1914), Sanni Metelerkamp (1867–1945)

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Segunda Temporada, 2022

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — Second Season, 2022]

Mil novecentos e oitenta e quatro (*Nineteen Eighty Four*, 1949), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903–1950) • ***Contos de amor de loucura e de morte*** (*Cuentos de amor de loucura y de muerte*, 1917), Horacio Quiroga (1878–1937) • ***Contos da selva*** (*Cuentos de la selva*, 1918), Horacio Quiroga (1878–1937) • ***O boneco raivoso*** (*El juguete rabioso*, 1926), Roberto Arlt (1900–1942) • ***O ventre de Nápoles*** (*Il ventre di Napoli*, 1884–1905), Matilde Serao (1856–1927) • ***A metamorfose*** (*Die Verwandlung*, 1915), Franz Kafka (1883–1924) • ***Hōjōki — Anotações na solidão da cabana*** (*Hōjōki ou 方丈記*, 1212), Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216) • ***O retorno*** (*Возвращение*, 1946), Andrei Platonov (1899–1951) • ***Gravuras cariocas*** (*Aguafuertes cariocas*, 1930), Roberto Arlt (1900–1942) • ***Xingu*** (*Xingu*, 1916), Edith Wharton (1862–1937) • ***Avatar*** (*Avatar*, 1856), Théophile Gautier (1811–1872) • ***A Bota de Ferro*** (*The Iron Heel*, 1908), Jack London (1876–1916) • ***Na baía*** (*At the Bay*, 1922), Katherine Mansfield (1888–1923) • ***Livro do tigre e do raposo*** (*Kitāb Annamir wa Atṭaʿlab*, séc. 9), Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.) • ***Contos malévolos*** (*Cuentos malevolos*, 1904), Clemente de Palma (1872–1946)